



**WORLD UNIVERSITY ECUMENICAL  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
DOUTORADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO**

**RAIMUNDA CLEOMAR PEREIRA ROCHA**

**LEITURA E ESCRITA E SUAS DIFICULDADES NA PERSPECTIVA DA  
CONSTRUÇÃO DE UMA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA NA E.E.I.E.F.  
CORONEL RAIMUNDO DE OLIVEIRA NO MUNICÍPIO DE CAUCAIA-CE**

**WORLD UNIVERSITY ECUMENICAL  
SCHOOL OF EDUCATION**

**2023**

**RAIMUNDA CLEOMAR PEREIRA ROCHA**

**LEITURA E ESCRITA E SUAS DIFICULDADES NA PERSPECTIVA DA  
CONSTRUÇÃO DE UMA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA NA E.E.I.E.F.  
CORONEL RAIMUNDO DE OLIVEIRA NO MUNICÍPIO DE CAUCAIA-CE**

Tese apresentada ao Programa de Pós Graduação em Ciências da Educação, da World University Ecumenical, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Ciências da Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Josefa Gomes Neta, PhD.

**WORLD UNIVERSITY ECUMENICAL  
SCHOOL OF EDUCATION**

**2023**

PESQUISADORA: Raimunda Cleomar Pereira Rocha

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: Educação.

LINHA DE PESQUISA: Representações sociais e práticas educativas

PÓS-GRADUAÇÃO EM: Ciências da Educação.

NIVEL: Doutorado

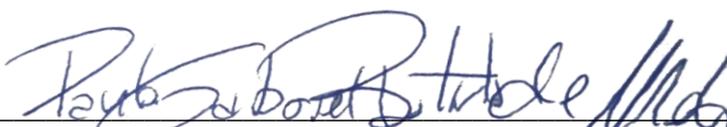
TÍTULO DA TESE: Leitura e escrita e suas dificuldades na perspectiva da construção de uma aprendizagem significativa na E.E.I.E.F. Coronel Raimundo de Oliveira no Município de Caucaia-CE

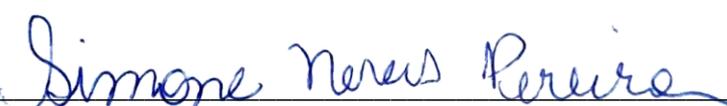
ORIENTADORA: Profa. Dra. Josefa Gomes Neta

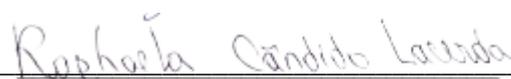
A Tese de autoria da pesquisadora Raimunda Cleomar Pereira Rocha foi **APROVADA** em reunião pública realizada na Representação WORLD UNIVERSITY ECUMENICAL dos USA pela seguinte Banca Examinadora:

NOME ASSINATURA

  
Prof. Dr. Jorge Luís Pereira Correia  
Presidente

  
Prof. Dr. Paulo Gabriel Batista de Melo  
Examinador Interno

  
Profa. Dra. Simone Neves Pereira  
Examinadora Interna

  
Profa. Dra. Raphaela Cândido Lacerda  
Examinadora externa

  
Profa. Dra. Josefa Gomes Neta  
Orientadora

## FICHA CATALORÁFICA

ROCHA, Raimunda Cleomar Pereira

Leitura e escrita e suas dificuldades na perspectiva da construção de uma aprendizagem significativa na E.E.I.E.F. Coronel Raimundo de Oliveira no Município de Caucaia-CE- 2023/154 p: il. color.

Digitado.

Tese de doutorado – (Pós-Graduação em Educação) apresentada a World University Ecumenical

Orientadora: Profa. Dra. Josefa Gomes Neta

1. Dificuldade de leitura. 2. Alunos. 3. Professor.

Dedico aos amores da minha vida, que estiveram ao meu lado em toda essa caminhada, incansavelmente e são a razão do meu viver, meus filhos!

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço em primeiro lugar a Deus que iluminou o meu caminho durante esta caminhada.

Agradeço também a minha mãe, Maria Rocha, que mesmo do céu me deu força e coragem, me apoiando em busca de conhecimentos em todos os momentos de dificuldades;

Aos meus filhos Ítalo, Marina e meu companheiro Arnoud, que tiveram a paciência de conviver com minha ausência, certos do meu amor, me iluminando de maneira especial em cada pensamento;

A cada criança que passou pelo meu caminho, levando um pouco de mim e deixando muito de si;

Aos meus queridos amigos Naldo e Thânia que me apoiaram e me incentivaram nos momentos mais difíceis dessa caminhada;

E a minha orientadora Prof.<sup>a</sup> Dra. Josefa Gomes Neta pelo carinho e contribuição para a realização desse trabalho. Obrigada a todos aqueles que acreditaram que eu chegaria ao fim, conquistando essa vitória tão desejada e esperada, numa batalha incansável pelo sucesso.

A maior parte do tempo de um escritor é passado na leitura, para depois escrever; uma pessoa revira metade de uma biblioteca para fazer um só livro.

Samuel Johnson

## RESUMO

Este estudo apresenta uma análise sobre a Leitura e escrita e suas dificuldades na perspectiva da construção de uma aprendizagem significativa na E.E.I.E.F. Coronel Raimundo de Oliveira no Município de Caucaia-CE. Tem como ponto central, identificar as dificuldades de aprendizagem em leitura e escrita e entender como o letramento acontece nas atividades em sala de aula com seus alunos na medida em que estes alfabetizam, um é dar condições ao sujeito de ser capaz de ler (decodificar) e escrever (codificar), além de fazer uso adequado da língua escrita, significa orientar a criança para o domínio da tecnologia da escrita, para isso, faz-se necessário um aprofundamento teórico para melhor compreender estas “dificuldades”. De acordo com as teorias de Freire (1989), Martins (2004), Solé (2007), Kramer (2010), entre outros teóricos, pois a leitura sempre esteve presente na vida da criança, sendo considerado um processo que acontece na história e faz parte da Educação de forma recreativa e motivadora onde deve ser orientada pelos seus professores. Para atingir os objetivos propostos optou-se por uma pesquisa desenvolvida dentro do método qualitativo, e quanto ao tipo este estudo se classifica como uma pesquisa de campo, exploratória-descritiva, para isso foi aplicado um questionário semi-estruturado com professores da referida unidade escolar e os dados obtidos receberam tratamento e a análise dos dados foi realizada dentro de uma abordagem quali-quantitativa sendo apresentado em quadros. Sabe-se que devido a estas dificuldades muitos alunos acabam por produzir um sentimento de fracasso escolar, fato que acarreta, em alguns casos, a evasão escolar deste alunado. Diante da necessidade de se discutir temas tão urgentes apresentam como ênfase deste estudo: caracterizar o que são dificuldades de aprendizagem em leitura e escrita e refletir quais são as possibilidades de intervenções pedagógicas dentro do contexto escolar que motivem e auxiliem na superação das dificuldades de aprendizagem dos alunos.

**Palavras –Chave:** Dificuldade de leitura. Alunos. Professor.

## ABSTRACT

This study presents an analysis on Reading and writing and its difficulties in the perspective of building a meaningful learning in the E.E.I.E.F. Colonel Raimundo de Oliveira in the Municipality of Caucaia-CE. Its central point is to identify learning difficulties in reading and writing and to understand how literacy happens in classroom activities with its students as they become literate, one is to provide conditions for the subject to be able to read (decode) and writing (coding), in addition to making adequate use of the written language, means guiding the child to master the technology of writing. For this, a theoretical deepening is necessary to better understand these "difficulties". According to the theories of Freire (1989), Martins (2004), Solé (2007), Kramer (2010), among other theorists, as reading has always been present in the child's life, being considered a process that happens in history and it is part of Education in a recreational and motivating way where it should be guided by its teachers. In order to reach the proposed objectives, research developed within the qualitative method was chosen, and as for the type, this study is classified as field research, exploratory-descriptive, for which a semi-structured questionnaire was applied with teachers of the referred school unit. and the data obtained received treatment and the analysis of the data was carried out within a quali-quantitative approach being presented in tables. It is known that due to these difficulties, many students end up producing a feeling of school failure, a fact that, in some cases, leads to school dropout of this student body. Faced with the need to discuss such urgent issues, the emphasis of this study is: to characterize what are learning difficulties in reading and writing and to reflect on what are the possibilities of pedagogical interventions within the school context that motivate and help in overcoming the learning difficulties of students. students.

**Keywords:** Difficulty reading. Students. Teacher.

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1-</b> como é realizado o processo de leitura para os alunos dessa escola? .....	<b>1185</b>
<b>Quadro 2-</b> de acordo com as práticas de leitura aplicada, quais as dificuldades encontradas em sala de aula? .....	<b>1217</b>
<b>Quadro 3-</b> os professores buscam outras dinâmicas para realizar a prática da leitura?.....	<b>1241</b>
<b>Quadro 4-</b> de que forma os professores podem identificar as dificuldades de leitura em seus alunos? .....	<b>1263</b>
<b>Quadro 5-</b> as metodologias usadas para realizar a prática da leitura em sala são suficientes? Sim ou não? Justifique.....	<b>1285</b>
<b>Quadro 6-</b> qual o posicionamento da escola em relação aos processos da dificuldade de leitura? .....	<b>1318</b>
<b>Quadro 7-</b> os professores possuem capacitação para essas dificuldades com o uso da leitura? Sim ou não? Justifique.....	<b>101</b>
<b>Quadro 8-</b> quais os recursos usados em sala de aula no processo da leitura?.....	<b>103</b>

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>1 - HISTÓRICO E LEGISLAÇÃO EDUCACIONAL.....</b>	<b>18</b>
1.1 CONTEXTO HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO NO BRASIL.....	21
1.2 A BNCC E O CONTEXTO DAS HABILIDADES NO ENSINO FUNDAMENTAL..	27
1.3 DESENVOLVIMENTO DA APRENDIZAGEM NA ESCOLA.....	32
1.4 A LEITURA NA ANTIGUIDADE E A LEITURA NOS DIAS ATUAIS.....	39
<b>1.4.1 O surgimento da leitura.....</b>	<b>43</b>
<b>1.4.2 O desenvolvimento da leitura.....</b>	<b>53</b>
1.5 O PROCESSO DA ALFABETIZAÇÃO E DO LETRAMENTO.....	63
<b>1.5.1 Os Métodos de Alfabetização.....</b>	<b>73</b>
1.5.1.1 Os Métodos Sintéticos.....	73
1.5.1.2 Os Métodos Analíticos.....	77
<b>2 - OS NOVOS MÉTODOS UTILIZADOS NA APRENDIZAGEM DA LEITURA NA ATUALIDADE.....</b>	<b>81</b>
2.1 AS NOVAS MEDIAÇÕES PEDAGÓGICAS.....	87
2.2 DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NA LEITURA.....	97
2.3 COMO AVALIAR OS ALUNOS COM DIFICULDADES NA LEITURA.....	102
<b>3 - METODOLOGIA.....</b>	<b>110</b>
3.1 UNIVERSO DA PESQUISA .....	110
3.2 TIPO DE PESQUISA.....	112
3.3 MÉTODO DE PESQUISA .....	113
3.4 POPULAÇÃO E AMOSTRA.....	115
<b>3 - RESULTADOS E DISCUSSÃO.....</b>	<b>117</b>
4.1. PERFIL DA AMOSTRA.....	117
<b>4.1.2 Dados Relativos aos Objetivos da Pesquisa.....</b>	<b>118</b>

4.2 ENTREVISTAS COM OS PROFESSORES (4 PARTICIPANTES) DA E.E.I.E.F. CORONEL RAIMUNDO DE OLIVEIRA DO MUNICÍPIO DE CAUCAIA-CE.....	118
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>139</b>
5.1 RECOMENDAÇÕES.....	144
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>146</b>
<b>APÊNDECE.....</b>	<b>151</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>152</b>
4.1. PERFIL DA AMOSTRA.....	117
<b>4.1.2 Dados Relativos aos Objetivos da Pesquisa.....</b>	<b>118</b>
4.2 ENTREVISTAS COM OS PROFESSORES (4 PARTICIPANTES) DA E.E.I.E.F. CORONEL RAIMUNDO DE OLIVEIRA DO MUNICÍPIO DE CAUCAIA-CE.....	118
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>139</b>
5.1 RECOMENDAÇÕES.....	144
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>146</b>
<b>APÊNDECE.....</b>	<b>151</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>152</b>

## INTRODUÇÃO

Conscientes da importância do papel da leitura e da escrita no desenvolvimento do indivíduo, este estudo apresenta reflexões e propostas para amenizar as dificuldades de aprendizagens escolares com base em literaturas pesquisadas e análise das experiências vivenciadas; cita subsídios que possa favorecer uma prática pedagógica mais dinâmica, significativa e de qualidade, além de propiciar condições para o educando sentir-se seguro da própria capacidade de construir conhecimentos na busca de soluções de problemas dentro de situações do cotidiano.

A temática sobre leitura e escrita e suas dificuldades na perspectiva da construção de uma aprendizagem significativa na E.E.I.E.F. Coronel Raimundo de Oliveira no município de Caucaia-CE, sempre me interessou, pois durante meu percurso escolar percebia que muitos alunos por mais que tentassem, simplesmente não conseguiam aprender determinados conteúdos e não havia nenhuma razão ou deficiência aparente para isso e com frequência o que acabava acontecendo, era a rotulação destes alunos como incapazes, 'burros ou mesmo preguiçosos'.

Quando se pensa nos desafios relacionados à experiência da criança com a educação institucionalizada, é importante analisar esse momento além da simples tarefa de ensinar a ler e escrever. Por conta disso, a proposta pedagógica deve ter norteamentos bem claros, com diretrizes que realmente deem o impulso para o aluno avançar na construção do seu desenvolvimento pleno. Já é fato incontestável que a criança não é uma tábula rasa a ser preenchida com uma coleção de informações e a apropriação da língua escrita, fruto de um processo cognitivo, que não é determinado pelo ensino formal. Como algumas escolas parecem querer negar esse fato, acaba havendo disparidades entre o ato de escrever das crianças e a interpretação sobre essa atividade.

Alfabetizar é a arte da criatividade que representa o mundo através da palavra, fundindo os sonhos e a realidade da vida prática, transformando-a em um processo de contínuo aprendizado no convívio escolar, formando leitores que tenham um envolvimento integral com aquilo que lêem, para que a cada leitura adquiram mais profundidade e intimidade com o mundo, fazendo perguntas e

buscando respostas para produzir um contínuo aprendizado, desenvolvendo a reflexão e um espírito crítico.

A importância de se estudar as Dificuldades de Aprendizagem (DA) é entender os processos psicológicos básicos envolvidos na compreensão ou utilização da linguagem falada ou escrita, que pode manifestar-se por uma aptidão imperfeita de escutar, pensar, ler e escrever; as dificuldades de leitura e escrita são as mais comuns e são extremamente prejudiciais ao desenvolvimento educacional dos indivíduos, tanto nos resultados, quanto à motivação, à auto-estima, ao sucesso profissional e a outros aspectos da vida, além da escola. Nas séries iniciais, o processo de alfabetização pode ocasionar dificuldades no processo de aquisição da leitura e da escrita assim como no processo de alfabetização comporta essa aprendizagem coletiva e simultânea dos rendimentos.

As Dificuldades de Aprendizagem em crianças que se encontram em processo de alfabetização são bem frequentes e os professores de alfabetização também enfrentam obstáculos ao lidarem com as Dificuldades de Aprendizagem dos alunos e, conseqüentemente, com eles.

Com a permanência das diversas Dificuldades de Aprendizagem envolvendo alunos da escola pública no processo de leitura e escrita, Alfabetização e Letramento, diversas pesquisas relatam que são muitas as crianças encaminhadas para atendimentos especializados, pois cada vez mais aumenta o índice de reprovação. Na intenção de promover uma produção textual este estudo teve como base, referenciais teóricos e pesquisa de campo e bibliográfica com aplicação de questionário, portanto tendo como **problemática**: Quais as dificuldades de aprendizagem de leitura e escrita enfrentadas pelos alunos dos anos iniciais do ensino fundamental da E.E.I.E.F. Coronel Raimundo de Oliveira? Analisando nesse contexto temo como **hipótese** as seguintes observações, se faz necessário compreender que cada aluno tem o seu próprio tempo para aprender; é preciso desenvolver as habilidades da criança de fazer uso da leitura e da escrita no cotidiano; desenvolver a capacidade de se inteirar diante da leitura de textos novos. Essa realidade, pode levar muitas vezes, a certo engano em relação a capacidade da criança que não aprende no tempo esperado ou predeterminado pelo calendário escolar.

É nesse contexto que esse processo de leitura e escrita assegurando aos alunos tanto a apropriação do sistema alfabético ortográficos da língua, quanto o domínio das práticas de leitura e de escrita. Nesse sentido, vimos que há necessidade de melhor caracterizar as dificuldades de aprendizagem em leitura e escrita, para compreendê-las e realizar uma reflexão quanto às possibilidades de os docentes trabalharem com estes alunos em sala de aula, de forma que essas dificuldades sejam minimizadas ou superadas gerando assim uma maior autoconfiança e motivação em aprender para estes alunos.

O trabalho tem como **objetivo geral** analisar as dificuldades no ensino e aprendizagem da E.E.I.E.F Coronel Raimundo de Oliveira, conhecer o processo de letramento nas séries iniciais do ensino fundamental da escola pesquisada. Assim como nos **objetivos específicos** se faz necessário detectar a que nível de dificuldade de aprendizagem a E.E.I.E.F. Coronel Raimundo de Oliveira esses alunos se encontram; compreender quais os problemas que essas dificuldades podem ocasionar; rever estratégias para tentar minimizar essas dificuldades.

Neste viés, a pesquisa **justifica-se** que a escolha desse tema partiu da experiência vivenciada no decorrer de minhas experiências em sala de aula, pude presenciar a dificuldade encontrada por muitos alunos do ensino fundamental da Escola E.E.I.E.F. Coronel Raimundo de Oliveira, dificuldades essas em crianças que se encontram em processo de alfabetização, são bem frequentes, assim como os professores também enfrentam obstáculos ao lidarem com essas dificuldades.

Alfabetizar é a arte da criatividade que representa o mundo através da palavra, fundindo os sonhos e a realidade da vida prática, transformando-a em um processo de contínuo aprendizado no convívio escolar, formando leitores que tenham um envolvimento integral com aquilo que leem, para que a cada leitura adquiram mais profundidade e intimidade com o mundo, fazendo perguntas e buscando respostas para produzir um contínuo aprendizado, desenvolvendo a reflexão e um espírito crítico.

Decorrente a este envolvimento, os alunos tem certa limitação em sua aprendizagem, pois através da metodologia usada na obtenção de resultados os questionários aplicados são de suma importância. No decorrer desta construção

textual se tem uma breve viagem no campo da descoberta da leitura no mundo desde a sua fundação até a sua aceitação entre dois mundos conhecidos pelos adultos e crianças.

A definição de dificuldade de aprendizagem é uma das mais difíceis para aqueles que trabalham diretamente com educação, pois engloba fatores cognitivos do educando, bem como o seu desenvolvimento e também aspectos comportamentais. As dificuldades de aprendizagem correspondem a uma categoria ampla de fenômenos que podem influenciar negativamente o aprendizado. Abrangem os problemas de aprendizagem e os problemas escolares, isto é, o modo como a escola lida com o processo de ensino-aprendizagem. Enquanto os problemas de aprendizagem concentram o peso da dificuldade no aluno, as dificuldades de aprendizagem incluem os fatores externos ao aluno. No caso da escola, são os problemas de origem pedagógica.

A pesquisa foi embasada por análises de autores que se dedicaram, e alguns ainda se dedicam ao estudo da leitura. Foi usado como alicerce também, pesquisas bibliográficas através de artigos, livros, e-books e revistas que falam sobre o assunto. Apesar de o estudo ter tido embasamento diversificado, de contextos históricos e sociais diversos, foi visto uma variação no decorrer do tempo, ou seja, foi percebido um aumento, embora pequeno nos últimos anos. Essa mudança decorreu da possibilidade de acesso aos livros didáticos nas escolas, por parte dos alunos, uma vez que os comprar seria impossível para muitos destes. Tanto a escola, quanto o professor têm papéis imprescindíveis na construção do hábito da leitura discente.

Vem se referenciando a importância da leitura para os alunos da escola pesquisa da como prática observatório e referenciada como base qualitativa. Portanto na intenção de participar de forma ativa desta produção textual é válido entender o posicionamento da escola pesquisada diante os resultados obtidos na questão das dificuldades das leituras realizadas nas series iniciais.

Observar no processo de ensino e aprendizagem no campo da leitura se produz uma viagem pelo mundo e assim concretiza opiniões que partem das práticas pedagógicas aplicadas em sala de aula. Este trabalho está dividido em

cinco capítulos com subtópicos que envolvem o processo de leitura, pois estão classificados da seguinte forma:

Capítulo I, vem abordando a revisão literário com os posicionamentos dos autores diante da importância da leitura, na antiguidade e a leitura nos dias atuais, o seu surgimento e desenvolvimento.

Capítulo II, se tem o compromisso de repassar informações sobre relatos de experiência sobre a importância da leitura em sala de aula e as causas das dificuldades da leitura em sua prática diária, portanto, analisar o processo e os novos métodos utilizados na aprendizagem da leitura na atualidade, as novas mediações pedagógicas das dificuldades de aprendizagem na leitura, como avaliar os alunos com essas dificuldades.

Capítulo III destaca os aspectos metodológicos da pesquisa com ênfase no tipo, universo, população e amostra, assim como os instrumentos para a coleta de dados, com importantes reflexões sobre o campo de pesquisa com caracterização dos aspectos que fundamentaram o presente estudo.

No capítulo IV traz os resultados e discussões sobre a pesquisa, com uma leitura analítica dos dados apresentados, enfatizando pontos relevantes, quanto às informações obtidas que são mostradas através de quadros, seguidos de uma reflexão crítica com a contribuição de importantes autores que embasaram o presente estudo. Na realização deste quarto capítulo foi de suma importância conhecer e reconhecer o papel do professor dentro da sala de aula, pois é necessário entender como esses resultados expressivos na vida prática dos alunos pertencente ao ensino público de escola simples, mas com qualidade de ensino para vida inteira de seus integrantes.

E por último as considerações finais com importantes questionamentos e posicionamento crítico sobre a temática, destacando aspectos significativos da pesquisa e mostrando a relevância do estudo para uma compreensão sobre a leitura e escrita e suas possíveis soluções de melhoramento numa construção coletiva entre todos os integrantes do corpo escolar para melhorar a qualidade da educação e adaptar melhor as especificidades dos alunos.

## 1. HISTÓRICO E LEGISLAÇÃO EDUCACIONAL

A legislação da educação pode ser considerada como o corpo ou conjunto de leis referentes à educação, seja ela estritamente voltada ao ensino ou às questões à matéria educacional, como, por exemplo, a profissão de professor, a democratização de ensino ou as mensalidades escolares. O Sistema Educacional Brasileiro é regulamentado por inúmeras legislações. O principal grupo é composto pela Constituição Nacional e pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Neste capítulo, vou me dedicar a conversar um pouquinho sobre o texto da CF/88 e da LDB.

O dever do Estado de oferta da educação se concretiza a partir da ação, em especial das políticas públicas. Ainda assim, a partir da nova ordem geral da educação nacional, decorrente da Lei 9.394/96, poderíamos de alguma forma cogitar o uso das expressões legislação educacional e legislação de ensino. Existe um longo percurso histórico até se chegar no campo democrático atual. Cabe salientar que a participação da sociedade foi essencial, visto que a educação, em seu sentido amplo, não é apenas dever do Estado e não acontece apenas em espaços escolares ou instituições de pesquisa.

No percurso histórico do Brasil, a necessidade básica de acesso à escrita e leitura foi ampliada para a formação integral do indivíduo e sua preparação para o mundo. Quando utilizarmos a expressão legislação educacional ou legislação da educação estaremos nos referindo à legislação que trata da educação escolar, nos níveis de educação (básica e superior). A essencial necessidade individual passa a ser coletiva no decorrer do tempo, imaginando-se que a preparação é para o desenvolvimento pleno do cidadão.

A educação é “direito fundamental” descrito na Constituição Federal. Quando dizemos legislação educacional estamos nos referindo, portanto, de forma geral, à educação básica (educação infantil, ensino fundamental e ensino médio) e à educação superior. Sua importância está explícita no texto constitucional; porém, mesmo com elevação substancial dos investimentos, a educação ainda passa por inúmeras dificuldades, e os aspectos legais muitas vezes não são respeitados e são tratados apenas como norma programática.

A participação de todos os envolvidos com educação é inegavelmente caminho para evoluir na melhoria da oferta desse direito. Se desejo referir-me aos níveis de ensino fundamental e ensino médio, que formam a educação básica, posso utilizar a expressão legislação do ensino fundamental ou legislação do ensino médio. A Gestão Democrática, princípio constitucional da educação, precisa ser efetivada; entretanto, a gênese da sociedade brasileira trouxe baixa participação em processos populares, e essa mudança de paradigma ainda tomará um tempo.

A educação na Constituição tem sua primeira manifestação, no Brasil, na Constituição Luso-Brasileira de 1822, com uma pequena passagem que tratava das Câmaras, que teriam, dentre outras, a atribuição de cuidar das escolas de primeiras letras e de outros estabelecimentos de educação que fossem pagos pelos rendimentos públicos. A Constituição de 1824, sobre educação, apenas trouxe a gratuidade da instrução primária para todos os cidadãos e a possibilidade de criação de colégios e universidades (Redação dada pela Emenda Constitucional n. 59, de 2009).

Certo é que a legislação educacional pode ser, pois, tomada como corpo ou conjunto de leis referentes à educação. É um complexo de leis cujo destinatário é o homem trabalhador ou o homem consumidor. Em 1891, com a nova constituição, um modelo de gestão educacional foi estabelecido. A União era competente para legislar sobre o ensino superior, enquanto os Estados legislariam sobre o ensino primário e secundário. Contudo, a criação de instituições de ensino não foi disciplinada e, com isso, União e Estados podiam criar estabelecimentos de qualquer nível.

É este o sentido de legislação como legis data<sup>1</sup>. A legislação se revela, sobretudo, em regulamentos ditos orgânicos ou ordenados, expedidos pelos magistrados em face da outorga popular. Na Constituição de 1934, a matéria educacional evolui, e desenha-se algo próximo ao modelo atual, com planejamento e criação de um órgão central para normatização. Somente em 1946 tivemos a ideia

---

<sup>1</sup> Legislação, Constituição, Código, Regulamento, Regimento, Carta, Estatuto, Repertório.

de que a União traçaria as diretrizes e normas gerais, e os Estados teriam competência legislativa residual.

A legislação educacional, como nos parece sugerir, é uma disciplina de imediato interesse do Direito ou mais precisamente do Direito Educacional. Mas um olhar interdisciplinar dirá que ela é central na Pedagogia quando no estudo da organização escolar. No que concerne à Constituição Federal de 1988, conhecida como constituição cidadã, a educação assume caráter progressista um grande avanço ao país democrático em que vivemos, que ensejou a necessidade de criação de uma lei educacional para o país. Aqui está o nascedouro da atual LDB, Lei n. 9.394/96 (BRASIL, 1996).

Por não termos alcançado, ainda, uma fase de pleno gozo de equidade, diríamos que a legislação educacional é até final do século XX a única forma de Direito Educacional que conhecemos e vivenciamos na estrutura e funcionamento da educação brasileira. Em 1988, a Constituição Federal tinha como direito subjetivo apenas a oferta do Ensino Fundamental, que à época tinha duração de 8 anos, com início aos 7 anos. Muitas mudanças aconteceram no texto constitucional, bem como na LDB. A emenda mais atual que versa sobre o assunto é a EC n. 59/2009. Muitas normas da CF/88 ainda estão em discordância com o próprio texto constitucional e com a norma legal (LDB 9.394/96).

Verifiquem o artigo 210 da CF/88, que versa somente sobre os conteúdos mínimos para o Ensino Fundamental, o qual, na LDB, é tratado como o mínimo para a educação básica e para a instituição de uma base nacional comum curricular. O artigo 208 § 3º também trata apenas do Ensino Fundamental, enquanto a LDB faz referência à educação básica. E o dever da progressiva universalização do ensino médio gratuito não faz sentido, pois a LDB, norma infraconstitucional, dispõe sobre a obrigatoriedade de sua oferta, não deixando brechas para a faculdade de oferta progressiva.

É importante destacar o artigo 214, que tratou especificadamente sobre o Plano Nacional de Educação, o que não aconteceu com a LDB, vejam:

A lei estabelecerá o plano nacional de educação, de duração decenal, com o objetivo de articular o sistema nacional de educação em regime de colaboração e definir diretrizes, objetivos, metas e estratégias de implementação para assegurar a manutenção e desenvolvimento do ensino em seus diversos níveis, etapas e modalidades por meio de ações integradas dos poderes públicos das diferentes esferas federativas que conduzam a: (Redação dada pela Emenda Constitucional n. 59, de 2009). I – Erradicação do analfabetismo; II – universalização do atendimento escolar; III – melhoria da qualidade do ensino; IV – formação para o trabalho; V – promoção humanística, científica e tecnológica do País. VI – Estabelecimento de meta de aplicação de recursos públicos em educação como proporção do produto interno bruto. (Incluído pela Emenda Constitucional n. 59, de 2009) (BRASIL 1988).

Tratando um pouco da LDB, é possível verificar que atendem ao seu objetivo de traçar as normas e diretrizes gerais para a educação nacional. Ela é o principal instrumento jurídico da área e traz a ênfase do Direito Educacional, com normas de aplicação imediata e outras programáticas.

Desta forma, a legislação educacional pode ser entendida como a soma de regras instituídas regular e historicamente a respeito da educação. Instituída pela Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, a LDB promove a descentralização e a autonomia para as escolas e universidades, além de estabelecer um processo regular de avaliação do ensino. Todas as normas educacionais, legais e infralegais, leis e regulamentos, com instrução jurídica, relativas ao setor educacional, na contemporaneidade e no passado, são de interesse da legislação educacional. Seu texto atual e completo está disponível no *site* do planalto e deve ser constantemente consultado, pois essa lei já sofreu, pelo menos, 15 alterações desde a sua criação.

## 1.1 CONTEXTO HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO NO BRASIL

A história da educação no Brasil começa em 1549 com a chegada dos primeiros padres jesuítas, inaugurando uma fase que haveria de deixar marcas profundas na cultura e civilização do País. João VI, meritória em muitos aspectos, voltou-se para as necessidades imediatas da Corte Portuguesa no Brasil. Em 1549

junto com o governador Tomé de Souza. Com a chegada dos primeiros jesuítas o Brasil e com eles começa o desenvolvimento da educação no Brasil.

No século XVII, os graus acadêmicos obtidos nessas escolas eram, juntamente com a propriedade de terra e escravos, critérios importantes de classificação social. (RIBEIRO, 1984, p. 29). Os jesuítas então formavam e educavam os filhos dos colonizadores, eles aprendiam a ler, escrever e eram instruídos no ensino secundário e depois se formavam em faculdades de Portugal, já para os indígenas muito pouco era ensinado, mal ler e escrever. Eles tinham um sistema educacional muito bem planejado que atendeu as necessidades da igreja católica por um período muito pequeno, apenas 210 anos.

Em 1759 o Marques de Pombal primeiro ministro de Portugal foi incumbido pelo rei de Portugal a dar início a uma grande reforma, pois perto da Inglaterra e França o país parecia uma província sem nenhuma evolução industrial. Pombal então expulsou os jesuítas de todo território português bem como de todas as colônias portuguesas, inclusive o Brasil. Desmantelou-se o sistema educacional no Brasil. Influenciado pelas ideias iluministas, ele transfere o monopólio de educação para as mãos do estado. Apesar da expulsão transitória dos jesuítas do Brasil no fim do Século XVIII, a Igreja preservou sua força na sociedade civil ainda nas fases do Império e da Primeira República (ROMANELLI, 2005, p.48).

A preocupação dos jesuítas era a catequese dos índios e o ensino das primeiras letras aos filhos dos colonos. A despreocupação com a escola se devia ao fato de ser uma colônia rural em que se dependia apenas da força braçal. O estado não tinha a experiência e acabou sendo organizado sem nenhum conhecimento e não funcionou.

Em 1808 quando D. João VI, toda a família real e a comitiva da chegada ao Brasil a coisa mudou um pouco. A família real sentindo falta da cultura europeia cria uma estrutura cultural semelhante: a imprensa real, a primeira biblioteca e os primeiros cursos de graduação (que são exército e marinha).

Dom João VI abriu Academias Militares (Academia Real da Marinha (1808) e Academia Real Militar (1810)), Escolas de Medicina (a partir de 1808, na Bahia e no Rio de Janeiro), Museu Real (1818), a Biblioteca Real (1810), o Jardim Botânico (1810) e, sua iniciativa mais marcante em termos de mudança, a Imprensa Régia (1808) (wikipedia.org).

A educação escolar continuava sendo privilégio de alguns membros das elites. Com a diferença de que são criados alguns cursos que poderiam ser considerados precursores das primeiras faculdades. E assim se passaram os anos e chegamos ao início do século XX quando o nível de escolarização da população brasileira ainda era baixíssimo. A família real ficou até 1821. De 1822 a 1889 houve necessidade de criar uma Constituição do Império.

Durante o período militar nasceu a LDB 5.692/71 que, por muitos anos norteou o ensino de primeiro e segundo graus, no país. A LDB pode ser considerada, ao mesmo tempo, um avanço e um tropeço.

Avanço porque normatizou o sistema escolar nacional, que até esse momento não estava completamente organizada. Foi um tropeço porque a escola nacional se tornou dependente dos interesses norte-americanos, em razão dos acordos MEC-Usaid. E a proposta de profissionalização não surtiu efeito, pois os cursos profissionalizantes não deram conta de preparar os jovens para o mercado de trabalho.

Seu efeito foi o de, por algum tempo, diminuir a demanda por vagas nas portas das universidades, em 1824 a educação elementar e a educação secundária ficam de responsabilidade do estado e das províncias, a União fica com o ensino superior. Embora os jesuítas estivessem no Brasil para difundir a religião e a educação o governo de Portugal não permitia a criação de faculdade no Brasil então os jesuítas ficaram restritos ao processo de alfabetização.

A escolarização era vista como algo desnecessária, pois as atividades eram eminentemente braçais, para as quais o saber ler e escrever consistia em um luxo, pois, pensava-se: para que um trabalhador da roça precisa saber ler e escrever, se seu serviço é lavrar o chão. Talvez, por esse motivo, quando a Companhia de Jesus foi expulsa do Brasil o processo escolar ficou adormecido.

Mesmo porque durante todo o período aos filhos das elites, quando isso parecia conveniente, havia a possibilidade de estudar na Europa, iria para Portugal. A não permissão do governo não permitia se baseava na suposição que se acaso a população tivesse uma educação requintada aqui, certamente iria buscar a emancipação intelectual e política.

Diante do que vimos no processo inicial da educação, se fizéssemos um passeio pela história da educação no Brasil, veríamos que muito pouco mudou desde o início até os dias de hoje. O que ocorreu foi uma sucessão de avanços e tropeços. Hoje o Brasil ocupa o 53º lugar em educação, entre 65 países avaliados (PISA). Mesmo com o programa social que incentivou a matrícula de 98% de crianças entre 6 e 12 anos, 731 mil crianças ainda estão fora da escola (IBGE, 2010).

Nos primeiros anos do nosso país a educação era aquela promovida pelos Jesuítas. Alterou-se para pior com a expulsão da Companhia de Jesus, permanecendo inalterada até a chegada da Família real, em 1808, e somente se incrementou e estruturou a partir da década de 1960. O conceito de educação diz respeito basicamente ao processo de ensinar e aprender.

De forma ampla, podemos definir educação como o meio fundamental para que os hábitos de costumes, comportamentos e valores de uma sociedade sejam transferidos de geração em geração, de acordo com a evolução da coletividade como um todo, mas como melhorar a qualidade na educação? Diante desse contexto temos algumas opções como: Capacitação e valorização dos professores; Adoção de uma plataforma de ensino; Estímulo ao protagonismo dos alunos; Desenvolvimento das habilidades sócio emocionais do aluno; Inserção da tecnologia na sala de aula; Uso de material didático contextualizado; Melhora do ambiente educativo.

Educação, um direito fundamental de todos, perpassa o desenvolvimento humano por meio do ensino e da aprendizagem, visando a desenvolver e a potencializar a capacidade intelectual do indivíduo. Constitui um processo único de aprendizagem associado às formações escolar, familiar e social, o ato de educar, de instruir, é polidez, disciplinamento. No seu sentido mais amplo, educação significa o

meio em que os hábitos, costumes e valores de uma comunidade são transferidos de uma geração para a geração seguinte.

Uma boa educação não é apenas responsabilidade do professor, e sim de toda sociedade de uma forma geral e abrangente, o papel da sociedade na educação, alterações da atualidade. Proporcione uma gestão participativa e democrática na sua instituição ao favorecer ações que demonstrem práticas de cidadania e que sirvam de referência a alunos e comunidade. Para isso, é vital que haja respeito, diálogo e incentivos.

Portugal chegou a meados do século XVIII com sua Universidade - a de Coimbra - tão medieval como sempre fora. A filosofia moderna (de Descartes), a ciência físico-matemática, os novos métodos de estudo da língua latina eram desconhecidos em Portugal. O ensino jesuítico, solidamente instalado, continuava formando elementos da corte dentro dos moldes do Ratio Studiorum (RIBEIRO, 1984, p. 36).

É preciso que a sociedade faça uma análise entre a vida social, econômica e familiar de antes com o atual, nem todas as escolas contam com instalações físicas limpas e organizadas para seus alunos. Isso é bastante problemático, pois, ao mesmo tempo em que é algo básico, é também crucial para o processo de aprendizagem, muitas escolas sofrem com o vandalismo dentro de suas salas. Para combater tal conduta, é necessário implantar uma política de cuidado e higiene, com base em muito diálogo.

Estar sempre acompanhando o desempenho escolar é indispensável para detectar falhas e melhorar o aprendizado. Portanto, é necessário assegurar-se da manutenção da qualidade da instituição por meio de diagnósticos precisos e reais, que podem ser feitos bimestral, trimestral, semestral ou anualmente.

Com o avanço da tecnologia, que fomenta transformações notáveis e gradativas em vários aspectos que constituem a sociedade brasileira, é evidente a necessidade de a educação acompanhar essas mudanças para o bem-estar social. Não tem mais espaço nas salas de aula para competição entre professores e

tecnologia. A escola precisa inovar e buscar constantemente alternativas de ensino para envolver seus alunos, caso contrário, ficará para trás e correrá o risco de não executar o seu papel com eficiência, que é a aprendizagem dos alunos.

Não esquecer de compartilhar com todos os professores os dados obtidos, como taxa de evasão escolar e absenteísmo, índices de aprovação e notas em exames internos e externos. Além disso, é muito importante estabelecer um objetivo e engajar os educadores com ele. Com a tecnologia sendo empregada diariamente na vida dos alunos, o ambiente escolar fica ainda mais agradável e fomenta nos alunos a vontade de ir para a escola. A escola deve estar ciente do ambiente que cerca o aluno da era digital e tirar vantagem disso para modernizar seus processos, investindo em tecnologia ao invés de competir com ela.

Segundo Segura (2001, p. 21):

A escola foi um dos primeiros espaços a absorver esse processo de “ambientalização” da sociedade, recebendo a sua cota de responsabilidade para melhorar a qualidade de vida da população, por meio de informação e conscientização.

Buscar a contribuição de todos para melhorar a escola de maneira geral: desde a fila da cantina até a catalogação de livros na biblioteca. Não deixar de receber opiniões, sugestões e qualquer outra informação que possa melhorar a performance da escola e tornar o ambiente escolar mais saudável.

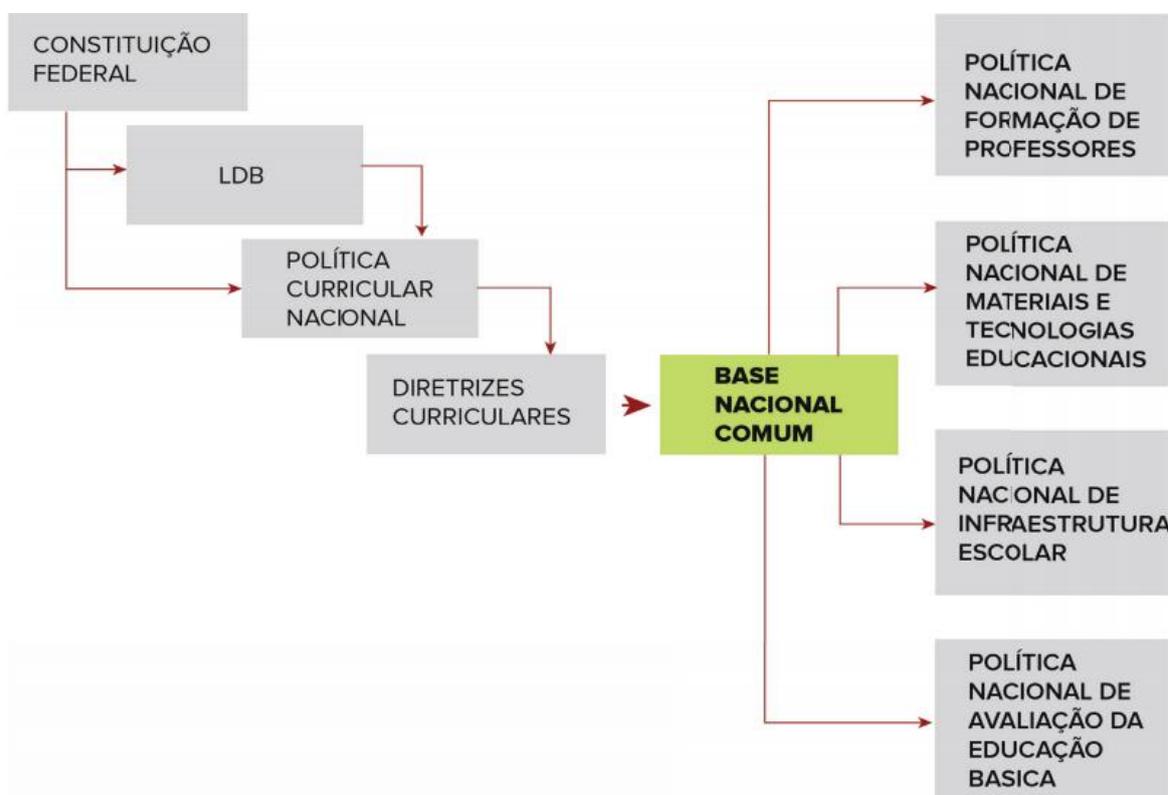
É de fundamental importância que se tenha e uma instituição de ensino salas de artes: que expande o currículo de suas turmas, criar um espaço para aulas de artes, música, lutas e o que mais for viável; horta: com o objetivo de ensinar a plantar e incentivando a consciência para o cuidado com o meio ambiente; sala de pesquisa: incentiva o desenvolvimento de forma autônoma, isto é, veja seu aluno como pesquisador, dê voz a ele, deixe-o pensar e argumentar por conta própria; sala interativa: esse espaço pode ser usado para mostrar aos alunos a aplicação prática

e dinâmica do conteúdo, motivá-los a querer aprender e ajudá-los a refletir sobre talentos e carreiras.

## 1.2 A BNCC E O CONTEXTO DAS HABILIDADES NO ENSINO FUNDAMENTAL

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE). A Base é um documento que registra os conteúdos que são de direitos do aluno aprender ao final de cada etapa da Educação.

### Quadro 1 - Impactos da implementação da BNCC



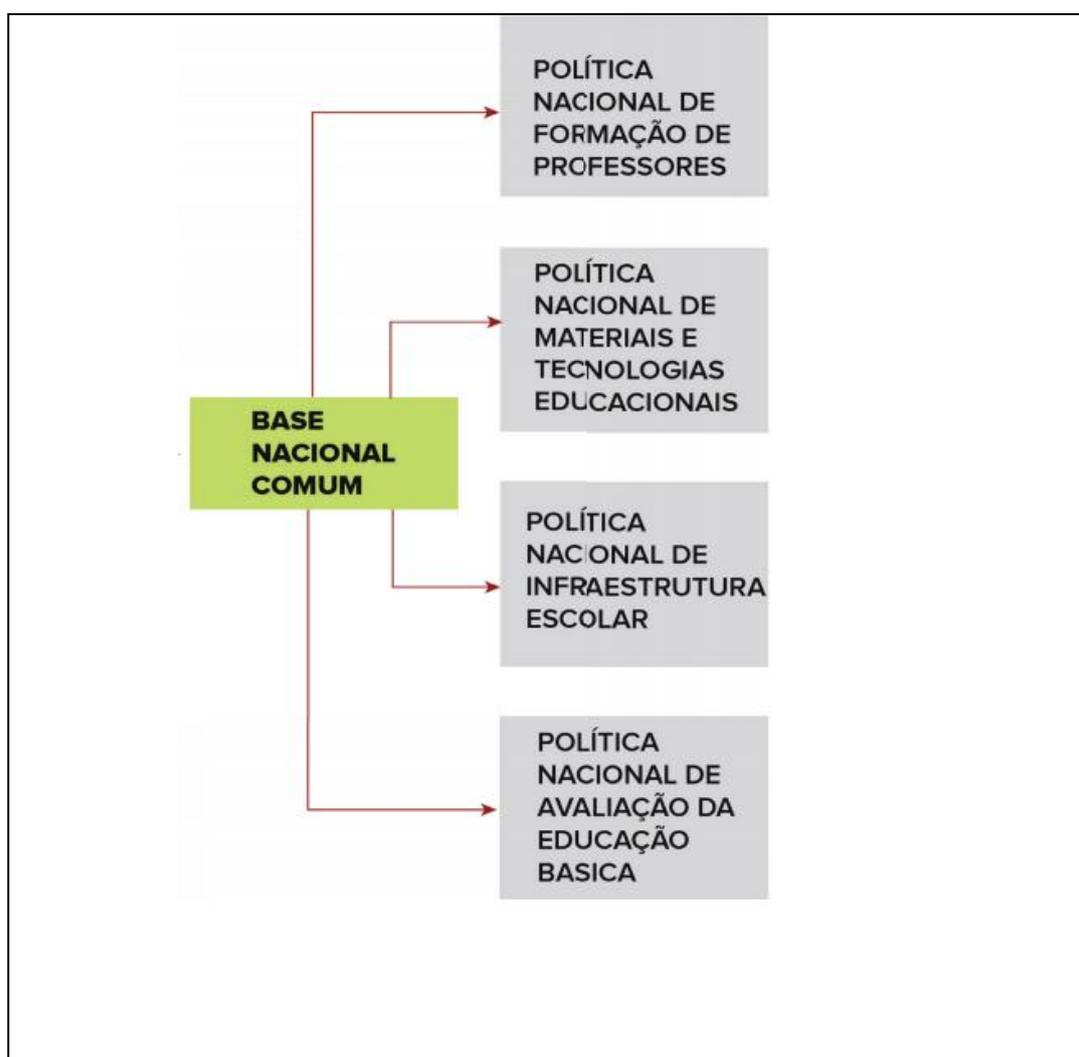
**Fonte:** Base Nacional Comum BNCC, 2023, p.21.

A BNCC de fato é uma base sobre a qual os currículos serão elaborados, mas sempre respeitando as especificidades, peculiaridades e as diversidades das

regiões, das redes e das escolas em si. Ao ser implementado, “(...) espera-se que a BNCC seja balizadora do direito dos estudantes da Educação Básica, numa perspectiva inclusiva, de aprender e de se desenvolver” (2ª versão BNCC, p. 25).

Após aprovação da BNCC, estados e municípios vão revisar seus currículos e integrar a parte comum à diversificada. A “implementação” deve ser acompanhada, pois uma mesma política, com implementação diferente gera resultados diferentes.

**Quadro 2 - Impactos da implementação da BNCC.**



**Fonte:** Base Nacional Comum (BNCC, 2023)

É imprescindível destacar que as competências gerais da Educação Básica, apresentadas a seguir, inter-relacionam-se e desdobram-se no tratamento didático proposto para as três etapas da Educação Básica (Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio), articulando-se na construção de conhecimentos, no desenvolvimento de habilidades e na formação de atitudes e valores, nos termos da

LDB.

As quatro políticas que decorrem da BNCC articulam-se para garantir as condições que geram a qualidade na Educação Básica, ou seja, o direito de aprender e de se desenvolver dos/das estudantes da Educação Básica, acolhidos em sua diversidade e em uma perspectiva inclusiva. A existência de uma base comum para os currículos demandará ações articuladas das políticas dela decorrentes, sem as quais ela não cumprirá seu papel de contribuir para a melhoria da qualidade da Educação Básica brasileira e para a construção de um Sistema Nacional de Educação (2ª Versão BNCC p.26).

A Constituição Federal de 1985, em seu Artigo 205, reconhece a educação como direito fundamental compartilhado entre Estado, família e sociedade ao determinar que:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1988).

Na BNCC, todas as Competências Gerais são definidas como mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e sócio emocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho.

Para implementar uma Base Nacional Comum Curricular em nosso país, é preciso apreender o que de fato ela significa. Ou seja, é necessário compreendê-la como um norte que irá sinalizar possíveis caminhos para elaborar os currículos nas diversas redes de ensino do Brasil, assumindo um papel de instrumento de gestão pedagógica.

Este documento normativo aplica-se exclusivamente à educação escolar, tal como a define o § 1º do Artigo 1º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996)<sup>1</sup>, e está orientado pelos princípios éticos, políticos e estéticos que visam à formação humana integral e à construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva, como fundamentado nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCN).

O conceito de competência, adotado pela BNCC, marca a discussão pedagógica e social das últimas décadas e pode ser inferido no texto da LDB,

especialmente quando se estabelecem as finalidades gerais do Ensino Fundamental. Quando falamos das 10 competências da BNCC que são áreas do conhecimento, cada uma delas está mais intimamente relacionada, trazendo exemplos de práticas pedagógicas e de que habilidades devem ser inseridas nos currículos, é possível ter uma visão mais concreta de como as competências gerais vão estar presentes na formação dos alunos. Dentre elas:

1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.

2. Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.

3. Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.

4. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital , bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.

5. Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.

6. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.

7. Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que

respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.

8. Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.

9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.

10. Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

Sabendo do papel da BNCC de orientar os sistemas na elaboração de suas propostas curriculares, uma vez sancionada a lei de criação da Base, é necessário repensar/revisitar:

- Currículos de formação inicial nas licenciaturas
- Formação continuada dos professores
- Conteúdo dos materiais didáticos
- Avaliações do Inep: ANA, Prova Brasil, Enem...
- Avaliações internas
- Articulação política entre os sistemas de ensino.

A Regulação excessiva: retirar do professor e da escola, o protagonismo da ação docente, caso haja o entendimento de que a BNCC representa o conhecimento oficial, um currículo a ser seguido. Possibilidade de que os 60% de conteúdo curricular comum sejam na prática os 100% efetivamente ministrados, seja pelas condições reais das escolas ou porque serão a base do que será considerado nos exames nacionais.

Assim, consideramos que o grande desafio da implementação está em manter aberto o diálogo entre todos os participantes do processo, para podermos avaliar como a Base vai conversar com o que já existe e avançar a partir daí para concretizarmos um projeto de educação pública, gratuita, laica, de qualidade socialmente referenciada, condizente com o projeto de sociedade e de país que

todos os membros institucionais merecem.

### 1.3 DESENVOLVIMENTO DA APRENDIZAGEM NA ESCOLA

O processo para uma aprendizagem eficaz depende de inúmeros fatores, dentre os quais, os mais prementes são: o talento do professor, o tipo intelectual do aluno, as oportunidades oferecidas pelo ambiente imediato da escola, perspectivas futuras de vida do aluno e as possibilidades de aplicação prática desses conhecimentos objetivando a melhoria da interação entre educador e educando em sala de aula, um aspecto considerado relevante para a qualificação da aprendizagem.

A escola não pode mais ser considerada como uma simples máquina de alfabetização, sua função não se restringe mais, como antigamente, à modesta tarefa de ensinar, sua tarefa é mais ampla e profunda, ou seja, deve levar o nosso aluno a ser mais crítico, mais compromissado e mais otimista em relação à aprendizagem, é uma tentativa de descrever o que acontece quando se aprende e como se aprende.

Segundo Martins (1984, p.12):

As investigações interdisciplinares vêm evidenciando, mesmo na leitura do texto escrito, não ser apenas o conhecimento da língua que conta, e sim todo um sistema de relações interpessoais e entre as várias áreas do conhecimento e da expressão do homem e de suas circunstâncias de vida. Enfim, dizem os pesquisadores da linguagem, em crescente convicção: aprendemos a ler lendo.

O processo de aprendizagem acontece a partir da aquisição de conhecimentos, habilidades, valores e atitudes através do estudo, do ensino ou da experiência, suas responsabilidades atuais são bem maiores, a construção de conhecimentos em sala de aula deve se constituir de forma gradativa adequando-se a cada estágio do desenvolvimento da criança, o Desenvolvimento e

aprendizagem são forças complementares dentro da esfera organizacional. A aprendizagem dota o colaborador da capacidade de executar, enquanto o desenvolvimento o dota da habilidade de fazer suas tarefas com desenvoltura e qualidade.

Assim, a aprendizagem é um processo de assimilação de determinados conhecimentos e modos de ação física e mental, organizados e orientados no processo ensino aprendizagem, nesse sentido apresentam-se cinco medidas essenciais em sala que ajudam a estimular o aprendizado, dentre elas: Apresentar os conteúdos de forma visual; misturar atividades online e offline; Estimular os questionamentos e o trabalho em equipe; criar momentos únicos; Dar feedback e usar o reforço positivo

Além de instrumento de formação física, intelectual e moral, essas medidas cabem-lhe a missão de promover a integração harmoniosa do educando no seio da comunidade, fornecendo-lhe todos os elementos para que se possa tornar um fator de progresso individual e social. A aprendizagem é um processo contínuo que ocorre durante toda a vida do indivíduo, desde a mais tenra infância até a mais avançada velhice. Muitos sabem conhecimentos, mas poucos ensinam a aprender, ensinar a aprender é ensinar estratégias de aprendizagem.

É papel dos professores levar o aluno a aprender para conhecer, o que pode ser traduzido por aprender a aprender, em que o aluno é capaz de exercitar a atenção, a memória e o pensamento autônomo. Normalmente uma criança deve aprender a andar e a falar; depois a ler e escrever, aprendizagens básicas para atingir a cidadania e a participação ativa na sociedade.

De acordo com Mantoan (2005),

Em relação aos tipos de textos para fins didáticos podemos classificar os textos em práticos, informativos ou literários e extra verbais, sendo que os três primeiros grupos foram introduzidos, por Landsmann. Essa classificação segundo ela tem o objetivo de facilitar o trabalho que teve o aluno a produzir e sistematizar conhecimentos (NASPOLINE, 1996. p, 39).

Já os adultos precisam aprender habilidades ligadas a algum tipo de trabalho que lhes forneça a satisfação das suas necessidades básicas, algo que lhes garanta o sustento. As pessoas idosas embora nossa sociedade seja reticente quanto às suas capacidades de aprendizagem podem continuar aprendendo coisas complexas como um novo idioma ou ainda cursar uma faculdade e virem a exercer uma nova profissão, pois, aprendizagem é um processo pelo qual as competências, habilidades, conhecimentos, comportamento ou valores são adquiridos ou modificados, como resultado de estudo, experiência, formação, raciocínio e observação.

Segundo Gadotti (1992, p. 21), “A escola que se insere nessa perspectiva procura abrir os horizontes de seus alunos para a compreensão de outras culturas, de outras linguagens e modos de pensar, num mundo cada vez mais próximo, procurando construir uma sociedade pluralista.” O processo ensino-aprendizagem deve ser compreendido como uma política cultural, isto é, como um empreendimento pedagógico que considera com seriedade as relações de raça, classe, gênero e poder na produção e legitimação do significado e experiência. O produto do processo ensino-aprendizagem é o conhecimento. O desenvolvimento geral do indivíduo será resultado de suas potencialidades genéticas e, sobretudo, das habilidades aprendidas durante as várias fases da vida. A aprendizagem está diretamente relacionada com o desenvolvimento cognitivo. As passagens pelos estágios da vida são marcadas por constante aprendizagem. “Vivendo e aprendendo”, diz a sabedoria popular.

Para Fernández (1998), a reflexão sobre o estado atual do processo ensino aprendizagem nos permite identificar um movimento de ideias de diferentes correntes teóricas sobre a profundidade do binômio ensino e aprendizagem, assim, os indivíduos tendem a melhorar suas realizações nas tarefas que a vida lhes impõe.

Pessoas que não são leitoras têm a vida restrita à comunicação oral e dificilmente ampliam seus horizontes, por ter contato com ideias próximas das suas, nas conversas com amigos. [...] é nos livros que

temos a chance de entrar em contato com o desconhecido, conhecer outras épocas e outros lugares – e, com eles abrir a cabeça. Por isso, incentivar a formação de leitores é não apenas fundamental no mundo globalizado em que vivemos. É trabalhar pela sustentabilidade do planeta, ao garantir a convivência pacífica entre todos e o respeito à diversidade (GROSSI, 2008, p.03).

As contribuições da teoria construtivista de Piaget, sobre a construção do conhecimento e os mecanismos de influência educativa têm chamado a atenção para os processos individuais, que têm lugar em um contexto interpessoal e que procuram analisar como os alunos aprendem, estabelecendo uma estreita relação com os processos de ensino em que estão conectados, nesse viés a aprendizagem permite ao sujeito compreender melhor as coisas que estão à sua volta, seus companheiros, a natureza e a si mesmo, capacitando-o a ajustar-se ao seu ambiente físico e social.

A teoria da instrução de Jerome Bruner (1991), um autêntico representante da abordagem cognitiva, traz contribuições significativas ao processo ensino-aprendizagem, principalmente à aprendizagem desenvolvida nas escolas. Se analisarmos a situação atual da prática educativa em nossas escolas identificaremos problemas como: a grande ênfase dada a memorização, pouca preocupação com o desenvolvimento de habilidades para reflexão crítica e auto-crítica dos conhecimentos que aprende; as ações ainda são centradas nos professores que determinam o quê e como deve ser aprendido e a separação entre educação e instrução.

Sendo uma teoria cognitiva, apresenta a preocupação com os processos centrais do pensamento, como organização do conhecimento, processamento de informação, raciocínio e tomada de decisão, a eficácia do processo de ensino-aprendizagem está na resposta em que este dá à apropriação do conhecimentos, ao desenvolvimento intelectual e físico do estudante, à formação de sentimentos, qualidades e valores, que alcancem os objetivos gerais e específicos propostos em cada nível de ensino de diferentes instituições, conduzindo a uma posição transformadora, que promova as ações coletivas, a solidariedade e o viver em comunidade.

[...] é fundamental que as políticas de incentivo à leitura se descolem da mera organização de feiras ou da criação de bibliotecas e salas de leitura. O mais urgente é investir em material humano, com a formação de mediadores e bibliotecários capazes de semear o prazer da leitura por todo o país. Mediadores são os instrumentos mais eficientes para fazer da leitura uma prática social mais difundida e aproveitada (LINARD; LIMA, 2008, p.09).

É importante ressaltar que a 'consequência' do processo de aprendizagem é o estabelecimento de habilidades que serão imprescindíveis para as etapas futuras da vida da criança. Ao longo do desenvolvimento do pequeno, nota-se que ele perpassa por diferentes fases, são elas: o estágio sensório-motor, o estágio pré-operatório, o estágio operatório-concreto e o estágio operatório-formal. Todos eles acompanham uma determinada faixa etária e marca importantes aquisições, tais como a percepção, o aspecto cognitivo, a psicomotricidade, o pensamento lógico, a compreensão com a experiência vivenciada por outra pessoa, entre outros.

Considera a aprendizagem como um processo interno, mediado cognitivamente, mais do que como um produto direto do ambiente, de fatores externos ao aprendiz. Apresenta-se como o principal defensor do método de aprendizagem por descoberta (insight). O ambiente escolar é essencial para possibilitar essas competências. Por meio de estratégias, o corpo pedagógico estabelece técnicas que visam trabalhar todos os aspectos que são responsáveis por constituir a aprendizagem da criança.

Desde o maternal, os alunos são estimulados a práticas que valorizam cada ação. Com isso, os pequenos conquistam habilidades que vão, gradativamente, possibilitando os degraus de sua autonomia diante das situações e dos desafios que surgem em suas vidas. A teoria de Bruner apresenta muitos pontos semelhantes às teorias de Gestalt e de Piaget. Bruner considera a existência de estágios durante o desenvolvimento cognitivo e propõe explicações similares às de Piaget, quanto ao processo de aprendizagem.

O livro leva a criança a desenvolver a criatividade, a sensibilidade, a sociabilidade, o senso crítico, a imaginação criadora, e algo fundamental, o livro leva a criança a aprender o português. É lendo que se aprende a ler, a escrever e interpretar. É por meio do texto literário (poesia ou prosa) que ela vai desenvolver o plano das ideias e entender a gramática, suporte técnico da linguagem. Estudá-la, desconhecendo as estruturas poético-literárias da leitura, é como aprender a ler, escrever e interpretar, e não aprender a pensar (PRADO, 1996, p. 19-20).

Durante a infância começamos a criar nossas maneiras de interagir com as pessoas que fazem parte do nosso contexto. Desde bebês já podemos estabelecer essa habilidade, pelo simples fato de levantarmos nossas mãozinhas para as pessoas ou sorrirmos. Quando maior, a criança entende que deve compartilhar objetos (embora sua cognição não esteja tão avançada ainda), ceder lugar para o amiguinho entrar na brincadeira, abraçar os coleguinhos quando chega à escola, etc.

Atribuir importância ao modo como o material a ser aprendido é disposto, assim como Gestalt, valorizando o conceito de estrutura e arranjos de ideias. “Aproveitar o potencial que o indivíduo traz e valorizar a curiosidade natural da criança são princípios que devem ser observados pelo educador” (BRUNER, 2011, p. 122). Ensinar algo a alguém requer, sempre, duas coisas: uma visão de mundo (incluídos aqui os conteúdos da aprendizagem) e planejamento das ações (entendido como um processo de racionalização do ensino).

A prática de planejamento do ensino tem sido questionada quanto a sua validade como instrumento de melhoria qualitativa no processo de ensino como o trabalho do professor:

[...] a vivência do cotidiano escolar nos tem evidenciado situações bastante questionáveis neste sentido. Percebesse, de início, que os objetivos educacionais propostos nos currículos dos cursos apresentam confusos e desvinculados da realidade social. Os conteúdos a serem trabalhados, por sua vez, são definidos de forma

autoritária, pois os professores, via re regra, não participam dessa tarefa. Nessas condições, tendem a mostrar-se sem elos significativos com as experiências de vida dos alunos, seus interesses e necessidades (LOPES, 2000, p. 41).

De modo geral, no meio escolar, quando se faz referência a planejamento do ensino aprendizagem, este se reduz ao processo através do qual são definidos os objetivos, o conteúdo programático, os procedimentos de ensino, os recursos didáticos, a sistemática de avaliação da aprendizagem, bem como a bibliografia básica a ser consultada no decorrer de um curso, série ou disciplina de estudo.

Com efeito, este é o padrão de planejamento adotado pela maioria dos professores e que passou a ser valorizado apenas em sua dimensão técnica. Em nosso entendimento a escola faz parte de um contexto que engloba a sociedade, sua organização, sua estrutura, sua cultura e sua história. As habilidades cognitivas aprendidas na infância são de extrema importância, pois elas possibilitam a condição da criança em lidar com diversas situações. Para esclarecer ainda mais o impacto que essas competências representam, vale trazer alguns exemplos: quando um bebê aprende a explorar o ambiente com o tato ou quando o aluno consegue resolver um problema no qual ele pode utilizar tanto as mãos como os olhos, etc.

Por esta razão, pensamos que é de fundamental importância que os professores saibam que tipo de ser humano pretendem formar para esta sociedade, pois disto depende, em grande parte, as escolhas que fazemos pelos conteúdos que ensinamos, pela metodologia que optamos e pelas atitudes que assumimos diante dos alunos. Relembrando que a cognição é o ato que consiste em processar as informações. A função dessa habilidade é o de perceber, integrar, compreender e responder adequadamente a todos os estímulos do ambiente de uma pessoa. Vale ressaltar que isso leva o indivíduo a pensar e a avaliar como e o que fazer para cumprir uma tarefa ou uma atividade social.

Assim a produção de leitura consiste no processo de interpretação desenvolvido por um sujeito-leitor que, defrontando-se com um texto, analisa, questiona com o objetivo de processar seu significado

projetando sobre ele sua visão de mundo para estabelecer uma interação crítica com o texto (INDURSKY, ZINN, 1985, p.56).

De certo modo esta visão limitada ou potencializada o processo ensino-aprendizagem não depende das políticas públicas em curso, mas do projeto de formação cultural que possui o corpo docente e seu compromisso com objeto de estudo. Como o ato pedagógico de ensino-aprendizagem constitui-se, ao longo prazo, num projeto de formação humana, propomos que esta formação seja orientada por um processo de autonomia que ocorra pela produção autônoma do conhecimento, como forma de promover a democratização dos saberes e como modo de elaborar a crítica da realidade existente, isto quer dizer que só há crítica se houver produção autônoma do conhecimento elaborado através de uma prática.

#### 1.4 A LEITURA NA ANTIGUIDADE E A LEITURA NOS DIAS ATUAIS

Um dos principais leitores do mundo antigo foi o filósofo Sócrates. Este dizia que a leitura era feita por pessoas treinadas e com capacidade intelectual de raciocínio para o desenvolvimento do processo interativo, como também pensava Platão, outro filósofo de destaque no mundo antigo. Já Aristóteles, filósofo que defendia o empirismo, as ideias são adquiridas através da experiência. Era um grande leitor e inclusive tinha uma estante cheias de livros, para ele a leitura poderia ser feita através de figuras, pois defendia que a origem das ideias se faz através da observação de objetos para depois serem formuladas a ideia do mesmo. Para Aristóteles o único mundo é o sensível e que também é o inteligível.

Ler é a base do sistema de comunicação moderna, importante para todo processo de construção e renovação. Habilidade que se constitui como uma das mais importantes e fundamentais desenvolvidas pelo ser humano, capaz de produzir consciência crítica de mundo, dando suporte para agir sobre este mesmo mundo. Levando em consideração aspectos da formação da consciência e a relação entre pensamento e linguagem, este trabalho se estrutura, a partir de grandes pensadores sócio-construtivistas Piaget (1993), abordou o desenvolvimento da inteligência

através do processo de maturação biológica. Para ele, há duas formas de aprendizagem.

A primeira, mais ampla, equivale ao próprio desenvolvimento da inteligência. Este desenvolvimento é um processo espontâneo e contínuo que inclui maturação, experiência, transmissão social e desenvolvimento do equilíbrio. A segunda forma de aprendizagem é limitada à aquisição de novas respostas a situações específicas ou à aquisição de novas estruturas para algumas operações mentais específicas.

Dentro da reflexão construtivista sobre desenvolvimento e aprendizagem, tais conceitos se inter-relacionam, sendo a aprendizagem a alavanca do desenvolvimento. A perspectiva piagetiana é considerada maturacionista, no sentido de que ela preza o desenvolvimento das funções biológicas que é o desenvolvimento como base para os avanços na aprendizagem. Já na chamada perspectiva sociointeracionista, sócio-cultural ou sócio-histórica, abordada por Vygotsky (1991), a relação entre o desenvolvimento e a aprendizagem está atrelada ao fato de o ser humano viver em meio social, sendo este a alavanca para estes dois processos. Isso quer dizer que os processos caminham juntos, ainda que não em paralelo.

Apresentando algumas reflexões acerca do processo de desenvolvimento humano. Para tanto, retomamos uma discussão entre dois estudiosos acerca da linguagem e sua relação com o pensamento, bem como o aspecto social em ambos os autores, J. Piaget (1993) e Vygotsky (1991). O processo de construção do conhecimento evoca que as sensações devem integrar-se em esquemas de ação, o que requer a participação da percepção e a estruturação das representações mentais.

Os conceitos sociointeracionistas sobre desenvolvimento e aprendizagem se fazem sempre presentes, impelindo-nos à reflexão sobre tais processos. Como lidar com o desenvolvimento natural da criança e estimulá-lo através da aprendizagem? Como esta pode ser efetuada de modo a contribuir para o desenvolvimento global da criança. No início da segunda metade do século passado, ler era visto de maneira simplista apenas como um processo perceptual e associativo de decodificação de grafemas (escrita) em fonemas (fala) para se acessar o significado

da linguagem do texto. Nesta perspectiva, aprender a ler encontrava-se altamente equacionado à alfabetização.

Dito de outra maneira: alfabetizar-se, conhecer o alfabeto, envolvia discriminação perceptual (visão) e memória dos grafemas (letras, símbolos, sinais) que devia ser associada. No desenvolvimento das pesquisas e estudos sobre o ato de ler, através destes cinquenta anos, muitas outras capacidades nele envolvidas foram sendo apontadas e desvendadas: capacidade de ativação, reconhecimento e resgate de conhecimento, capacidades lógicas, capacidade de interação social.

Com base nesse surgimento é importante compreender as articulações entre esses diferentes modos de abordar e lidar como uma ação grandiosa que é a leitura. Temos visto nas escolas e, sobretudo tudo nos currículos é a valorização de alguns tipos de conhecimentos e inteligências em detrimento de outras. Com base nessa assertiva, podemos dizer que os alunos que apresentam dificuldades para aprendizagem tendem a ser desvalorizados justamente por conta das suas dificuldades estarem em áreas que são mais valorizadas socialmente e academicamente. Sob este aspecto as crianças com dificuldades para aprendizagem,

[...] cujos cérebros desenvolvem-se desigualmente, às vezes, desenvolvem qualidades e talentos incomuns. Thomas Edison e Albert Einstein estão entre os gênios que tiveram problemas de aprendizagem; a lista de celebridades nos esportes, nos negócios, na política e nas artes que tiveram sérias dificuldades com a leitura, com a escrita ou com a matemática na escola é longa. Os pais e os educadores observam que as crianças com problemas de aprendizagem são, com frequência, excepcionalmente criativas. Já que as soluções tradicionais nem sempre funcionam para elas, tornam-se inventivas na elaboração de suas próprias soluções. (SMITH; STRICK, 2012, p.27-28).

O leque de objetivos e finalidades que faz com o leitor se situe perante um texto é amplo e variado: devanear, preencher um momento de lazer e desfrutar, procura uma informação concreta; seguir uma pauta ou instruções para realizar uma determinada atividade, informar-se sobre um determinado fato (ler o jornal, ler um livro de consulta), confirmar ou refutar um conhecimento prévio; aplicar a informação obtida com a leitura de um texto na realização de um trabalho, etc.

A leitura passa a ser enfocada não apenas como um ato de decodificação, de transposição de código (escrito) a outro (oral), mas como um ato de cognição de compreensão que envolve o conhecimento de mundo, conhecimento de práticas sociais e conhecimentos linguísticos muito além dos fonemas.

A leitura é um, processo de construção a partir dos próprios olhos do leitor; a partir de uma perspectiva e de uma experiência pessoal. Segundo essa perspectiva na leitura, a informação flui nas duas direções, do texto para o leitor e do leitor para o texto, via visão de mundo. É um processo bem mais do que perspectivo, mas também cognitivo e social, mas também chamado de modelo sociointeracionista.

Para Menezes (2011), o prazer da leitura deve ser cultivado desde a infância e, mais do que desenhos chamativos e boas histórias, é necessário que as crianças recebam estímulo para ter gosto pela literatura.

Falta sensibilização por parte de alguns professores, pais e alunos em dar importância para esse assunto e adquirir esse hábito tão necessário, impossível alfabetizar ignorando que estamos rodeados de uma cultura grafocêntrica (tendo a escrita por centro) em que eventos de letramento são parte intensa do nosso cotidiano. Por isso, um é complemento do outro, por essa razão, se faz necessário o valor que a prática da leitura exerce na vida do indivíduo, enquanto cidadão que cumpre deveres na sociedade.

A aprendizagem da escrita não ocorre de forma natural e espontânea., nunca é demais lembrar que a prática da leitura é um princípio de cidadania, ou seja, leitor cidadão, pelas diferentes práticas de leitura, pode ficar sabendo quais são as suas obrigações e também pode defender os seus direitos, as crianças precisam aprender a escrever com técnica ao mesmo tempo em que compreendem as funções de significado da língua, além de ficar aberto às conquistas de outros direitos necessários para uma sociedade justa, democrática e quitaria.

É por meio da leitura, que o indivíduo adquire conhecimentos é preciso que o aprendente tenha consciência da representação do sistema de escrita do qual faz parte e isso ocorrerá se estiver inserido em um ensino alfabetizador. A leitura tem a capacidade de transformar o indivíduo, fazê-lo refletir, mantê-lo inteirado sobre os

acontecimentos, o poder de socialização dos livros é indiscutível. Desde os tempos da *polis* grega ou dos monges da Idade Média, os livros eram lidos em voz alta e por grupos influentes da época, como filósofos, intelectuais, religiosos ou políticos. A dinâmica da leitura, muitas vezes não atrai a atenção do leitor, tornando-se algo chato e cansativo, exigindo esforços, principalmente quando não se sabe ler e compreender, hoje o impacto da leitura é algo restritamente individual, mas apesar da limitação, a capacidade transformadora do hábito permaneceu, o que está escrito. Sendo assim o leitor percebe-se desmotivado e desinteressado em continuar a leitura, ou em alguns casos específicos, conclui apenas por ser algo obrigatório e de extrema importância para conclusão de uma atividade.

Diante da necessidade de se formar leitores, sabe-se que a utilização de estratégias adequadas, como também de métodos, modelos e técnicas, ou seja, novos paradigmas favorecem o desenvolvimento de habilidades e da compreensão leitora. A partir deste entendimento surgiu o interesse em explorar o tema. Observando que há uma orientação precisa a respeito dessas estratégias e de sua correta utilização para o estímulo ao ato de ler.

#### **1.4.1 O surgimento da leitura**

Antigamente a leitura se manifestava através de pedras, ossos, cascas de árvores, muros, monumentos-tabuletas, rolos de papiro, códices, entre outros. Embora a leitura e a escrita estejam interligadas, ambas partes atuam pontos fortes no cérebro. A leitura foi realizada naturalmente já a escrita foi construída através de habilidade, a escrita surgiu de uma elaboração, a leitura se caracterizou-se com a compreensão da humanidade e dos auxílios da palavra escrita.

O surgimento das cartilhas foi antes das aulas de alfabetização nas escolas. No passado as cartilhas serviam de apoio para as pessoas aprenderem a ler e escrever em casa. Eram constituídas em forma de tábuas ou tabelas com equipes de letras que a escrita funcionava para representação dos significados dos padrões silábicos conforme a fala. Na época a letra era através de imprensa.

Portanto este estudo foi baseado em documentos e propõe ressaltar algumas concepções e análises que devem ser confrontadas, após longas leituras e amplas discussões, buscando oportunidades que valorizem e entenda que a leitura é um importante subsídio no processo de intervenção escolar para o desenvolvimento do senso crítico e da cidadania, assumindo a valorização da cultura de suas próprias comunidades e ao mesmo tempo, buscando ultrapassar seus limites, proporcionando os grupos sociais, o acesso ao conhecimento, tanto no que diz respeito aos conhecimentos socialmente relevantes da cultura brasileira no âmbito nacional e regional, como no que faz parte do patrimônio universal da humanidade (COSTA, 2000).

De acordo com as pesquisas em cerca de 1300 a C, ler significava declamar, denotava falar. A sociedade já havia conhecido que instruções, cálculos, acordos verbais podiam ser modificados com facilidade. No entanto, foi criado algo que se pode ser analisado sempre que houvesse dúvidas e fatos oralmente e acabar de vez com as contendas, dessa forma criou-se uma “Testemunha Imortal”. Dessa forma nasceu e foi transformada a escrita em seus primórdios as palavras da população em pedra.

Na Alemanha em 1452 e 1455 foi produzido a primeira impressão da Bíblia por Gutenberg, até construção do livro em grande escala, muitos percalços foram marcados na trajetória da produção de obras. No século XVII na França, os escritores não tinham valorização e eram considerados como impressor, ilustrador e livreiro. A profissão do autor de livro modificando conforme o desenvolvimento da indústria tipográfica e da mudança do que o principal papel do texto era contribuí para o livro.

Para tanto, é importante que a escola priorize a leitura como ponto fundamental para que o indivíduo possa interagir conscientemente no contexto sócio econômico e cultural. Pois é na escola, que se fortalecem os vínculos da leitura, que deverá acompanhar o indivíduo em formação. É também na escola, que se inicia a qualificação do leitor, uma vez que nela existe todo o aparato para o uso da mente e valorização de textos. Devendo-se colocar em prática as perspectivas da criança e dos jovens, contribuindo para o seu desenvolvimento pessoal, intelectual, social e cognitivo (LERNER, 2002).

Por isso, fazem-se necessário uma proposta condizente com a realidade escolar, e trabalhar todas essas dificuldades, estudando os fatores que contribuem para que os alunos sejam estimulados com o uso de textos que exigem reflexão crítica contextualizada com sua realidade. Sendo assim, diante da necessidade de formar leitores competentes em um processo no qual estes realizem um trabalho ativo de construção do significado de texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a língua, característica do gênero e do sistema de escrita.

Contar uma história é diferente de ler uma história, pois a linguagem falada é diferente da linguagem escrita e as crianças conseguem perceber essa diferença linguística. A experiência de ouvir história infantil proporciona à criança a compreensão da estrutura dessas histórias e torna-se o acesso à escrita de forma prazerosa, despertando na criança a criatividade e curiosidade, fatores que ajudarão no seu desenvolvimento cognitivo.

Leitura, em Aurélio é: “Leitura. S.F. 1. ato ou efeito de ler; 2. Arte ou hábito de ler; 3. Aquilo que se lê; 4. O que se lê, considerado em conjunto. 5. Arte de decifrar e fixar um texto de um autor, segundo determinado critério” (AURÉLIO, 1988, p.390). Os livros podem ser chatos e complicados para uns, entretanto, coloca outros em lugares, culturas e situações diferentes, ajudando estes a sonhar.

Muitas pessoas, por não ter o hábito da leitura, tem uma grande dificuldade para escrever sobre específico assunto, todavia, um indivíduo que tinha costume de ler desde criança, tem uma criatividade maior, uma melhor pronuncia das palavras. Tendo um melhor conhecimento. No passado a leitura era considerada como, decifrar códigos, atualmente esse método foi modificado, hoje a leitura é vista como um desenvolvimento de interação juntos com os autores, textos e leitores.

Os Parâmetros Curriculares do Ensino Fundamental constam que:

A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a linguagem, etc. Não se trata de extrair informação, decodificando letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação,

interferência e verificação sem as quais não é possível proficiência. É o uso desses procedimentos que possibilita controlar o que vai sendo lido, permitindo tomar decisões diante de dificuldades de compreensão, avançar na busca de esclarecimentos, validar no texto suposições feitas. (Brasil, 1998, p.69).

Portanto, a criança ao entrar na escola já vem trazendo consigo uma bagagem de conhecimentos na linguagem oral. A escola deve ensinar a escrita e a leitura e continuando a desenvolver a linguagem oral e o professor deve melhorar cada vez mais essa oralidade. A criança iniciar a elaboração do texto, através, da forma de sua fala, no qual a escola utilizar diversos tipos de textos. Um dos principais fatores para que as pessoas deixem o livro de lado, é a evolução tecnológica. A sociedade prefere ir para um mundo virtual, onde dizem que se divertem, e aprendem coisas erradas, ao invés de "ampliar" sua mente.

A leitura é muito importante para o aprendizado do ser humano, pois através desta podem obter conhecimento e aumentar o raciocínio. Muitas pessoas dizem não ter paciência para ler um livro, isso acontecendo por não ser um hábito, pois se isso fizesse parte do cotidiano da sociedade, os cidadãos apreciariam uma boa obra literária.

A leitura é um elemento fundamental para adquirir o saber. A importância da leitura para o desenvolvimento do ser humano é essencial, pois é através da leitura que somos capazes de ler e conhecer a história do mundo, pois a leitura é um componente da educação e a educação, sendo um processo, aponta para a necessidade de buscas constantes de conhecimento. A história do mundo é registrada hoje pelos escritos, e devido ao poder da leitura torna possível a compreensão desses escritos, e conseqüentemente, conhecer o processo histórico da criação que está associada ao aprendizado, por meio dela é possível adquirir conhecimentos.

A importância da leitura para esses escritos é indiscutível, pois é através da leitura que temos acesso a informação das histórias, das culturas, hábitos de vida de mais diferentes épocas e diferentes sociedades, é uma forma de o indivíduo estar em contato com o mundo, ter acesso a outro tipo de leitura de mundo, a importância da leitura deve ser apresentada ao sujeito desde a infância, pois a leitura contribui extremamente para o desenvolvimento da cognição humana, o ato de ler, em

qualquer circunstância, é o meio de interrogar a escrita, saber o que se passa na cabeça do outro, para compreender melhor o que se passa na nossa.

Para que exista a leitura, é necessário que haja uma interação entre o leitor, autor e o texto.

Ler, no sentido profundo do termo, é o resultado da tensão entre leitor e texto, isto é um esforço de comunicação entre o escritor, que elaborou, escreveu e teve imprimido seu pensamento, e o leitor, que se interessou, comprou ou ganhou, folheou e leu o texto (SANDRONI, MACHADO, 1998, p. 10).

A leitura é um processo muito complexo que envolve pensamento e linguagem, com um objetivo claro, pois, sempre lê-se para alcançar uma finalidade.

Ao promover a interação entre indivíduos, a leitura, compreendida não só como leitura da palavra, mas também como leitura de mundo, deve ser atividade constitutiva de sujeitos capazes de interligar o mundo e nele atuar como cidadão (BRANDÃO, 1997, p. 22).

É necessário que o professor estimule os estudantes para desenvolverem a prática de leitura, contudo o professor precisa ter uma premissa básica, antes de tudo, ser um leitor. Um professor que não lê, não terá subsídios para trabalhar bem a leitura. Ele precisa ler muito, gostar de ler e fazer com que os alunos leiam, precisa ler para eles, ler com eles e saber ouvir a leitura, ainda tímida e descompassada, que seus alunos fazem do texto estudado ou dos textos que eles próprios produzem.

O ato de ler é, fundamentalmente, um ato de conhecimento. A leitura mais produtiva é aquela capaz de gerar a reorganização das experiências do leitor ao nível individual e, ao nível coletivo, aquela capaz de gerar o máximo de conflito entre as interpretações, isto porque esse tipo de leitura, além de permitir a liberdade de interpretação e expressão, faz com que os leitores se enriqueçam mutuamente através de elucidações e justificativas constantes, conseguidas através da discussão e do debate (KLEIMAN, 1996, p. 29).

No século XVI a tradição da Língua Portuguesa, Gramática de João de Barros já era abordada uma cartilha (ou cartilha = mapa, pequeno documento), para aprender a ler. Depois da Revolução Francesa aconteceu o aparecimento das aulas de alfabetização nas escolas e as cartilhas foram se modificando, a chegada da Revolução Francesa trouxe ideias de república democrática, foi onde a escolarização teve via de acesso à cultura, a escola se torna universal e gratuita, sobre o controle do Estado, uma escola para todos.

A alfabetização surge como condição para inclusão do indivíduo no modelo de sociedade que se estruturava, o domínio da leitura, da escrita ganhou status de promoção social, pois o acesso ao conhecimento específico significava saber mais, poder mais do que aqueles limitados ao trabalho manual, culturalmente desprestigiado. Anteriormente elas possuíam o alfabeto e os grupos de letras em tabelas de sílabas, eles vinham dos exemplos de palavras com suas figuras de desenhos para facilitarem conhecimento e a leitura.

Segundo Gosztonyi (2012):

A leitura possibilita o surgimento de seres humanos mais críticos e mais questionadores. Também nos capacita a atingir às necessidades competitivas do mercado, possuir maior habilidade de diálogo e lutar por um ideal. Só poderemos entrar nesta nova direção se buscarmos o conhecimento de forma contínua e exploratória. Quanto mais conhecemos, mais nos motivamos a conhecer. Sendo assim, acredita-se que quanto mais a leitura for incentivada, mais pessoas estarão aptas a serem mais conhecedoras de si mesmas, com mais ânsia de aprender cada dia mais, curiosas e entendedoras do mundo (GOSZTONYI, 2012, p. 34).

Ocorreu também uma inversão, as palavras, que ajudavam nos exemplos se tornaram grande manuseio, ou seja, palavras-chave e os grupos de letras, separadamente por categorias, diante com a primeira letra, apareceu as sílabas geradoras. Isso transformou se em uma grande mudança na maneira de aprender a ler e de se alfabetizar. Embora antes saber ler era quem conseguiu se decifrar o alfabeto, os grupos de letras eram reconhecidas pelas palavras.

Atualmente, ler é desfazer uma palavra em suas sílabas, realmente é reconhecer os padrões silábicos e depois virar semelhantes e sempre deixando as consoantes e modificando as vogais e devem ser montado as palavras com os elementos já dominados.

Basicamente a leitura estar relacionada no cotidiano com a aplicação, compreensão, percepção, reação, verificação, contextos, comunicação, formam futuros leitores críticos e reflexivo.

A leitura, assim como a escrita, para se tornem práticas cotidianas, exige de quem as utiliza, habilidades muito complexas (e que muitas vezes passam despercebidas). “A complexidade desse fato é enorme, e muitas vezes a escola não se dá conta disso, porque os adultos já amadureceram para a leitura” (CAGLIARI, 1992, p.162).

O rendimento da turma depende muito da segurança do aluno, todos devem estar seguros de que não serão criticados por praticar erros, é importante construir situações para que se sintam tranquilos para escrever. Diante a isto, a criança deve saber o que pretende realizar, denota-se uma pequena possibilidade que o professor, posar fazer com que eles escrevam sem dificuldades, por não terem o hábito de escrever.

Ainda falando de bebês e crianças muito pequenas: o papel do livro, suas diferentes texturas, odores e cores também já são alvo da curiosidade delas e objeto de pesquisa concentrada. E o que dizer de livros de histórias que crianças já conhecem e adoram "Peter Pan" e "Alice no País das Maravilhas", por exemplo: com adaptação em "pop-up"? Imperdíveis, já que encantam crianças e adultos. Não devemos menosprezar as crianças quando o assunto é história: elas não gostam apenas daquelas que foram escritas para as crianças. Toda a literatura, principalmente a clássica, pode ser oferecida, sem censura.

Tornar a leitura um ato obrigatório é uma dessas manias que nós adotamos com as crianças que prejudicam a descoberta que elas poderiam fazer do prazer da leitura. Tudo bem: isso pode ser feito como tarefa escolar, mas depois, bem depois de oferecer a elas a oportunidade de ler por gosto e não por obrigação, no fim do

ensino fundamental, por exemplo. Finalmente: a literatura não deve servir para moralizar a vida dos mais novos.

Nada de contar histórias que só servem para tentar "ensinar" a criança a ter bons modos, escovar os dentes etc. A educação moral e para a higiene, por exemplo, deve usar outros recursos. Portanto, é desse suporte que surgiu pela primeira vez a ideia de livro tal qual a concebemos hoje.

O códice, por sua vez, foi transformado pela invenção da impressão com tipos móveis por volta de 1455. [...] a invenção de Gutenberg [1455] se propagou de forma avassaladora, deixando o livro ao alcance de círculos cada vez mais amplos de leitores. Ainda que a tecnologia de impressão não tenha sofrido mudanças por quase quatro séculos, o público leitor ficou cada vez maior graças a melhorias na alfabetização, educação e acesso à palavra impressa [...] (DARNTON, 2010, p. 40).

O advento da impressão com tipos móveis possibilitado por Johannes Gutenberg, em 1455, fez com que a produção de livros mudasse completamente, uma vez que, com a nova técnica, poderiam ser produzidos muito mais livros em pouco tempo e a um custo menor. Essa invenção representou uma grande revolução na história do livro. As Teorias da Leitura oferecem várias maneiras de se ler um texto, mas a leitura vai depender de como se lê e do momento histórico do discurso. Pode-se dizer ainda que um texto é um jogo de estratégias mais ou menos como pode ser à disposição de um exército para uma batalha (ECO, 1984, p.9).

A leitura é o principal aspecto constituinte do pensamento crítico. O bom leitor é capaz de relacionar as intenções comunicativas impostas no discurso entre o sujeito que produz o artigo com os outros que o recebem, pois o texto só existe quando há comunicação, interpretação entre produtor e o público que se pretende atingir. "Os verdadeiros analfabetos são os que aprenderam a ler e não lêem" (Quintana e Mário, 2003). Essa capacidade de formar um leitor, está ligada à diversidade de leitura, um bom leitor não é aquele que lê muitas vezes o mesmo tipo de texto, mas é aquele que lê diversos tipos de texto com profundidade.

Cada vez que se lê o mesmo texto, certamente se terá novas interpretações dentro do momento histórico da leitura. A leitura é de grande importância no ensino da alfabetização. Por isso seus principais fatores são na aquisição da linguagem oral e escrita, a produção de textos, todos eles são essenciais para desenvolvimento da alfabetização.

Segundo as pesquisas realizadas a leitura no Brasil era vista como uma grande área de conhecimento. Silva, E. T. (1996, p. 46) estabeleceu uma comparação entre o Brasil e os EUA com base na relação do número de estudos realizados sobre leitura. No período compreendido entre 1975 e 1977, nos EUA, 1.588 pesquisas foram publicadas por apenas uma revista especializada; no Brasil, os números não ultrapassaram 50 trabalhos, a maioria voltada para o processo de alfabetização.

Assim, as pessoas têm a liberdade de interpretar a partir de seu modo, o que leem, e essa leitura sempre será feita e entendida conforme cada época e cada sociedade de que fazem parte, pois é a partir disso que se forma a história da leitura.

[...] Toda história da leitura supõe, em seu princípio, esta liberdade do leitor que desloca e subverte aquilo que o livro lhe pretende impor. Mas essa liberdade leitora não é jamais absoluta. Ela é cercada por limitações derivadas das capacidades, convenções e hábitos que caracterizam, em suas diferenças, as práticas de leitura. Os gestos mudam segundo os tempos e lugares, os objetos lidos e as razões de ler. Novas atitudes são inventadas, outras se extinguem. Do rolo antigo ao códex medieval, do livro impresso ao texto eletrônico, várias rupturas maiores dividem a longa história das maneiras de ler. Elas colocam em jogo a relação entre o corpo e o livro, os possíveis usos da escrita e as categorias intelectuais que asseguram sua compreensão (CHARTIER, 2009, p.77).

Essas práticas produzem gosto pela leitura e aprimoramento, tornando-a mais prazerosa e satisfatória. O que é que permite viajar, conhecer gente e costumes sem sair do lugar? Como conhecer os segredos e os mistérios do mundo? Dentre as experiências de vida das pessoas, a leitura aparece como uma das mais adequadas para fazê-las viajar, conhecer e encontrar sentido na vida. Este sentido vem, em grande parte, do conhecimento e do modelo que a família passa na

infância. Estimular o apreço pelo livro e pela literatura é despertar também o interesse pela informação.

Soma-se ao fato a compartimentalização dos estudos: pedagogos, linguistas, historiadores, professores de literatura e psicólogos nem sempre conseguem estabelecer um vínculo interdisciplinar, o que seria o ideal, visto que a leitura é uma atividade bastante abrangente e complexa. De fato, em 1977 até o início deste milênio muito se desenvolveu no país, mas a leitura do aluno brasileiro ainda constitui um grande campo de pesquisa merecedor de atenção.

Se educar é preparar para a vida, despertar a consciência, compreender e transformar a realidade, então a leitura só pode ser compreendida numa perspectiva crítica. Ler criticamente é admitir pluralidade de interpretação, desvelar significados ocultos, resgatar a consciência do mundo, estabelecendo, por meio dela, uma relação dialética com o texto (INDURSKY e ZINN. 1985, p.23).

Não há nada melhor que ler para si e através da leitura conhecer novas experiências de mundo e compreender os textos e aprender a interpretar. Em 1823 tentaram reverter essa situação, desejando alcançar o mercado brasileiro, mas infelizmente era dominado pelos europeus. Com a construção das escolas, a leitura ganhou força total, no entanto só quem lia era a classe social e principalmente as mulheres, que liam o romantismo, as obras, folhetins e romances e ao mesmo tempo as mulheres estavam conquistando sua dependência.

Entre 1870 o estado decretou obrigatoriedade do ensino para as crianças, na época a escola era responsável para cultura, o livro didático era observado como um material de ajudar para o entendimento da história da leitura. “Quando o homem compreende a sua realidade, pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade e procurar soluções. Assim, pode transforma – lá e o seu trabalho pode criar um mundo próprio, seu Eu e suas circunstâncias.” (FREIRE, 1996, p 30).

Ainda sobre as diversas possibilidades individuais de leitura, que passam pelo conhecimento de mundo de cada indivíduo, Manguel (2009, p. 239) afirma:

[...] o significado de um texto é ampliado pelas capacidades e desejos do leitor. Diante de um texto, o leitor pode transformar as palavras numa mensagem que decifra para ele alguma questão historicamente não relacionada ao próprio texto ou a seu autor. Essa transmigração de significado pode enriquecer ou empobrecer o texto; invariavelmente o impregna com as circunstâncias do leitor. Por meio de ignorância, fé, inteligência, trapaça, astúcia, iluminação, o leitor reescreve o texto com as mesmas palavras do original, mas sob outro título, recriando-o, por assim dizer, no próprio ato de trazê-lo à existência (MANGUEL, 2009, p. 239).

Desse modo, a leitura de cada um é única e depende de como é feita, já que para duas pessoas de realidades diferentes, isto é, pessoas que vivem e foram criadas em lugares e de formas diferentes, a leitura de um mesmo livro pode ser interpretada de maneiras completamente distintas ou, até mesmo, pode-se ler um livro quando criança e interpretá-lo de uma maneira e ler o mesmo livro quando adulto e ter uma outra visão e interpretação da leitura feita.

#### **1.4.2 O desenvolvimento da leitura**

Observamos que a leitura na atualidade está crescendo cada vez mais por causa da classe leitora, na qual procura mais informações, conhecimentos. Com o desenvolvimento dos meios de comunicação, é importante lembrar que o texto digital é diferente do texto impresso, os e-mails, é quando realizar entre o escrito e oral, igualmente as cartas e bilhetes.

Segundo as novas pesquisas da sociedade, é necessário que o educador tenha noção de que além de achar e acordar, progredir e reforçar o hábito da leitura, também é preciso ensinar de várias maneiras. O ambiente escolar é preciso aplicar a leitura de diferentes gêneros textuais, bulas, notícias de jornais, revistas, internet, códigos de leis, poesias, crônicas, contos, romances, histórias em quadrinhos, para que o aluno possa especialmente conhecer e participar da realidade do seu cotidiano.

Para Silva (2002, p. 31):

A atividade de leitura se faz presente em todos os níveis educacionais das sociedades letradas. Tal presença sem dúvida marcante e abrangente começa no período de alfabetização, quando

a criança passa a compreender o significado potencial de mensagens registradas através de escritas (SILVA, 2002, p. 31).

Já Ferreira (2000, p. 423): „Ler é captar signos e sinais registrados em (um suporte) para recuperar as informações por eles codificadas. Sendo assim, para o autor é compreendido que leitura, em primeira instância, é a decodificação e decifração do objeto lido, decifrando a escrita, entendendo a linguagem encontrada, seguindo o que se pode decodificar nas alusões do texto para enfim, cogitar sobre o que foi lido e tomar o conhecimento individual do que leu.

A leitura faz parte do cotidiano do aluno, porque eles estão expostos ao meio letrado tais como, apostilhas, livros, didáticos, paradidáticos, leituras sugeridas, leituras obrigatórias, relatórios.

Um leitor competente é alguém que, por iniciativa própria, é capaz de selecionar, dentre os trechos que circulam socialmente, aqueles que podem atender a uma necessidade sua, que consegue utilizar estratégias de leitura adequada para abordá-los de forma a atender a essa necessidade. (PCN, 1997, p.36).

O principal objetivo da escola é ensinar a ler e a escrever. A leitura e a escrita são muito importantes para construção de seus direitos, possam exercer sua profissão e conviver socialmente com cidadania, aprende novos conhecimentos ao longo de toda vida. Na escola, as crianças necessitam ter contato com vários tipos de livros ou textos, ouvir histórias, observar atentamente os adultos lendo e escrevendo.

O mundo da leitura tem muitas facetas. Ler-se para ampliar os limites do próprio conhecimento para obter informações simples e complexas; ler-se para saber mais sobre o universo factual, ler-se em busca de diversão e descontração e, por meio da literatura de ficção e da poesia, ler-se para chegar ao prazer do texto. Prazer que resulta de um trabalho intelectual intenso, de um corpo a corpo, em diferentes níveis que se instaura entre o leitor e que sua experiência prévia de mundo e o autor e o seu texto de arte (LAJOLO, 2004).

As atividades de leitura sempre têm uma finalidade em nossa vida diária como leitores, lemos para alguma coisa e é essa busca que determina o material selecionado e nosso modo de ler. É preciso que o professor ajude os alunos a descobrir nos textos sua face mais pessoal e prazerosa, sua dimensão mais encantadora e envolvente.

Significa não só ver as letras do alfabeto e juntá-las em palavras, mas também estudar a escrita, decifrar e interpretar o sentido, reconhecer e perceber.

No ponto de vista de Oliveira e Nascimento (1998, p. 113):

A leitura contribui para o conhecimento do educando enquanto ser humano. Entretanto, o não hábito de leitura que foi gradativamente se instalando em nossa sociedade contribui de forma singular para a formação alienante e descomprometida com a transformação social (OLIVEIRA e NASCIMENTO 1998, p. 113).

O que reforça cada vez mais a necessidade de trabalhar adequadamente, durante a leitura, a compreensão, o poder de síntese, o conhecimento, o desenvolvimento intelectual é aprimorado, e a cada leitura o conhecimento é expandido, não só o ensino da leitura, mas também, motivar e criar o hábito de leitura desde a infância seja em casa e no âmbito escolar.

Freire (1993, p. 20) ressalta que,

a leitura de mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele. A leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por certa forma de “escrevê-lo ou de reescrevê-lo, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente.

O hábito de ler gera um poder de conhecimento muito grande para o leitor. Pela leitura, é possível viver experiências de vida, conhecer culturas e identifica a leitura como um processo mental de vários níveis, que muito contribui para o desenvolvimento do intelecto. É uma maneira de acessar um mundo sem sair do lugar é também uma forma exemplar de aprendizagem. A importância da leitura

é indiscutível quando se trata da educação, pois deve ser estimulada a partir do momento em que há contato com o código linguístico. É um dos meios mais eficazes de desenvolvimento sistemático da linguagem e da personalidade, a leitura é uma atividade de assimilação de conhecimentos, de interiorização, de reflexão, um processo de descoberta. É a extensão da escola na vida das pessoas.

A dificuldade de aprendizagem vem sendo um problema bastante debatido e preocupante, suas causas podem estar relacionadas a fatores exteriores ao indivíduo ou inerentes a ele, decorrendo de situações adversas à aprendizagem como o déficit sensorial, abandono escolar, baixa condição socioeconômica, problemas cognitivos e neurológicos.

Segundo o Referencial curricular nacional para educação infantil (1998, p. 151):

Diz-se que um ambiente é alfabetizador quando promove um conjunto de situações de usos reais de leitura e escrita nas quais as crianças tem a oportunidade de participar. Se os adultos com quem as crianças convivem utilizam a escrita no seu cotidiano e oferecem a elas a oportunidade de presenciar e participar de diversos atos de leitura e de escrita, elas podem, desde cedo, pensar sobre a língua e seus usos, construindo ideias sobre como se lê e como se escreve.

Portanto, o processo de alfabetização só ocorrerá quando o aluno souber ler, escrever, interpretar e elaborar produções de textos simples ou complexos com eficiência e qualidade.

O termo inclui condições como problemas perceptivos, lesão cerebral, disfunção cerebral mínima, dislexia e afasia de desenvolvimento. O termo não engloba as crianças que têm problemas de aprendizagem resultantes principalmente de deficiências visuais, auditivas ou motoras, de deficiência mental, de perturbação emocional ou de desvantagens ambientais, culturais ou econômicas (CORREIA & MARTINS, 2000, p. 7).

Para Fonseca (2007), Dificuldades de Aprendizagem podem ser definidas nos seguintes termos:

[...] um conjunto heterogêneo de desordens, perturbações, transtornos, incapacidades, ou outras expressões de significado similar ou próximo, manifestando dificuldades significativas, e ou específicas, no processo de aprendizagem verbal, isto é, na aquisição, integração e expressão de uma ou mais das seguintes habilidades simbólicas: compreensão auditiva, fala, leitura, escrita e cálculo (FONSECA, 2007, p. 136)

Apesar dos especialistas não concordarem em tudo ao falarem sobre Dificuldades de Aprendizagem, conclui-se que de um modo geral, as Dificuldades de Aprendizagem são, numa perspectiva biológica, desordens neurológicas que interferem temporária ou permanentemente na recepção, integração ou expressão de informação pelo indivíduo.

A aprendizagem pode ser definida como uma modificação do comportamento do indivíduo em função da experiência. E pode ser caracterizada pelo estilo sistemático e intencional e pela organização das atividades que a desencadeiam, atividades que se implantam em um quadro de finalidades e exigências determinadas pela instituição escolar, (ALVES, 2007, p.18).

O processo de aprendizagem traduz a maneira como os seres adquirem novos conhecimentos, desenvolvem competências e mudam o comportamento. Trata-se de um processo complexo que, dificilmente, pode ser explicado apenas através de recortes do todo. Trata-se de um processo contínuo que começa pela convivência familiar, pelas culturas, tradições e vai aperfeiçoando-se no ambiente escolar e na vida social de um indivíduo, sendo assim um processo que valoriza as competências, habilidades, conhecimentos, comportamento e tem como objetivo a elevação da experiência, formação, raciocínio e observação.

Essa ação pode ser analisada a partir de diferentes pontos de vista, de forma que há diferentes teorias de aprendizagem. Podem participar de uma rotina de exercício diferente e estimulante e principalmente receber muito apoio da família e dos professores e da escola para que aprendam a ler e escrever. Para certificar que

todos os alunos aprendem, a escola precisa ter projetos pedagógicos com orientações claras para alfabetização inicial. E no projeto deve haver objetivos concretos, que tipos de atividades serão realizadas na sala de aula e na escola e como serão as avaliações.

É muito importante que os pais conheçam os projetos e recebam orientações sobre a maior maneira de acompanhar a aprendizagem dos seus filhos. A leitura e a escrita é a ferramenta principal para aprendizagem de todas as disciplinas escolares, o aluno precisa desenvolver a cada ano cada vez mais a leitura e a escrita. A gestão pedagógica deve caminhar junto com os professores em prol da aprendizagem dos alunos, as escolas devem dialogar com os pais sobre aprendizado de seus filhos na leitura e na escrita, e podem dar dicas para os pais ajudarem seus filhos. Biblioteca deve estar aberta aos estudantes e se na escola não tiver, pode ser utilizado nas salas de aula, cantos de leitura.

Os computadores também podem ser uma grande ferramenta de aprendizagem da leitura e escrita. Para saber se aluno lê com fluência e compreende o que leu, o educador pode observar uma leitura oral ou silenciosa, depois pode fazer perguntas simples sobre o assunto que leu com a preocupação de avaliar a compreensão textual.

Diante dos estudos realizados, um dos problemas detectados no Brasil pelo Saeb (Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica) do Inep e pelo Pisa (Programa Internacional de Avaliação de Alunos) e também na experiência de muitos educadores é o fato de que muitos alunos até chegam a se alfabetizar, mas não desenvolvem adequadamente suas habilidades de leitura e escrita ao longo do ensino fundamental.

Freire (1993, p.17), salienta que “a leitura de um texto, tomado como pura descrição de um objeto é feita no sentido de memorizá-la, nem é real leitura, nem dela, portanto resulta o conhecimento do objeto que o texto fala”.

Portanto a leitura não é aprender apenas sobre o ato de ler, mas sobre a linguagem escrita e o mundo em geral. A partir do momento que o aluno é motivado a fazer interação com a leitura e seu conhecimento prévio possibilitando-se uma reflexão crítica onde ele ultrapasse a superfície do texto e insira na leitura seu

sentido maior. Abrindo cada vez mais os horizontes do saber, enriquecendo o vocabulário e a facilidade de comunicação, disciplinando a mente e alargando pelo contato com formas e ângulos diferentes.

A prática da leitura tem como finalidade formar leitores competentes e, conseqüentemente, a formação de escritores, pois, leitura nos fornece matéria-prima para a escrita. A leitura é um processo no qual o leitor realiza a construção de conhecimento, reconstruindo informações para chegar à compreensão de um texto.

Ao promover a interação entre indivíduos, a leitura, compreendida não só como leitura da palavra, mas também como leitura de mundo, deve ser atividade constituída de sujeitos capazes de interligar o mundo e nele atuar como cidadão (BRANDÃO, 1997, p. 22).

A leitura está associada ao aprendizado, por meio dela é possível adquirir conhecimentos. É uma forma de o indivíduo estar em contato com o mundo, ter acesso a outro tipo de leitura de mundo. É alunos que têm baixo desempenho nas avaliações, dificuldade de compreender o que lê e dificuldade de se expressar. Por isso, cabe aos educadores fazer planos de aulas que desenvolvam as habilidades de leitura e escrita dos alunos, proporcionando a evolução da série. O processo da alfabetização se manifesta por etapas, na primeira fase a criança vai compreender os sons da fala, na segunda fase aprende a percepção visual fina aguçada e para poder conseguir lembrar as letras do alfabeto diariamente.

Quando Freire (1993) ressalta em seu livro

A importância do ato de ler a sua leitura de mundo, relembra os momentos da infância em que teve o primeiro contato com a leitura através do ambiente em que vivia no seu dia a dia. A importância do ato de ler, eu me senti levado – e até gostosamente – a relembrar momentos fundamentais de minha prática, guardados na memória, desde as experiências mais remotas de minha infância, de minha mocidade, em que a compreensão crítica da importância do ato de ler se veio em mim constituindo (FREIRE, 1993, p. 11).

A leitura é a premissa para a inserção do indivíduo na sociedade, pois preenche uma lacuna no seu interior, funcionando como alimento para a mente,

sendo assim uma atividade humana, cujas práticas decorrem de condições sociais, históricas e culturais situadas, as quais instituem modos de ler, usos, sentidos e distribuem as condições necessárias de acesso aos que podem ser lidos. Para o aluno realmente compreender a leitura e a escrita é preciso ter consciência do que são os sons da fala e devem aprender o contexto para o processo da alfabetização, para um bom desempenho do processo de alfabetização é preciso que o professor estabeleça tarefas de mediação pedagógica, no qual todos participam e interajam junto com educador.

De acordo com Soares (2003, p.16),

A alfabetização é algo que deveria ser ensinado de forma sistemática, ela não deve ser diluída no processo de letramento. Um conceito que está em evidência no cenário atual da educação é o de letramento, que pode ser entendido como o processo de apropriação da cultura escrita fazendo um uso real da leitura e da escrita como práticas sociais (SOARES, 2004, p.24).

Portanto a escola deve desenvolver atividades práticas sobre letramento através de um bilhete, carta, ler jornais, revistas e livros, porque a leitura e a escrita fazem parte do contexto social. É por meio do contato com objeto que a criança começa usar maneiras progressivas. Alfabetizado é considerado quem sabe ler e escrever, diante a isso, surgiu o letramento que significa mais. Formar ótimos leitores e ao mesmo tempo descrever a importância da alfabetização não é fácil, é preciso que o professor tem uma formação com qualidade. Alfabetização é o surgimento do código escrito pela criança alfabetizada, no entanto o principal papel da escola é desenvolver inicialmente a leitura e a escrita.

O aprendiz compreendeu que cada um dos caracteres da escrita corresponde a valores sonoros menores que sílaba e realiza sistematicamente uma análise sonora dos fonemas das palavras que vai escrever. A partir desse momento, a criança se confrontará com dificuldades próprias da ortografia, mas não terá problemas de escrita, no sentido escrito. (FERREIRO; TEBEROSKY, 1991, p.213).

Apesar do começo a criança passar por dificuldades ao reconhecer as palavras do texto e ao ler não reconhece e nem compreende o que está sendo lido, nesse momento o professor deve respeitar o aluno porque todos tem o momento

certo de aprender e cabe ao professor desenvolver aulas produtivas de aprendizagens significativas. Alguns sinais comuns e precoces de que o interesse da criança pela escola e aprendizagem está abaixo do nível para a idade e/ou ano de escolaridade, podem estar relacionados à presença de algum tipo de Dificuldade de Aprendizagem.

São comuns queixas persistentes de que estão entediados, de que têm dificuldades em compreender a tarefa escolar e que apresentam resistência em frequentar à escola. Podem também apresentar constrangimento em expor suas produções escritas ou tarefas escolares prontas. Considerando que a criança já traz consigo muitos conhecimentos, entende-se que o processo de leitura e escrita não inicia na escola, mas no seu meio social, histórico e cultural.

A alfabetização deve ocorrer a partir destes conhecimentos, mas não deve ser pensada de forma mecânica, como apenas o domínio de um sistema linguístico e a sua decodificação, o que na atualidade não é o suficiente. Deve capacitar a criança para seu uso social, para que entenda as funcionalidades de cada texto e a finalidade da leitura e escrita, ou seja, letrar. No entanto, sabe-se que alfabetização e letramento são concepções diferentes, mas que devem ser desenvolvidas em conjunto para garantir um ensino de qualidade ao aluno.

Sendo assim, concorda-se com Vygotsky (2005) que a aprendizagem acontece dentro de alguns processos, a mediação entre duas estruturas, a social e a construída pelo próprio indivíduo por meio de instrumentos. Neste sentido, a partir destes processos o ser humano, culturalmente, vai internalizando e conseqüentemente vai adquirindo capacidade cada vez mais elevada de ordenar cognitivamente seu raciocínio. Assim:

O indivíduo humano (...) interage simultaneamente com o mundo real em que vive e com as formas de organização desse real dadas pela cultura. Essas formas culturalmente dadas serão, ao longo do processo de desenvolvimento, internalizadas pelo indivíduo e se constituirão no material simbólico que fará a mediação entre o sujeito e o objeto de conhecimento (CÓCCO, 1996, p.13).

A alfabetização como um processo de construção de hipóteses sobre o funcionamento e as regras de geração do sistema alfabético de escrita, é um conteúdo extremamente complexo que demanda procedimentos de análise também complexos por parte de quem aprende.

Hoje se percebe também que quando bem utilizado no ambiente escolar, o trabalho de literatura pode contribuir ainda para o desenvolvimento pessoal intelectual, conduzindo a criança ao mundo da escrita. Dessa forma, a literatura infantil tem sua importância na escola e torna – se indispensável por conter todos os aspectos aqui levantados, sendo de grande valor por proporcionar o desenvolvimento e a aprendizagem da criança em sua amplitude. (ZILBERMAN, 2003, p.16).

Os educadores devem conduzir o hábito da leitura na sala de aula porque é o ambiente ideal para estimular o gosto e a motivação pela leitura e cabe ao professor aplicar a criatividade e trabalhar livros que despertem o interesse, a novos conhecimentos. E as principais ferramentas são os livros literários, que chame atenção para as crianças se expressar e a partir dessa aula vão fazer textos escritos.

A Leitura é um processo, um ato de ler, decodificação de palavras, processo complexo que compreende várias fases; é um processo perceptivo durante o qual se reconhecem símbolos, interpreta-os e compreende-os, ativando unidades de pensamento, ampliando cada vez mais os conceitos intelectuais, confrontando idéias percebidas com o processo mental reflexivo, ideias e conhecimentos já armazenados que são interpretados e avaliados em relação a novas informações e habilidades de ler que proporciona o reconhecimento imediato de grupos armazenados de palavras. Tudo isso pode se afirmar sobre leitura, porém para desenvolver esse processo se faz necessário atentar para quatro pontos evidenciados por R. Starger (2013, p.54).

Incentivo ao pleno uso das potencialidades do indivíduo em sua leitura, de modo a influir ao máximo no seu bem estar e levá-lo à auto-realização; Emprego eficiente da leitura como um instrumento de aprendizado e crítica e também de relaxamento e diversão; Ampliação constante dos interesses de leitura dos estudantes; Estímulo a atitudes que levem a um interesse permanente pela leitura de muitos gêneros e para inúmeros fins.

Assim, em cada leitura realizada se estabelece um processo criativo que depende da percepção que o leitor tem, não só de um texto, mas do contexto em que se deu a criação e do próprio contexto com que se realiza a leitura. Isso quer dizer que a cada leitor caberá perceber o texto a partir de suas experiências de mundo e de suas vivências.

É por meio da leitura, que o indivíduo adquire conhecimentos. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998, p. 71) “a leitura tem a capacidade de transformar o indivíduo, fazê-lo refletir, mantê-lo inteirado sobre os acontecimentos”. Formar leitores é algo que requer condições favoráveis, não só em relação aos recursos materiais disponíveis, mas, principalmente, em relação ao uso que se faz deles nas práticas de leitura. De acordo com Ferreiro e Teberosky (1999) os níveis da escrita estão relacionados em: Pré silábica – não consegue relacionar as letras com os sons da língua falada; Silábica – interpreta a letra a sua maneira, atribuindo o valor da sílaba Silábico alfabética – Mistura a lógica da fase anterior com a identificação de algumas sílabas; Alfabética – Faz correspondência entre fonemas e grafemas.

As características da alfabetização e letramento são as habilidades da língua escrita e da leitura oral e as duas funções mostram como é realizado em sala a decifração e a decodificação porque os dois estão ligados nas práticas de uso linguísticos. Essas práticas só terão sentido quando realmente for valorizada através dos textos empíricos nos quais necessitamos no cotidiano, tais como narrativa de uma história, argumentação, relatos, para compreensão dos alunos. Esses ensinamentos só terão êxito se houver profissionais capacitados na área, porque o educador tem o dom de abrir a mente do aluno a aprender novos conceitos educacionais. Muitas vezes os alunos se espelham em nós, é necessário que o professor também tenha o hábito de ler.

## 1.5 O PROCESSO DA ALFABETIZAÇÃO E DO LETRAMENTO

Os estudos do letramento, parte de uma concepção de leitura e de escrita como práticas discursivas, com múltiplas funções e inseparáveis dos contextos em que se desenvolvem. Baseado nesse contexto as escolas vão ensinando a

importância da leitura e escrita, dando a oportunidade de ampliar os gêneros textuais, como agir discursivamente onde não haja erros gramaticais no qual o aluno vai adquirindo com as novas experiências durante escolarização.

Segundo Kleiman, em (2007, p. 4), “a diferença entre ensinar uma prática e ensinar para que o aluno desenvolva individualmente uma competência ou habilidade não é mera questão terminológica”. Em instituições como a escola, em que predomina concepção da leitura e da escrita como conjunto de competências, concebe – se a atividade de ler e escrever como um conjunto de habilidades progressivamente desenvolvidas, até se chegar a uma competência leitora e escritora ideal, a do usuário proficiente da língua escrita.

Nunca é demais lembrar que a prática da leitura é um princípio de cidadania, ou seja, leitor cidadão, se faz apresentar o poder da leitura a alguém desde criança fará com que esse indivíduo cresça sabendo a importância da leitura para o seu desenvolvimento e isso afetará todos os aspectos da sua vida, desde a pessoal ao profissional. pelas diferentes práticas de leitura pode ficar sabendo quais são as suas obrigações e também pode defender os seus direitos, além de ficar aberto às conquistas de outros direitos necessários para uma sociedade justa, democrática e feliz.

Nos dias atuais, ter senso crítico é fundamental. O hábito de ler contribui para que o desenvolvimento de um senso crítico seja mais apurado a dinâmica da leitura, muitas vezes não atrai a atenção do leitor, porém a importância de ler consiste em proporcionar aos alunos condições para que eles se sintam estimulados a ler e a adquirir o hábito de leitura descobrindo um mundo novo de conhecimentos e de informações.

É notório que o hábito de ler é determinante para a forma é considerado tornando-se algo chato e cansativo, exigindo esforços, principalmente quando não se sabe ler e compreender o que está escrito. Sendo assim o leitor percebe-se desmotivado e desinteressado em continuar a leitura, ou em alguns casos específicos, conclui apenas por ser algo obrigatório e de extrema importância para conclusão de uma atividade. Vale ressaltar que um dos principais benefícios da leitura, tanto para uma criança quanto para um adulto, é o enriquecimento de vocabulário. A cada leitura é possível aprender novas palavras, novas expressões

Para Bamberger (2000, p. 10), o mesmo “identifica a leitura como um processo mental de vários níveis, que muito contribui para o desenvolvimento do intelecto. É também uma forma exemplar de aprendizagem”. É um dos meios mais eficazes de desenvolvimento sistemático da linguagem e da personalidade para a criança, aprender novas palavras desenvolve a sua cognição mental.

Defendendo esta ideia, há mais de 40 anos, também pode-se fazer referência ao promotor da leitura Maurício Leite que criou a Mala do Livro, com a qual ele viaja o Brasil e o mundo ajudando os pequenos a se tornarem íntimos dos livros.

O professor deve saber o quanto sua prática é especial na sala de aula e que sua mediação pedagógica estimulará ou não o aluno o gosto pela leitura, realmente é fato, na primeira semana de leitura alguns alunos não se interessam e com passar do dia a dia se mostram bem participativos das atividades, vão aprendendo como a leitura é importante para sua vida.

A leitura deve estar presente no cotidiano dos alunos, eles acreditam que a leitura não é algo tão importante assim e com desenvolvimento dos novos meios eletrônicos cresce cada vez mais a desvalorização pelos livros. Diante há tantas dificuldades e problemas, cabe ao professor mudar essa situação através, de práticas efetiva de leitura. Devemos trabalhar adequadamente as dimensões individuais e sociocultural da leitura desses alunos na sala de aula.

Perante a importância da leitura na formação da aprendizagem dos alunos do ensino fundamental nas series iniciais, devemos utilizar métodos que ajudem na aquisição do processo do ensino.

O grande autor que auxiliar no desenvolvimento estimulador e eficaz é o professor Santos.

É nesse contexto que o jogo ganha espaço, como ferramenta ideal da aprendizagem, na medida em que propõe estímulo ao interesse do aluno, desenvolve níveis diferentes de sua experiência pessoal e social, ajuda-o a construir suas novas descobertas, desenvolve e enriquece sua personalidade e simboliza um instrumento pedagógico que leva ao professor a condição de condutor, estimulador e avaliador da aprendizagem (SANTOS, 2000, p. 37).

Através de obras literárias infantis que proporcione a imaginação e o faz de conta e só assim produzir textos oralmente e assim induzi-las a escrita. Além do mais a escrita e a leitura são importantíssimas para a formação dos cidadãos onde exerçam seus direitos e deveres entre a sociedade para aprendizagem das novas informações ao longo de sua vida.

Conceito explicito por Soares (2004, p. 74) como:

O uso de habilidade de leitura e escrita para o funcionamento e a participação adequados na sociedade, e para o sucesso pessoal, o letramento é considerado como um responsável por produzir resultados importantes: desenvolvimento cognitivo e econômico, mobilidade social, progresso profissional, cidadania. Acreditamos a parte mais delicada é a conclusão do leitor é preciso que tenha relação com os textos e contextos para poder adquirir maior conhecimento vivenciado. Aprendizagem prévia indica maneiras para se chegar a compreensão textual, ou seja, mais uma transformação capaz de fazer o leitor refletir (SOARES, 2004, p. 74).

Portando o educador tem um grande papel ao hábito na leitura, pois a sala de aula é uma grande ferramenta e um ótimo local de aprendizagem para despertar o gosto e o prazer pela leitura, no qual o professor é criativo ao utilizar obras que despertem o interesse, a curiosidade dos alunos. Diante da necessidade de se forma leitores, sabe-se que a utilização de estratégias adequadas, como também de métodos, modelos e técnicas, ou seja, novos paradigmas favorecem o desenvolvimento de habilidades e da compreensão leitora.

Segundo (COLOMER; CAMPS, 2002, p.68) fala sobre aprendizagem da escola. Ele diz que:

A escola tratou a leitura como se fosse uma capacidade para ser utilizada sempre da mesma forma e não incluiu na aprendizagem da leitura consideração de que as habilidades necessárias para proceder eficazmente em questões como buscar uma informação em uma enciclopédia, ler uma solicitação ou mergulhar em romance devem ser exercitadas a partir de indícios textuais muito diferentes (ordem alfabética, divisão em exposição e demanda) e de condutas absolutamente distintas (saltar ou seguir, avançar rápido ou lentamente (COLOMER; CAMPS, 2002, p.68).

A escola é responsável pelo trabalho da leitura, mas não cabe só à escola ser a única instituição de estímulo, a família, sociedade também podem participar do incentivo do hábito da leitura, analisamos a divulgação que, ao longo dos anos, ocorrem que algumas escolas ainda utilizam a aprendizagem tradicional do ensino de leitura dentro da sala de aula. De acordo com (BAMBERGER, 2000 p.7).

Há muito tempo se considera a capacidade de ler essencial a realização pessoal e, hoje em dia, é cada vez mais aceita a permissão de que o progresso social e econômico de um país depende muito do acesso que o povo tem aos conhecimentos indispensáveis transmitidos pela palavra impressa. (BAMBERGER, 2000 p.7).

A partir deste entendimento surgiu o interesse em explorar o tema. Observando que há uma orientação precisa a respeito dessas estratégias e de sua correta utilização para o estímulo ao ato de ler. Ler é muito importante. Através da leitura a sociedade descobre mais sobre o seu mundo. Este recurso está transformando a vida de muitas pessoas. No final de cada livro ou noticiário, o cidadão adquire novos conhecimentos.

Durante muito tempo pensar em alfabetização seria levar o aluno o conhecimento das letras, fazer com que ele aprenda a ler e a escrever. Neste cenário alfabetizar é ação de adentrar no mundo do código linguístico que para nós brasileiros é o aprendizado da língua portuguesa. Todavia, estudos e pesquisas dos últimos vinte anos têm mostrado que as práticas que centram a alfabetização apenas na memorização das correspondências entre sons e letras empobrecem a aprendizagem da língua, reduzindo-a a um conjunto de sons a serem representados por letras.

Em função disso, essa visão mais tradicional da alfabetização vem sendo questionada. Isso não significa que não seja necessário aprender as letras e os sons correspondentes. Significa que isto é apenas uma parte do conteúdo da alfabetização. A alfabetização é uma aprendizagem mais ampla e complexa do que o “bê-a-bá (Abreu, 2012, p.7).

De acordo com Santos, Pessoa et al (2016, p. 3) afirmam que alfabetização não é um processo baseado em perceber e memorizar, para aprender a ler e escrever, o aluno precisa construir um conhecimento de natureza conceitual, ele não só precisa saber o que é a escrita, mas também de que forma a ela representa graficamente a linguagem. Corroborando Soares (2004) afirma que:

[...] poderíamos chamar de acesso ao mundo da escrita num sentido amplo é o processo de um indivíduo entrar nesse mundo, e isso se faz basicamente por duas vias: uma, através do aprendizado de uma “técnica”. Chamo a escrita de técnica, pois aprender a ler e a escrever envolve relacionar sons com letras, fonemas com grafemas, para codificar ou para decodificar. Envolve, também, aprender a segurar um lápis, aprender que se escreve de cima para baixo e da esquerda para a direita; enfim, envolve uma série de aspectos que chamo de técnicos. Essa é, então, uma porta de entrada indispensável (SOARES, 2004, p. 10).

Pode-se afirmar que alfabetizar não significa decodificar símbolos previamente “decorados” em uma ordem, pois é comum ao apresentarmos o alfabeto para os alunos estes gravarem a ordem A, B, C, D e assim sucessivamente. Pelo contrário requer técnica para ensinar e técnica para aprender.

Todavia, esta ação perdurou e ainda se apresenta na escola, onde as práticas pedagógicas de alfabetização permanecem atreladas ao ensinar as letras, juntar as sílabas e assim ir paulatinamente construindo a ação de ler e escrever dos alunos. O grande problema a partir das incursões é que os alunos memorizam e não internalizam os conhecimentos tornando assim dificultoso este processo.

Outro elemento importante nesse debate diz respeito a forma de ensinar a escrita, citada anteriormente, constrói uma aprendizagem segregada e que não permite ao aluno a reflexão e a interpretação daquilo que ele lê ou escreve já que ele reproduz símbolos e que em alguns momentos nem entendem como símbolos. Para alguns alunos são desenhos que eles transcrevem aos seus cadernos sem nenhuma relação e ou apropriação de conhecimento. Neste caso não houve alfabetização, visto que:

Uma pessoa alfabetizada conhece o código alfabético, domina as relações grafêmicas, em outras palavras, sabe que sons as letras representam, é capaz de ler palavras e textos simples, mas não necessariamente é usuário da leitura e da escrita na vida social (Carvalho, 2010, p. 66).

Gómez e Terán (2009) enfatizam que “a aprendizagem supõe uma construção que ocorre por meio de um processo mental que implica na aquisição de um conhecimento novo.” (p.31). Ainda sobre aprendizagem “aprender é um processo complexo e multifacetado que apresenta bloqueios e inibições em todos os seres humanos.” (p.30). e neste sentido nem sempre a aprendizagem ocorre como uma “linha reta”, perfeita, sem oscilações.

Pois, como afirma Barbosa (2015) “mesmo que tenhamos facilidade para assimilar e compreender algumas coisas, sempre haverá outras que nós teremos mais dificuldade para aprender, contudo essa dificuldade não significa que a aprendizagem não possa ocorrer”. (p.13).

Em seus estudos Soares (2004, p. 1) preconiza que não é preciso primeiro aprender a técnica para depois aprender a usá-la. E isso se fez durante muito tempo na escola: “primeiro você aprende a ler e a escrever, depois você vai ler aqueles livrinhos lá”. Ela ainda enfatiza também que dissociar leitura e escrita em um contexto técnico de ensino aprendizagem é um “engano sério”, pois as “duas aprendizagens se fazem ao mesmo tempo, uma não é pré-requisito da outra”.

Isto posto, para que haja a relação do que aprendeu no processo de alfabetização na utilização da leitura e da escrita como elemento de prática social precisa-se relacionar a ação de alfabetizar com a ação de letrar, pois apesar de distintos alfabetização e letramento caminham juntos, são indissociáveis.

Alfabetizar é muito mais do que codificar e decodificar o código alfabético, por isso letramento se soma com a alfabetização e, o educador precisa saber o momento certo para articular leitura e produção de texto, fazer as intervenções adequadas para o aluno progredir, pois é uma fase de libertação, aquisição da escrita e não pode ser entendida como um recurso memorativo, alfabetizar é oferecer ao aluno a oportunidade de se expressar dando a oportunidade do mesmo construir o seu próprio conhecimento (Santos, Pessoa et al, 2016, p. 6).

Santos e Dias (2018, p. 2) afirmam que “a alfabetização é definida como o processo de aprendizagem onde se desenvolve a habilidade de ler e escrever de maneira adequada e utiliza dessa habilidade como um código de comunicação”. Afirmam também que “o letramento serve para que o aluno entenda o que lê e relacione com o seu meio social”.

Assim, letrar é a materialização das técnicas e práticas pedagógicas do processo de alfabetização. É ter a ação da leitura e da escrita como meio de relação com as situações sociais inerentes ao ser humano que se alfabetiza e que potencializa o seu letramento.

De acordo com Santos e Dias (2018, p. 4) o letramento surgiu como objetivo de completar a alfabetização no contexto social, desenvolvendo habilidades nos alunos de forma que eles consigam interagir com segurança de si, no seu meio social, trazendo para os alunos os usos sociais da leitura e escrita.

Podemos dizer que o letramento é decorrente “da necessidade de configurar e nomear comportamentos e práticas sociais na área da leitura e da escrita que ultrapassam o domínio do sistema alfabético e ortográfico, nível da aprendizagem da língua escrita perseguido, tradicionalmente, pelo processo de alfabetização” (Soares, 2003, p. 20).

Na concepção da autora a alfabetização e letramento são conceitos frequentemente confundidos ou sobrepostos, e que se torna relevante a distinção entre eles, ao mesmo tempo em que é importante também aproximá-los: a distinção se faz necessária porque a introdução, no campo da educação, do conceito de letramento tem ameaçado perigosamente a especificidade do processo de alfabetização; por outro lado, a aproximação é necessária porque não só o processo de alfabetização, embora distinto e específico, altera-se e reconfigura-se no quadro do conceito de letramento, como também este é dependente daquele (Soares 2003, p. 90).

Este pressuposto teórico está embasado na ideia de que é necessário que o aluno esteja engajado no mundo da leitura e da escrita a partir de seu processo de alfabetização e letramento e para tal, ele precisa compreender os dois aspectos indissociáveis na visão de Soares (2004) e Freire (1991).

Nesse âmbito, primeiramente o aluno deve ter o domínio do sistema alfabético e das questões que envolvem a ortografia e este domínio ele irá construir a partir do processo de alfabetização. Em segundo, quando este aluno passa a materializar as aprendizagens construídas, lendo e escrevendo e, sobretudo, relacionando a leitura e a escrita nas situações e contextos de seu cotidiano ele estará aplicando o letramento e assim, demonstrando que letramento e alfabetização caminham juntos, são ações indissociáveis, inseparáveis, todavia processos distintos.

Para Freire (1991) não basta saber que “Eva viu a uva”. É preciso saber muito mais que isso. O aluno ao ler o que a Eva viu precisa adentrar no contexto social, perceber quem trabalhou pra que a uva vista por Eva estivesse “ali”, naquele lugar. Nesse âmbito ele nos mostra é que a leitura e a escrita se apresentam em um contexto devida do ser humano e este por ser um ser historicamente social não pode negar as relações políticas e econômicas que se entrelaçam o tempo todo na sociedade.

É importante que o professor, consciente de que o acesso ao mundo da escrita é em grande parte responsabilização da escola, conceba a alfabetização e o letramento como fenômenos complexos e que perceba que são múltiplas as possibilidades de usoda leitura e da escrita na sociedade.

Neste ponto, torna-se indispensável trazer ao debate teórico sobre alfabetização e letramento, os métodos de alfabetização a fim de conceituá-los e caracterizá-los. Dentro desse debate, um método específico, como o silábico, o fônico, o global; um livro didático de alfabetização proposto por algum autor; um conjunto de princípios teórico-procedimentais que organizam o trabalho pedagógico em torno da alfabetização, nem sempre filiado a uma vertente teórica explícita ou única ou um conjunto de saberes práticos ou de princípios organizadores do processo de alfabetização, (re)criados pelo professor em seu trabalho pedagógico. (Frade, 2005, p.15).

Diante do exposto pode-se afirmar que em uma escola, em uma sala de aula, as formas e ou métodos de alfabetização não se encontram “como receitas e ou bulas de remédios”. O que se quer dizer é que ao criarmos nossa forma de alfabetizar ela se constrói na medida em que a pratica pedagógica é materializada

em sala de aula e isso também depende das diferentes demandas que nela se apresentam. (Frade, 2005, p.15)

É essencial, mesmo que, os professores apropriam-se dos conhecimentos teóricos para a efetivação da prática, toda via não se pode ignorar ou negar que cada aluno ali presente é um ator individual neste processo e por suas especificidades não se pode eleger uma forma de alfabetização. Zorzi (2009) elenca algumas ações indissociáveis a prática docente como as seguintes habilidades e competências de:

Desenvolver a capacidade para segmentar palavras, partindo destas como um todo, passando pelas sílabas e chegando ao nível dos fonemas, identificando-os e gerando um conjunto; compreender, ou constatar que as diferentes palavras se constituem a partir da combinação dos fonemas que compõem tal conjunto; compreender que, para cada fonema existe, no mínimo, uma letra para representá-lo. Isto significa aprender o valor sonoro das letras e estabilizar as correspondências fonemas-grafemas. Desta forma, a um conjunto limitado de fonemas também corresponde um conjunto limitado de símbolos gráficos; compreender que, para escrever uma palavra, o ponto de partida é analisar sua estrutura sonora, identificar cada um dos fonemas componentes e atribuir a eles as letras correspondentes; compreender que, para ler, deve-se atribuir às letras os sons que elas representam, unir os fonemas em sílabas e as sílabas em palavras. (ZORZI, 2009, p.153).

Do mesmo modo na sala de aula a ação de alfabetizar perpassa por decisões metodológicas, as quais dizem respeito aos caminhos a serem seguidos para alcançar o objetivo fim: o ensino aprendizagem. Por essa razão, as decisões metodológicas no que concerne aos procedimentos de ensino são tomadas em função dos conteúdos de alfabetização que se quer ensinar e do conhecimento que o professor tem sobre os processos cognitivos dos alunos, quando estes tentam compreender o sistema alfabético e ortográfico da linguagem escrita e seu funcionamento social (Frade, 2005, p. 16).

Em seus estudos, o autor, ressalta que o professor alfabetizador precisa entender os métodos clássicos de alfabetização, precisa ainda tomar decisões relativas a diversas ordens de fatores. Seu trabalho implica decisões relativas a

métodos, à organização da sala de aula e de um ambiente de letramento, à pesquisa sobre práticas culturais de escrita na família e na comunidade, à definição de capacidades a serem atingidas, à escolha de materiais, de procedimentos de ensino, de formas de avaliar, sempre num contexto da política mais ampla de organização do ensino (Frade, 2005, p. 16).

### **1.5.1 Os Métodos de Alfabetização**

Neste ponto do trabalho, abordaremos os métodos de alfabetização, os quais na ótica de Frade (2005) estão organizados em dois grupos: sintéticos e analíticos.

#### *1.5.1.1 Os Métodos Sintéticos*

Dialogando com Frade (2005, p. 22) os métodos sintéticos vão das partes para o todo, neles, temos a eleição de princípios organizativos diferenciados, os quais privilegiam as correspondências fonográficas. O método sintético é o mais antigo, com mais de 2000 anos de existência, perdurou por toda a Antiguidade e chegou também na Idade Média, quando foi adotado também em países da Europa, como, por exemplo, a França, que utilizava esse método para ensinar inicialmente o Latim, para depois inserir a língua materna (Souza e Silva, 2017, p. 499).

Na perspectiva de Almeida (2015, p. 4234) os métodos sintéticos "seguem a marcha que vai das partes para o todo, ou seja, primeiro a criança internaliza as unidades menores (fonemas), para depois gradativamente chegar às unidades maiores". Eles partem das menores unidades. Nesse viés, primeiramente o aluno deve aprender as letras, uma por uma, depois ele passa a juntar as sílabas e assim para finalizar forma as palavras. Consideremos que:

Os métodos sintéticos se baseiam num mesmo pressuposto: o de que a compreensão do sistema de escrita se faz sintetizando/juntando unidades menores, que são analisadas para estabelecer a relação entre a fala e sua representação escrita, ou seja, a análise fonológica. Dependendo do método, essas unidades de análise podem ser escolhidas entre letras, fonemas ou sílabas, que se juntam para formar um todo. A aprendizagem pelos métodos sintéticos leva à decodificação ou decifração (FRADE, 2005, p. 23).

Os métodos sintéticos dividem-se em: alfabético, silábico e fônico. Conforme Frade (2005) o método alfabético é o mais antigo. Este consiste em apresentar aos alunos as letras do alfabeto que ao se juntarem formavam as sílabas e depois as palavras, neles os aprendizes, primeiro, deveriam decorar o alfabeto, letra por letra, para encontrar as partes que formariam a sílaba ou outro segmento da palavra; somente depois viriam a entender que esses elementos poderiam se transformar numa palavra.

Mais tarde, criou-se o procedimento de soletração, que gerou exaustivos exercícios de “cantilenas” (cantorias com os nomes das letras e suas combinações) e também o treino com possíveis combinações de letras em silabários. Essas atividades eram sem sentido, porque se demorava a chegar ao significado. Imaginem uma pessoa decorando e cantando combinações (be-a-ba, be-e-be, etc.) e soletrando para tentar decifrar a palavra bola: “be-o-bo, ele-a-la = bola” (Frade, 2005, p. 23).

É oportuno destacar que, ele ainda é muito utilizado no processo de alfabetização, o mesmo segundo Frade (2005, p.23) método alfabético conduz o aluno por “um caminho tortuoso”, no que tange, a leitura e a escrita. Imaginemos que as letras ao estarem separadas produzem um som e ao formarem palavras produzem novos sons diferentes. Tal situação causava dificuldade e por sua vez, assume uma característica desafiadora ao processo de alfabetização. O cenário projetado é complicado para as crianças, imaginemos no Ensino.

É oportuno, de fato, mencionar que o método alfabético também é conhecido como método de soletração. Nele o aluno carece ser estimulado de forma auditiva e também visual, visto que ele precisa decorar, memorizar, nesse viés o mesmo deve associar o nome das letras a imagem que a representa e assim formar as sílabas e memorizar as palavras que a partir delas se formam. Ele une letras e sons.

A partir de agora vamos voltar nossas atenções ao método fônico. De acordo com Frade (2005, p. 25) “a unidade mínima de análise é o som”. O aluno inicia a aprendizagem pelo som, ele esculta o som da consoante e da vogal para depois pronunciar a sílaba que se formou. Neste método, a atenção encontra-se

direcionada à dimensão sonora da língua, portanto, inicia-se o processo ensinando a forma e o som das vogais, depois os das consoantes, em seguida, cada letra é aprendida como um fonema que, unindo a outro, irá formar as sílabas e depois as palavras.

Segundo Frade (2005, p. 26) o método fônico apresenta vantagens e desvantagens do método fônico. Em relação as vantagens ele afirma que “nos casos em que realmente há uma correspondência direta entre um fonema e sua representação escrita, os aprendizes vão decifrar rapidamente, desde que entendam essa relação e decorem as correspondências”. Como desvantagens, ele argumenta que as variações linguísticas promovem a instabilidade ao método, já que dependendo de cada região brasileira o som das palavras pode ser diferente. Sem contar, nas questões de que algumas letras podem apresentar diferentes sons, como no caso de palavras que tem a letras. Nela a letra S faz o som de Z, entre outras palavras onde o S apresenta sons diferenciados.

Outro método sintético de alfabetização é o método da silabação. Neste método, conforme Frade (2005, p. 27) a principal unidade a ser analisada pelos alunos é a sílaba. No entanto, em várias cartilhas, o trabalho inicial centra-se nas vogais e seus encontros, como uma das condições para a sistematização posterior das sílabas. O alfabetizador apresenta:

[...] palavras-chave, utilizadas apenas para indicar as sílabas, que são destacadas das palavras e estudadas sistematicamente em famílias silábicas. Estas são recompostas para formar novas palavras. O método permite que se formem novas palavras apenas com as sílabas já apresentadas e formam-se, gradativamente, pequenas frases e textos, forjados para mostrar apenas as combinações entre sílabas já estudadas (Frade, 2005, p. 29).

O autor destaca que o método silábico, apresenta vantagens, pois ao se trabalhar com a unidade sílaba, atende-se a um princípio importante e facilitador da aprendizagem: quando falamos, pronunciamos sílabas e não sons separados. Assim, suprime-se a etapa tortuosa pela qual o aluno passa ao tentar transformar letras ou fonemas em sílabas, como no método de soletração (alfabético) ou no

fônico. Além disso, o método silábico se presta bem a um trabalho com determinadas sílabas às quais não se aplica o princípio de relação direta entre fonema e grafema (Frade, 2005, p. 29).

Apesar das vantagens, Frade (2005, p. 30) alerta que se deve atentar que o método silábico traz “textos fabricados para treino das sílabas” artificiais, as quais muitas vezes não apresentam sentido e são descolados do uso social. Passemos agora a abordar os métodos sintéticos. Estes seguem uma marcha sintética, pois partem todo (da análise para a síntese). Eles demonstram rigidez no controle das aprendizagens e tendem a priorizar apenas a decodificação, ou seja, a “análise fonológica, com pouca ênfase no sentido dos textos e no uso social da escrita” (Frade, 2002, p. 30).

Ao se examinar o que foi apresentado até o momento sobre os métodos sintéticos, é nítido que não há relação entre alfabetização e letramento. Isto posto, ao enveredar por esse caminho, a prática docente no processo de alfabetização caracteriza-se pela ação de memorizar e não de compreender, interpretar e fazer relação da leitura e da escrita como elementos para o seu uso num contexto social. Lembrando que as práticas sociais requerem do aluno uma atividade reflexiva de que, por sua vez, favorece a evolução de suas estratégias resolução das questões apresentadas pelos textos.

Essa atividade é realizada com a intervenção do professor, que deverá colocar-se na situação de principal parceiro, agrupar os alunos de forma a favorecer a circulação de informações entre eles, procurando garantir que a heterogeneidade do grupo seja um instrumento a serviço da troca, da colaboração e conseqüentemente, da própria aprendizagem, principalmente quando a turma é grande e o professor não pode atender a todos os alunos do mesmo modo e ao mesmo tempo (Santos, Pessoa, Garandau & Lima, 2016, p.2).

Ademais quando a alfabetização é alicerçada na memorizar das letras, do alfabeto sequenciado e das sílabas, o aluno vai acumulando dificuldades, podendo inclusive tornar-se analfabeto funcional no futuro, visto que esse processo ensina apenas o significado das palavras e não o contexto, situação essa que limita a capacidade de interpretação e com isso torna-se inviável alcançar os grandes objetivos da Educação são: ensinar a aprender, ensinar a fazer, ensinar a ser,

ensinar a conviver em paz, desenvolver a inteligência e ensinar a transformar informações em conhecimento. Estes objetivos só serão atingidos se o trabalho de alfabetização desenvolva o letramento. Nessa ótica o letramento é entendido como produto da participação em práticas sociais que usam a escrita como sistema simbólico e tecnologia (Soares, 2017, p.19).

Dialogando com Rios e Libânio (2009, p. 33) não há como separar a alfabetização do letramento, dado que “são processos que se mesclam e coexistem na experiência de leitura e escrita nas práticas sociais, apesar de serem conceitos distintos”. Na concepção de Santos, Pessoa, Garandau & Lima (2016).

[...] o letramento inicia-se quando a criança começa a letrar-se a partir do momento em que convive com pessoas que fazem uso da língua escrita, vive em ambiente rodeado de material escrito. Desta forma ela vai conhecendo e reconhecendo prática de leitura e da escrita. E a alfabetização, por sua vez, começa quando a criança passa a frequentar a escola, concretizando o hábito e as práticas da língua escrita (LIMA, 2016, p. 7).

#### *1.5.1.2 Os Métodos Analíticos*

Os métodos analíticos estão atrelados a questão da linguagem, o ensino tem como prioridade a palavra, a frase e ou texto. A linguagem funciona como um todo; existe um princípio de sincretismo no pensamento infantil: primeiro percebe-se o todo para depois se observar as partes; os métodos de alfabetização devem priorizar a compreensão; no ato da leitura, o leitor se utiliza de estratégias globais de reconhecimento; o aprendizado da escrita não pode ser feito por fragmentos de palavras, mas por seu significado, que é muito importante para o aprendiz (Frade, 2005, p. 32).

Tendo como prioridade a palavra, a frase e ou o texto, os métodos analíticos podem ser divididos em: palavração, sentencição e global. De acordo com Frade (2005, p. 33) o método da palavração apresenta “uma palavra que, posteriormente, é decomposta em sílabas”. Apesar de parecer que estamos diante do método silábico, a diferença é que na palavração:

As palavras não são decompostas obrigatoriamente no início do processo, são apreendidas globalmente e por reconhecimento. A escolha de palavras também não obedece ao princípio do mais fácil ao mais difícil. São apresentadas independentemente de suas regularidades ortográficas. O importante é que tenham significado para os alunos (Frade, 2005, p.33).

As palavras significativas são apresentadas em agrupamento retiradas de um texto ou de uma história e os alunos aprendem a partir da visualização e pela configuração gráfica, ou seja, o mesmo faz a relação da palavra com a imagem elaborando uma análise dos dois elementos.

Assim, deve ser colocada “uma lista de palavras ditas e compreendidas num processo oral, usando, assim, a técnica da memorização, para o reconhecimento global de certa quantidade de palavras da lista em combinações diferentes”, para que os alunos construam “sentenças significativas e, na sequência, trabalhar as sílabas/letras até” que eles “se tornar capaz de fazer, de forma automática, as conversões letras/sons” (Morais, Albuquerque & Leal, 2008, p. 17). Para, além disso;

Em suas aplicações, as figuras podem acompanhar as palavras, no início do processo, e a repetição garante a memorização. Ao mesmo tempo em que são incentivadas estratégias de leitura inteligente, a atenção do aluno pode ser dirigida a componentes da palavra escrita ou falada, como letras, sílabas e sons. Essas duas estratégias reunidas garantiriam o enfrentamento de textos novos (FRADE, 2005, p. 33).

Ademais, o método utiliza cartões para fixação, com palavras de um lado e gravuras de outro, exercícios cinestésicos para o ensino do movimento de escrita de cada palavra, entre outros recursos e procedimentos (Frade, 2005, p. 33). No que concerne o método da sentenciação,

[...] a unidade inicial do aprendizado é a frase, que é depois dividida em palavras, de onde são extraídos os elementos mais simples: as sílabas. Já no global, também conhecido como conto e estória, o método é composto por várias unidades de leitura que têm começo, meio e fim, sendo ligadas por frases com sentido para formar um enredo de interesse da criança. Os críticos deste método dizem que

a criança não aprende a ler, apenas decora (VISVANATHAN, 2009, p. 5).

Em seus postulados Frade (2005, p. 34) existem poucas informações sobre a aplicação dele no Brasil, além disso há duas vantagens do método de sentencição: trabalhar a frase, como unidade mais complexa da língua; enfatizar um tipo de leitura que dê dicas do contexto para auxiliar a compreensão.

Segundo o autor este método apresenta a mesma desvantagem da palavração, visto que há o perigo de se gastar muito tempo com a memorização e de se dar pouca atenção à análise de palavras. Sequenciando essas reflexões sobre os métodos analíticos, passamos agora para o global (também conhecido como método de historietas ou contos). Ele apresenta primeiro a estrutura de textos com começo meio e fim e segundo.

Corroborando Frade (2005, p. 34, 37) enfatiza que os métodos globais seguem a marcha analítica (do todo para as partes, da síntese para a análise) e que eles pretendem priorizar o sentido e estabelecem algum tipo de progressão na fragmentação das unidades que serão analisadas.

Ainda segundo a ótica do autor, os métodos globais têm uma vantagem. A linguagem é apresentada de uma maneira que se aproxima mais do uso efetivo do que nos outros métodos, porque não se dissocia a forma do significado. Apesar do tom artificial de alguns textos e mesmo quando se elege a organização por palavra ou sentença, a criança tem acesso a uma significação, podendo “ler” palavras, sentenças ou textos desde a primeira lição, por reconhecimento global. Supõe-se que, assim, mantém-se o interesse desde o início do processo de aprendizagem da leitura e da escrita.

Esse tipo de leitura, com foco na memorização global, possibilita que os alunos não se percam na tentativa de decodificação e que leiam com rapidez palavras conhecidas (Frade, 2005, p.37). Para finalizar o debate teórico sobre os métodos analíticos, evidenciamos que eles apresentam um contexto da alfabetização mais amplo com mais sentido, tendo na palavra, na frase e no texto a possibilidade de compreender os significados que a leitura e a escrita proporcionam.

Assim caminha de unidades maiores a unidades mais simples, uma vez que ao partir da palavra, por exemplo, promove uma aprendizagem que relaciona a ação visual e as ideias que os alunos possuem em relação ao mundo que o cerca.

Achamos oportuno destacar que se o professor não possuir o domínio da técnica, os alunos podem sentir dificuldades, principalmente pelas palavras novas que surgem em frases e ou textos, fazendo com que a memorização, aspecto dos métodos sintéticos retorne ao contexto do processo de alfabetização. Destacamos que o ambiente escolar deve oportunizar a construção da alfabetização e do letramento, assegurando a relação com a leitura e a escrita enquanto conhecimento de vida, de mundo e de si mesmo.

## 2 - OS NOVOS MÉTODOS UTILIZADOS NA APRENDIZAGEM DA LEITURA NA ATUALIDADE

Neste capítulo de quando a criança iniciava a leitura quando era alfabetizada, essa compreensão está antiquada pelo conceito do letramento, hoje alfabetizado é quem escreve um modesto bilhete. O estudo trata-se do processo de aprendizagem humana e suas dificuldades são levando em consideração as realidades interna e externa, utilizando de vários campos do conhecimento, integrando-os e sintetizando-os.

Então o letramento se desenvolve por métodos sociais, porque a leitura e a escrita se constroem com variados tipos de contextos que estão relacionados com o entendimento e manifestação lógica e verbal, a função da alfabetização é evoluir a habilidade da leitura e escrita. Aprendizagem e a construção do conhecimento são processos naturais e espontâneos do ser humano que desde muito cedo aprende a mamar, falar, andar, pensar, garantindo assim, a sua sobrevivência.

Com aproximadamente três anos, as crianças são capazes de construir as primeiras hipóteses e já começam a questionar sobre a existência das coisas. A aprendizagem escolar também é considerada um processo natural, que resulta de uma complexa atividade mental, na qual o pensamento, a percepção, as emoções, a memória, a motricidade e os conhecimentos prévios estão envolvidos e onde a criança deva sentir o prazer em aprender.

Procurando compreender de forma global e integrada os processos cognitivos, emocionais, orgânicos, familiares, sociais e pedagógicos que determinam à condição do sujeito e interferem no processo de aprendizagem, possibilitando situações que resgatem a aprendizagem em sua totalidade de maneira prazerosa (SMITH E STRICK, 2001, p.20).

Há tempos que o ser humano tem procurado aperfeiçoar o conhecimento sobre a vida e suas implicações, tanto nos termos biológicos quanto intelectuais, o que tem evidenciado uma grande preocupação com os processos de aprendizagem

e com a relação com os métodos de ensino e aprendizagem instituídos no decorrer da história humana.

De modo particular, busca-se com este estudo motivar os alunos com atividades enriquecedoras reforçando a ideia que o professor exerce a função bússola e estará sempre orientando os caminhos a seguir, na tentativa de que os alunos despertem sua capacidade para a leitura, e para que isso aconteça o professor deverá usar as estratégias adequadas, permanecendo atento aos momentos de avanços e retrocessos no ato de ler, precisando interagir com coerência e competência.

Dessa forma, o ensino da leitura assume, nas aulas de língua materna, particular relevância. Conforme postula Freire (1993), o aluno necessita ser preparado para tornar-se sujeito do ato de ler. Para tanto, é preciso que ele se torne apto a aprender a significação profunda dos textos com que se defronta, capacitando-se a reconstruí-los e reinventá-los.

Importante é, também, o aprendiz notar que cada nova leitura de um texto lhe permitirá que torne-se claro novas significações, não detectadas nas leituras anteriores. Esse fato poderá, inclusive, servi-lhe de motivação, despertando-lhe maior gosto pela leitura ao perceber que, pela reconstrução que ele próprio faz do texto, acaba por recriá-lo, tornando-se, por assim dizer.

Ao considerar a atividade da leitura como um meio de fazer do aluno um cidadão capaz de ler e interpretar o mundo, a realidade social nela poder intervir transformando-a, nós professores de língua materna, terá que promover condições para que o aluno não seja um mero decodificador de símbolos (SILVA, 2003, p.33).

Na escola, o uso da leitura tem sido basicamente, um objeto de ensino. Para que seja também objeto de aprendizagem, é necessário que esta atividade faça sentido para o aluno ao realiza-la, necessitando que o professor trabalhe com a diversidade de textos existentes, e de combinações entre eles, possibilitando ao mesmo tempo a informação e o gosto do que está lendo, quando estiver estudando ou escrevendo seu próprio texto.

Diante dessa afirmativa, onde a leitura deva ser uma atividade prazerosa, surge a preocupação, tendo em vista a necessidade de compreensão e a grande deficiência em relação à leitura nas séries iniciais e subsequentes, e sendo conhecedora de que a leitura é um fator decisivo de estudo que contribui para uma aprendizagem eficaz elevando o nível de compreensão e capacidade intelectual do aluno, busca-se desenvolver o presente estudo onde são enfatizados a natureza do ato de ler, a formação de leitores e as estratégias de leitura, considerando que as estratégias de leitura variam conforme o tipo de texto e o propósito da leitura atendendo assim as funções sociais da mesma (BRASIL, 1998).

Para tanto, é importante que a escola priorize a leitura como ponto fundamental para que o indivíduo possa interagir conscientemente no contexto sócio econômico e cultural. Pois é na escola, que se fortalecem os vínculos da leitura, que deverá acompanhar o indivíduo em formação. É também na escola, que se inicia a qualificação do leitor, uma vez que nela existe todo o aparato para o uso da mente e valorização de textos. Devendo-se colocar em prática as perspectivas da criança e dos jovens, contribuindo para o seu desenvolvimento pessoal, intelectual, social e cognitivo.

Para a autora Solé (2007), a leitura é um processo de interação entre o leitor e o texto; neste processo tenta-se satisfazer que obter uma informação pertinente para os objetivos que guiam sua leitura. Portanto esta afirmação tem várias consequências. Em primeiro lugar; envolve a presença de um leitor ativo que processo e examina o texto. Também implica que sempre deve existir um objetivo para guiar a leitura; em outras palavras sempre lemos para algo, para alcançar alguma finalidade.

Solé (2007), ressalta que mediante a realidade do século XXI a evolução da leitura tem tido uma identidade diferenciada das estratégias vinculadas a leitura com alunos das series iniciais, os desígnios da estratégia têm realizado uma diplomacia nas facilidades de incumbir uma nova roupagem sobre as técnicas de aplicar uma leitura distinta dentro da sala de aula.

Nesse sentido para além de um trabalho que favoreça o desenvolvimento das diferentes inteligências, é preciso considerar que não existe um único caminho para a aprendizagem e para a resolução de problemas. Assim, o docente deve estar atento a estas questões de modo a valorizar as diferentes maneiras que os alunos

aprendem, buscam e encontram para solucionar as questões que são postas e impostas a eles.

Diante disso, professor e estudante podem reconhecer que todas as pessoas têm sua própria forma de aprender, sendo que isso se constitui numa característica humana. E, principalmente, admitir que a criança rotulada como 'incapaz para a aprendizagem' pode possuir inteligências que, se forem devidamente reconhecidas e estimuladas, contribuirão para o seu desenvolvimento global (SILVA; PICCOLO, 2010, p.197).

Notamos que dentro do contexto educacional o que está ocorrendo é uma tentativa de padronização de maneiras de se desenvolver, pensar e agir, nesse sentido Almeida (2011) alerta que:

Os padrões são totalizantes e tendem a colocar todas as crianças em um único patamar, e é claro que isto não funciona, pois os indivíduos possuem condições orgânicas diferentes uns dos outros. Eles também possuem trajetórias e experiências de vida diferentes uns dos outros e, por fim, apresentam potencialidades muito distintas de seus pares de idade ou da mesma condição social (ALMEIDA 2011, p.23).

Cabe ressaltar também o papel negativo que o erro tem ocupado na aprendizagem. Sabe-se que este faz parte deste processo e pode ser um indicador de onde estão as dúvidas e dificuldades dos alunos, contudo Sirino (2009, p. 95) considera que:

Apesar de sabermos que o erro tem sua importância como parte do processo de aprendizagem, na sala de aula, não é permitido errar. Os erros não são tolerados, as hipóteses elaboradas pelos alunos que, se compreendidas, poderiam conduzi-los ao aprendizado, não são consideradas no processo ensino-aprendizagem. Assim sendo, aos poucos os alunos vão inculcando o medo de errar, pois sabem que o erro revela o não saber e isso tem consequências desagradáveis, pois aqueles que apresentam alguma dificuldade são rotulados como incapazes [...] (SIRINO, 2009, p. 95).

O que acontece é que o erro tem sido apenas considerado como uma forma de revelar um não saber e não como um aspecto que faz parte do desenvolvimento e da aprendizagem, afinal aprender não é sinônimo de ausência de erros, uma vez que estes fazem parte do processo e ajudam na construção do conhecimento e na formulação de hipóteses pelos alunos, além de ser um indicativo da maneira como o aluno está pensando e compreendendo os conteúdos. “Ao conceber o ‘certo’ como única possibilidade de o aluno expressar seu aprendizado, as professoras fazem avaliações pontuais e negativas do aprendizado deste, e assim tendem a criar obstáculos e inviabilizar outras possibilidades de construção de conhecimento [...]” (SIRINO, 2009, p. 91). Nesse sentido, o erro deve ser visto de maneira mais natural para não criar rótulos e nem gerar nos alunos insegurança e medo, pois estes sentimentos tendem a inibir a aprendizagem.

A leitura tem uma história é uma atividade humana e, como tal, criativa e variável, e constituída em torno de um conjunto de condições sociais de adoção desse pressuposto decorrem os de mais pontos de articulação. Primeiro, uma tendência em se buscar, no estudo das práticas que é aprender as suas singularidades e histórias (SIRINO, 2009, p. 91).

Com base na citação acima a história da leitura deve ser entendida, na perspectiva de aprender suas práticas, como “o estudo dos processos com os quais se constrói um sentido”. Para Solé (2007), a evolução da leitura tem deixado muitos alunos com uma aprendizagem sólida e comprometida com as exigências realizada diante a sociedade de modo geral sem dizer das formas como devem ser levadas para dentro de sala de aula.

De acordo com o autor acima se tem uma preocupação que deve ser visionada no passar do tempo em relação a forma como a leitura está sendo ministrada dentro da sala de aula, a competência do docente, as práticas pedagógicas, os recursos fornecidos, pois todas essas ações que envolve a leitura devem se posta como um resultado contínuo. Deve lembrar que o mais importante ao retratar a origem da leitura e passando pelo seu processo cultural que de fato existem trabalhos com textos e leituras com objetivo de compreender as práticas, complexas, múltiplas, diferenciadas, que organizam o mundo como representação

construindo assim através dessa trajetória possibilidades de visualizar uma representação satisfatória da leitura na composição da vida do ser humano.

Na maioria das vezes tendemos a avaliar e olhar o aluno em todos os aspectos e conhecimentos que lhe faltam e em tudo o que ele não consegue fazer. De acordo com Disner (2010), o professor não pode enfatizar somente as dificuldades dos alunos, pois esse procedimento não induz a mudanças na aprendizagem e, na verdade, pode gerar mais entraves e implantar o rótulo de que os estudantes não aprendem e não poderão aprender.

Deste modo, a adoção do vocábulo "letramento" vem atender a uma nova realidade, já que só recentemente a sociedade brasileira passou a preocupar-se com o desenvolvimento de habilidades para utilizar a leitura e a escrita nas práticas sociais e não somente com o saber ler e escrever mecanicamente. Contudo, essa transformação traz consigo problemas de delimitação de sentido, de definição e também de mensuração. Para Soares (1999, p.21):

Dentre outras habilidades\capacidades, a leitura inclui as de fazer previsões sobre o texto, de construir significado combinando conhecimento prévio e informações textuais, de refletir sobre o significado do que foi lido e tirar conclusões sobre o assunto enfocado. Por outro lado, essas habilidades\capacidades são desenvolvidas à medida que o leitor no ato de ler, faz uso das chamadas estratégias de leituras têm no processo de construção de sentido do texto e a necessidade de o (a) professor (a) desenvolver uma prática em que elas sejam contempladas.

A autora comenta ainda que, os educadores devem ter habilidades e capacidades para desenvolver um trabalho docente. Tendo objetivo no momento de formar cidadãos capazes de compreender os diferentes textos com as quais se defrontam, é preciso organizar o trabalho que experimente e aprendam isso na escola. O modo de agir do professor perante as dificuldades do aluno também irá determinar a maneira como os outros alunos irão interagir e enxergar os alunos que possuem dificuldades.

Sob este aspecto faz-se necessário que o professor assuma a responsabilidade que lhe cabe para o desenvolvimento e aprendizagem dos alunos que apresentam dificuldades, pois mesmo que o aluno precise de um atendimento

especializado isso não isenta o professor de seu compromisso e responsabilidade em ensinar aquele aluno, visto que “[...] é possível acolher todas as crianças na escola quando se assume a responsabilidade pela aprendizagem de todos os alunos.” (CHALUH, 2009, p.82). Quando o docente percebe a dificuldade, ele encaminha o estudante para um atendimento especializado, para as autoras essa atitude afasta a possibilidade de intervenção, uma vez que o docente passa a responsabilidade do auxílio à criança a outro profissional.

## 2.1 AS NOVAS MEDIAÇÕES PEDAGÓGICAS

A alfabetização se aprende na convivência social entre crianças e adultos, através das obras, tais como, livros, revistas, cartazes, rótulos de embalagens e jornais desse modo estão exercitando a leitura e a escrita, geralmente quando a criança vive num local em que se leem, já se reconhece a importância e o valor da leitura.

A intenção dos valores sonoros convencionais é entender a relação entre grafema e fonema, ou seja, apossar-se do conhecimento de que existe uma ligação entre o som A e a letra A, sequentemente com todas as letras do alfabeto até formar palavras, frases e textos. Quando a criança começa o processo da família conseguem aprender várias letras, só não lembram exatamente da primeira letra da família.

Para Kato (1990, p, 39-42) os três tipos de leitores são:

Leitor que privilegia o processamento descendente: aprende facilmente as ideias gerais e principais do texto, é fluente e veloz. Ponto negativo: tenta excessivamente adivinhar ideias sem confirmá-las com texto. Valoriza mais seus conhecimentos prévios que os do texto. Leitor que privilegia o processamento ascendente: constrói o significado com base nas informações do texto. Dedicar-se pouco a leitura da entrelinha. Tem dificuldades em sintetizar ideias. Não sabe distinguir ideias principais, relevantes, de ideias secundárias, ilustrativas. Leitor maduro: utiliza ambos os processos anteriores complementarmente. Tem controle consciente e ativo de seu comportamento (KATO 1990, p, 39-42).

O primeiro fala sobre o leitor contextualizado com autor e organiza os assuntos da humanidade e o segundo leitor ler cuidadosamente com muita atenção com todas as letras palavras e imagens, o terceiro está ligado com os dois tipos de leitura. Basicamente a leitura e a escrita desenvolveram o cognitivo, a falar, esclarecimentos, associar novas ideias comunicação que muitas vezes são mostradas através, como desenho e gráfico.

O professor deve fornecer na sala de aula um ambiente estimulador para o desenvolvimento da leitura e da escrita, através das atividades de sondagem diagnóstica, o educador conhece suposições dos alunos associados no sistema de alfabetização, pré-silábico, intermediário I, silábico, silábico-alfabético e alfabético. Para poder aplicar a sondagem precisamos escolher uma das quatro palavras, polissílaba, dissílaba, trissílaba e monossílaba.

Nas atividades o professor pode mandar os alunos desenhar a palavra ao lado, que vai auxiliar na aquisição da leitura. A leitura serve para sentimos o texto, conversar com seu autor ou, serve para procurar informações e receber dados, pesquisar, abrange os conhecimentos, tirar todas as dúvidas, achar as repostas, faz perguntas sobre o texto, buscar coerência, interna e externa, coesão, harmonia e movimento.

Utilizar exercícios básicos na sala de aula, colabora para ampliar a mente, achar novas pesquisas, comunicação de longe, aprende reflexões, pretextos e textos. Basicamente a educação no Brasil está vivenciando uma fase muito especial, através das mudanças, esforços, organizações, mais para que isso ocorra é preciso enfrentar as mudanças com eficiências para que haja uma educação com mais qualidade.

A nova colocação da educação brasileira e que o professor não pode reprovar os alunos, mas infelizmente o aluno fica desprovido de todas as competências importantes, a questão na atualidade e que o educador deve aprovar para série seguinte, e assim o ensino do mediador é desvalorizado diante a sociedade.

Geralmente ocorre com frequência nas primeiras séries do Ensino Fundamental, essa situação é comumente, quando o aluno não aprende a ler e escrever, não frequentam a escola, e quando se aproximam novamente a escola, chegam um pouco analfabetos e sem habilidades para compreensão dos textos mais complexos, dessa forma acaba prejudicando no aprendizado da leitura e escrita de todas as séries do ensino fundamental do 1º ano até o 9º ano.

Hoje praticamente vivenciamos a grandes dificuldades que os educadores enfrentam diante da verificação dos alunos que já sabem e os que ainda vão aprender, ocorrem com frequência com os alunos do 1ª série no início do ano, porque ainda geram escritas silábico-alfabéticas e alfabéticas, para que no próximo ano consigam acompanhar na 2ª série, podendo assim a ler e escrever, mesmo que seja reduzido, mas ficam impedidos porque os educadores não tiveram competência para avaliar e nem para ajustar conforme o resultado.

Entretanto quando o professor trabalha nessa maneira e acaba atrapalhando na aprendizagem do aluno, certamente quando aprende a ler é normal que eles começam a errar, principalmente quando escrevem cópia, ou seja, deixam de copiar as letras por letras e assim começam a ler e a escrever enormes blocos de palavras ou unidades de sentido, o que faz com que ocorram erros frequentemente de ortografias e escrita com palavras grudadas e com isso acaba sendo confundindo como regressão, porque o educador ainda não tem clareza entre a diferença de copiar e escrever.

A cultura de o Brasil falar muito do resultado dos repetentes, é ocasionado pela responsabilidade dos alunos, esse modo de pensar é o insucesso escolar, mais quando se trata de crianças de aproximadamente sete anos de idade, a responsabilidade está relacionada aos pais ou família. Praticamente o desprezo e a incapacidade de alfabetizar as crianças no início da fase de escolarização obrigatória, o processo da alfabetização deveria ser trabalhado logo na educação infantil e infelizmente só é praticado na educação particular.

A realidade de hoje é que as classes estão sendo divididas entre os que vão estudar e os que não gostam, mas existe uma mínima diferença, no qual antigamente iam a escola para aprender e passavam de ano e os que não vão

aprender e nem passar de ano e agora todos passam de ano e poucos realmente aprendem.

De acordo com pensamento da Charmeux (1994), é correto dialogar que a alfabetização está relacionada com meio social também da criança.

As mais elementares tarefas da vida cotidiana exigem o recurso ao escrito: tomar o trem ou metrô, fazer compras em um supermercado, procurar uma rua na cidade, cozer alimentos, telefonar em uma cabine pública, utilizar um carro, uma máquina de lavar ou, pior! Um microcomputador, tudo requer atividades de leitura, mais sofisticadas uma que outras, e todas diferentes. (CHARMEUK, 1994, p. 14-15).

Antigamente saber ler era uma espécie de “luxo”, que favorecia uma mudança de classe social. Não era algo necessário a vida cotidiana, e temos, na família antepassados que tinham uma boa inserção na sociedade, e levavam uma vida bastante equilibrada, sem saber ler e nem escrever. Isto seria impossível atualmente! Segundo Charmeux (1994), as pessoas que não conseguem a dominação da leitura e escrita, terão muita dificuldade para encontrar um trabalho profissional, com certeza poderão ser até explorados. Através de pesquisas realizadas pelo (INAF) foram encontrados nas estatísticas que o desempenho dos alunos do ensino fundamental é preocupante porque nem todos têm o gosto de ler ou escrever.

O professor deve praticar nas primeiras semanas de alfabetização, exercícios de prontidões, ensinar as vogais, se houver dificuldade para aprender é preciso que separe as palavras em pedacinhos, praticando exercícios de cópia, para poder verificar se o aluno esta alfabetizado, o educador deve avaliar através, quando o aluno falar frases inteiras, desenvolve a leitura. Existem algumas formas para ser trabalhado a soletração na sala de aula através, da apresentação dos alfabetos maiúscula e minúscula de letras imprensa e cursiva, na qual sua principal função é a construção da ideia de ensinar os três tipos de sílabas, como consoante-vogal (ga, ra, pa), vogal-consoante (al, ar), consoante-consoante-vogal (tra, fle).

A importância da soletração é desenvolver a combinatória de letras e sons, aplicadas de uma maneira muito simples, as letras, o professor informar para o

aluno que quando se juntam as letras elas formam um som, ou seja, formam as palavras. Esses métodos são praticados na associação de estímulos visuais e auditivos. Quando é utilizado a silabação (fa, fe, fi, fo, fu), inclusive no mecanismo de decodificação e codificação, geralmente são usados como memorização e não a real compreensão, dessa maneira ficar difícil o aluno ser estimulado para leitura e a escrita, já nos métodos fônicos, ensinar o aluno a construir oralmente os sons ligados pelas letras e a uni-los para formação das palavras, o objetivo é ajudar a decodificar os sons da língua, na leitura, e a codificá-la, para escrita, os sons são representados também como, barulhos ou a junção dos dois sons em sílabas, a criança vai progredindo de dois sons para três, e assim vai passando de fase em fase até chegar a leitura de histórias.

Cruz aborda sobre a fase inicial da aprendizagem da leitura e escrita, a linguagem oral funciona como apoio, um elo intermediário. É impossível a leitura silenciosa, da mesma forma que é preciso dizer, simultaneamente, silabando, o que se está escrevendo: a fala orienta a escrita da mesma forma que a fala egocêntrica orienta as ações da criança pequena (CRUZ, 2013, p.73).

Persépolis comentou a importância do letramento no processo na aprendizagem como:

(...) Não apenas o processo de aprendizagem de habilidades de leitura, escrita e cálculo, mas uma contribuição para a liberação do homem e para o seu pleno desenvolvimento. Assim concebido, o letramento cria condições para a aquisição de uma consciência crítica das contradições da sociedade em que os homens vivem e dos seus objetivos; ele também estimula a iniciativa e a participação do homem na criação de projetos capazes de atuar sobre o mundo, de transformá-lo e de definir os objetivos de um autêntico desenvolvimento humano (Citado em BHOLA, 1979, p. 38).

Certamente o processo de letramento estar sendo desenvolvido na sala de aula, como elemento de aprendizagem para a formação da alfabetização, e assim vivenciar novas habilidades de escrita e leitura, porque precisar receber comprovação do letramento, porque é essencial que haja a concepção adequada para o ensinamento da introdução e contextos.

O acesso à leitura depende, geralmente, da escola. De acordo com Grando et al (2005, p.06), “então, ler significa submeter-se aos objetivos que a escola desenvolve através de seus métodos e programas”.

O necessário é fazer da escola um âmbito onde a leitura e escrita sejam práticas vivas e vitais, onde ler e escrever sejam instrumentos poderosos que permitem repensar o mundo e reorganizar o próprio pensamento, onde interpretar e produzir textos sejam direitos que é legítimo exercer e responsabilidades que é necessário assumir.” (LERNER, 2002, p.18)

De acordo com Moll (1996, p. 104), na busca de compreender como uma criança aprende a ler e a escrever, verifica-se que a aquisição da leitura e da escrita é uma aquisição de natureza conceitual, processo esse que se constrói durante vários anos e que não se restringe apenas às “paredes escolares”.

Assim como a humanidade ao longo do seu processo de desenvolvimento, construiu as formas de representação escrita das quais dispomos hoje, o sujeito ao longo de sua história pessoal, percorre um processo evolutivo similar e chega à escrita alfabética. Kato (1995, p. 6), discorrendo sobre a eficácia de métodos a serem utilizados no processo ensino-aprendizagem, esclarece que:

O método, para ser eficaz, deve ter a ele subjacente, hipóteses claras sobre a natureza do objeto a ser apreendido e sobre a natureza desse objeto (...) essa consciência dará ao professor, uma segurança maior de sua prática e o levará a reformular sua metodologia a partir da evidência que irá encontrar durante essa prática.

Desta forma, pode-se entender que cada professor deve avaliar-se em relação à sua prática de ensino e observar a realidade dos seus alunos sobre o aprendizado da escrita e leitura, e não está em busca de um método que esteja ligado simplesmente ao aprendizado da formação das sílabas e seus sons, tornando o ensino monótono e formando um indivíduo sem opinião própria, pois alfabetizar não é apenas ensinar a ler e escrever, mas tornar o discente um cidadão crítico e participativo no meio social.

A perspectiva pedagógica do PNAIC defende que o processo de ensino aprendizagem há que se dar com base em [...] princípios educativos que visem garantir a todas as crianças os direitos de aprendizagem (BRASIL e, 2012, p. 5), de modo que incentiva os professores a considerarem [...] o que as crianças sabem e o que precisam saber, bem como [a refletirem] sobre o que é necessário para ensiná-las e como elas aprendem (BRASIL e, 2012, p. 5).

No atinente à alfabetização, o programa parte do entendimento de que há uma gama de métodos que podem ser utilizados na alfabetização das crianças, entretanto, faz a ressalva de que as demandas sociais atuais requerem novos modos de compreender a alfabetização.

Segundo o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa, existem habilidades que são importantes para o desenvolvimento da compreensão leitora: Localizar informação explícita no texto; Inferir- é importante verificar a capacidade da criança em utilizar conhecimentos prévios ou resgatar partes de um texto para inferir alguma informação; compreender a finalidade do texto; aprender assuntos/temas tratados em textos; estabelecer relação de intertextualidade;

Outro aspecto que se observa no ensino é a grande preocupação com a escrita e a pouca atenção para o desenvolvimento da leitura. De acordo com Kato (1995, p. 6), “o insucesso escolar é avaliado principalmente em termos do desempenho da criança na produção da escrita”. Cagliari, (1997, p. 127), faz um enfoque de uma prática de leitura e também de produção textual muito interessante:

Uma boa prática, depois que a crianças adquirem um certo desembaraço para ler e escrever, é conversar com elas sobre a sua produção e, conforme o caso, perguntar: A história pode ser aumentada? Qual é a parte da história sobre a qual você poderia escrever mais? Dá para diminuir o que foi escrito, sem deixar de contar alguma parte da história? Você pode trocar alguma parte da história, ou colocar uma antes da outra? Isso pode melhorar o que foi contado, ou não? Existe alguma parte da história que você esqueceu de contar?

É importante que o professor utilize ferramentas variadas nas suas aulas de leitura, como brinquedos, recorte de jornais, revistas, livros didáticos, de literatura e outros, de modo que a criança possa sentir-se induzida a trabalhar nessa produção.

Não se trata, porém, de discutir com as crianças a utilidade das ferramentas. Entende-se ainda que, na busca de metodologias e alternativas de alfabetização, a capacidade criativa do professor é um instrumento valioso, visto que:

Muito raramente, o professor que usa a cartilha para alfabetizar, a ela se submete fielmente, ancorando apenas nas suas pautas, o trabalho que desenvolve. O que faz a maioria é ampliar os dizeres da cartilha, com a sua própria fala e a das crianças, buscando nas fontes mais diversas os temas e as ideias para se apoiar (...) inventam e leem histórias, constroem cartazes, compõem versos e cantigas, deixam a criança falar e entusiasmar-se com sua escrita (...) ao aluno é dada a palavra e no diálogo, vai se construindo um espaço de conhecimento permeado pela afetividade. (MARTINS, 1994, p. 42).

De acordo com Emília Ferreiro apud Zacharias (2007) é preciso repensar o trabalho em torno da alfabetização, já que as cartilhas se mostraram ineficientes para a tarefa de ensinar a ler e a escrever a crianças pré-silábicas.

## 2.2 DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NA LEITURA

O principal objetivo é identificar as causas que envolvem no processamento de aprendizagem no 1ª ano do ensino fundamental, como essa falha de ensinamento na extensão de leitura atuam o crescimento social e o sistema de conhecimento. O processo e a edificação do conhecimento que fazem participação das tarefas escolares que devem transformar de maneira simples e sincera, ou seja, que tenha o gosto de aprender e não seja uma ocasião de suportar.

Portanto, a finalidade é que descobrimos quais são as maiores dificuldades no primeiro ano do ensino fundamental com ligação de leitura. Se esses problemas não forem encontrados e resolvidos com certeza sofrerão consequências de aprendizagens no rendimento escolar dos alunos. A principal forma de aprendizado é a formação do conhecimento da gramática e a ortografia e geralmente são ocasionadas por causa das deficiências de assimilações.

Por meio de diversas abordagens, constata-se que não só a aprendizagem é complexa, mas principalmente as dificuldades que os inúmeros métodos mascaram provocando o insucesso da aprendizagem humana. Smith e Strick (2001, p.20).

O fato de o ser humano ser dotado de raciocínio permite que tenha uma evolução baseada em sua história, ou seja, a partir do momento em que o ser humano nasce, passa a fazer parte da história. Entretanto, para sua sobrevivência, precisa adquirir habilidades e conhecimentos oriundos da história dos seus antepassados.

Esses conhecimentos, além de permitirem a compreensão social, permitem o autoconhecimento e a descoberta de inúmeras possibilidades de avanços. Ao procurar o entendimento das dificuldades de aprendizagem existentes nos seres humanos, em especial nas crianças em fase escolar, Smith e Strick (2001, p. 20) constataram que “Essas questões podem ter uma resposta difícil, porque múltiplos fatores contribuem para as dificuldades de aprendizagem”.

Se a dificuldade fosse apenas originada pelo aluno, por danos orgânicos ou somente da sua inteligência, para solucioná-lo não teríamos a necessidade de acionarmos a família, e se o problema estivesse apenas relacionado ao ambiente familiar, não haveria necessidade de recorreremos ao aluno isoladamente.

Quando a criança chega à escola, traz consigo marcas dos primeiros anos de vida, sob todos os aspectos: biológicos, psicológicos e sociais. E muitas vezes, distúrbios em qualquer um destes aspectos acarretam transtornos que, amiúde, só são percebidos quando a criança chega à escola. Assim, deve-se fazer conjuntamente a abordagem de todos estes aspectos ao se examinar uma criança que apresente problemas de aprendizagem.

Jardim (2001) apresenta a diferença entre as dificuldades de aprendizagem, que são possíveis de superação, forem descobertas e trabalhadas de maneira a permitir que indivíduo consiga interagir por meio do seu potencial dinâmico, os problemas de aprendizagem. O autor afirma que os termos não são sinônimos, pois, “Nas desordens ou incapacidades de aprendizagem, a identificação de disfunções é clinicamente constatada, porque existem anomalias neurológicas expressivas ou

lesões cerebrais facilmente detectadas pelos processos convencionais” (JARDIM, 2001, p. 97).

Parte-se do princípio de que, no processo de aprendizagem, necessita-se de atenção, percepção visual, processamento da linguagem e coordenação muscular. Porém, ao identificar a presença de dificuldade nesse processo, é comum que se manifeste mais de uma área.

Quando há dificuldade em apenas uma área que impede o acompanhamento dos métodos da escola, normalmente outras dificuldades surgem, pois os encaminhamentos inadequados e a falta de diagnóstico afetam a autoestima da criança, trazendo consequências emocionais negativas ao seu desenvolvimento. Jardim (2001, p 37).

Existem várias dificuldades de aprendizagem, que podem ser diagnosticadas a partir de sua manifestação. Porém, é necessário que haja conhecimento ao identificar as características de cada criança e as “possíveis” dificuldades que ela apresenta, atentando ao fato de que, na maioria das vezes, há dificuldade relacionada a mais de uma área, principalmente por serem todos diferentes uns dos outros, oriundos de culturas diversas e vivências únicas. Segundo Freire (1996, p. 52),

Saber ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. chama a atenção para a importância de uma metodologia que valorize as diversas áreas pelas quais a aprendizagem se realiza por meio do que indivíduo já sabe e do que precisa para avançar de acordo com suas reais capacidades. A alfabetização (aquisição do código da leitura e da escrita pelo sujeito) como pré-requisito para o letramento (apropriação e uso social da leitura e da escrita pelo sujeito). Subjacente a essa concepção de letramento está a ideia de que a escrita pode trazer consequências de ordem social, cultural, políticas, econômicas e linguísticas, “quer para o grupo social em que seja introduzida, quer para o indivíduo que aprende a usá-la (SOARES, 1998, p.17).

Freire (1996) também evidencia a importância de o professor conhecer seus alunos e identificar de qual ajuda necessitam, bem como a responsabilidade do mesmo no sentido de conhecer as principais dificuldades de aprendizagem.

A desatenção, a hiperatividade e a impulsividade são características de crianças suscetíveis ao fracasso escolar, principalmente quando se trata de escolas com métodos tradicionais famílias desinformadas. A falta de conhecimento a respeito da influência dessas características no desenvolvimento e na aprendizagem da criança facilmente é identificada como “malandragem”, “preguiça”, “má-educação”, “falta de limites” e tantas outras sugestões errôneas a respeito do diagnóstico desse comportamento.

Podemos assinalar como elementos de definição de uma verdadeira dificuldade de aprendizagem os seguintes aspectos Freire, (1996):

A criança com transtornos de aprendizagem tem uma linha desigual em seu desenvolvimento; seus problemas de aprendizagem não são causados por pobreza ambiental; os problemas não são devidos a atraso mental ou transtornos emocionais. Têm um quociente intelectual normal, ou muito próximo da normalidade, ou ainda, superior; seu ambiente sociofamiliar é normal; não apresentam deficiências sensoriais nem afecções neurológicas significativas; Seu rendimento escolar é manifesto e reiteradamente insatisfatório. (FREIRE, 1996, P. 57).

Segundo o autor o conceito de dificuldades de aprendizagem apresentar diversas definições e ainda ser um pouco ambíguo, é necessário que tentemos determinar à que fazemos referência com tal expressão ou etiqueta diagnóstica, de modo que se possa reduzir a confusão com outros termos tais como “necessidades educativas especiais”, “inaptações por déficit socioambiental” etc.

Raramente as dificuldades de aprendizagem têm origens apenas cognitivas. Atribuir ao próprio aluno o seu fracasso, considerando que haja algum comprometimento no seu desenvolvimento psicomotor, cognitivo, linguístico ou emocional (conversa muito, é lento, não faz a lição de casa, não tem assimilação, entre outros.), desestruturação familiar, sem considerar, as condições de

aprendizagem que a escola oferece a este aluno e os outros fatores intraescolares que favorecem a não aprendizagem, Freire, 1996.

Durante muitos anos os alunos foram penalizados, responsabilizados pelo fracasso, sofriam punições e críticas, mas, com o avanço da ciência, hoje não podemos nos limitar a acreditar, que as dificuldades de aprendizagem, seja uma questão de vontade do aluno ou do professor, é uma questão muito mais complexa, onde vários fatores podem interferir na vida escolar, tais como os problemas de relacionamento professor-aluno, as questões de metodologia de ensino e os conteúdos escolares.

Quando a criança tem dificuldades não pode ser tratada como deficiente, deve ser tratada como criança normal que estabelece o aprendizado de uma maneira diferente, os transtornos de aprendizagem são interpretados como falta de habilidade sobre a escrita, leitura e matemática, os transtornos podem ser ocasionados por distúrbios no cérebro. O transtorno de leitura mais conhecida na atualidade como dislexia é quando o aluno não compreende as palavras escritas.

O transtorno de atenção, muitas vezes são confundidas como preguiça, cansaço, é preciso estabelecer que cada aluno tem sua maneira de aprender, é através das conversas entre professor e aluno, o educador deve observar o comportamento do aluno, para poder ajudar a criança a estabelecer novos conhecimentos. Inclusive quando a criança sofrer problemas com dificuldades de aprendizagem, a família ajudar a despertar o interesse. O principal objetivo da escola é proporcionar uma aprendizagem qualificada, com acesso aos livros diferenciados.

Kirk (1962, p.263), relata as causas principais da dificuldade de aprendizagem na leitura: Uma dificuldade de aprendizagem refere-se a um retardamento, transtorno ou desenvolvimento lento em um ou mais processos da fala, linguagem, leitura, escrita, aritmética ou outras áreas escolares, resultantes de uma deficiência causada por uma possível disfunção cerebral e/ou alteração emocional ou condutual.

Não é o resultado de retardamento mental, de privação sensorial ou fatores culturais e instrucionais.

Antigamente já se falava de dificuldade de aprendizagem e as crianças são as mais preocupantes, gerada por causa da família em casa e na escola, ou seja, no ambiente social, e geralmente prejudicam no desenvolvimento intelectual e na sua capacidade para a aprendizagem. Durante a experiência profissional, constatamos que na sala de aula ocorrem que quando os alunos incentivados a ler, os alunos aprendem a ter habilidades cognitivas e comunicar-se muito bem.

Escolas com salas de aulas super-lotadas, mal equipadas, poucos materiais didáticos e professores com baixa motivação, também podem prejudicar na aprendizagem dos alunos. Antes o problema era considerado pela medicina como anormalidade genética e orgânica, por volta dos anos 30, com a evolução ocorrida pela psicologia, hoje se busca motivo pelo qual ocorrem esses fatos e constatamos que as principais causas é a família que vai a física e a vida emocional, personalidade, intelectual, timidez e a falta de domínio na falar culta.

No passado a leitura era considerada como, decifrar códigos, atualmente esse método foi modificado, hoje a leitura é vista como um desenvolvimento de interação juntos com os autores, textos e leitores.

Consta nos Parâmetros Curriculares do Ensino Fundamental que:

A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a linguagem, etc. Não se trata de extrair informação, decodificando letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, interferência e verificação sem as quais não é possível proficiência. É o uso desses procedimentos que possibilita controlar o que vai sendo lido, permitindo tomar decisões diante de dificuldades de compreensão, avançar na busca de esclarecimentos (BRASIL, 1998, p.69).

Portanto, a criança ao entrar na escola já vem trazendo consigo uma bagagem de conhecimentos na linguagem oral. A escola deve ensinar a escrita e a leitura e continuando a desenvolver a linguagem oral e o professor deve melhorar cada vez mais essa oralidade. A criança iniciar a elaboração do texto, através, da formar de seu falar, no qual a escola utilizar diversos tipos de textos.

A interlocução é a importância própria da linguagem, ao falar e ao escrever é preciso que haja interlocução, porque sempre tem que haver uma relação entre o emissor e receptor, na qual a comunicação não pode ser mecânica, mas interativa.

Por sua vez a língua escrita e a língua oral são por natureza muito ilustre, inclusive, a escrita não significa vestimenta da oralidade, escrever vai além da norma culta, escrever é a expansão social. Devido ausência ou a falta de experiência da língua portuguesa, o aluno acaba concluindo o texto com suas próprias decisões.

A escola esclarece que a escrita é muito importante para o sistema de signos, que geralmente são representados por sons particulares da fala. No início da escolarização as crianças apresentam a escrita por formar de desenhos ou rabiscos, a criança não conhece que a fala tem a mesma significação da escrita e nem o som das palavras.

Piaget (1961) fala muito sobre a hipótese silábica, o modo em que o tempo vai passando a criança vai fabricando novas etapas. Quando o aluno já chega na fase da hipótese silábica, significa que eles já compreendem que todas as letras são representadas por uma sílaba, o aluno fica confuso, mas ao decorrer da aprendizagem, aprendi a chegar no nível alfabético.

O ambiente alfabetizador em casa, também colabora para auxílio da aprendizagem da leitura, através dos livros, os pais podem ler e já na escola pode ser trabalhado o ditado e a leitura individual.

Segundo Marisa Lajolo:

Ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É a partir do texto, ser capaz de atribuir-lhe significado, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e, dono da própria vontade, entregar-se a esta leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista (LAJOLO 1982 ab, p. 59).

O aluno com dificuldade é quando mostrar bloqueios na construção do conhecimento, audição, falar, raciocínio, habilidades e na leitura, todos esses

problemas podem ser vistos por causa de vários assuntos como, a vida escolar no passado, dificuldades de relacionamentos com a família, emocionais, experiência do professor, métodos pedagógicos e déficits cognitivos.

A passagem de um estágio do desenvolvimento a outro está relacionada com a inserção da criança na sociedade e com as condições materiais externas que determinam seus interesses, motivos e desenvolvimento intelectual, etc.

Compreendemos que o desenvolvimento humano não ocorre apenas por evolução, mas principalmente por revolução: “A criança não é uma folha de papel em branco, mas uma folha preenchida inteiramente pelos vestígios da experiência biologicamente útil dos antepassados” (VIGOTSKI, 2010, p. 27).

O fato de o desenvolvimento infantil não ser puramente evolucionista levamos a refletir sobre as etapas da escrita alfabética elucidadas pelo PNAIC, a partir dos estudos iniciados por Ferreiro e Teberosky (1979), não seguirem necessariamente a ordem pré-silábico, silábico, silábico-alfabético e alfabético.

Acreditamos que o desenvolvimento humano segue uma lógica de evolução nas fases do desenvolvimento, apresenta uma sequência evolutiva que prepara o sujeito para a transição a uma nova fase, que está articulada às relações, ao ambiente social e à constituição pessoal da criança, e apresenta, em seu movimento dialético (com idas e vindas, rupturas e continuidades, crises e conflitos), os saltos qualitativos que permitem um novo nível no processo de apropriação do conhecimento, que é infindável ao longo da vida em condições normais do sistema nervoso.

Não obstante à lógica de evolução no desenvolvimento, em cada fase, os sujeitos não reagem ou são afetados da mesma forma. Isso quer dizer que não seguem de igual maneira uma sequência de etapas, pois o conhecimento adquirido depende de particularidades da vida social e individual do ser humano; a essência da constituição da personalidade humana não é puramente natural, individual, contínua e tênue.

Conhecimentos tais que, estando como conteúdo da formação continuada, poderiam contribuir, por exemplo, para a criança compreender o instrumento cultural da escrita e apropriar-se da linguagem escrita; para o professor compreender a complexidade da escrita, do desenvolvimento infantil e da educação de uma sociedade específica; para ampliar as possibilidades de uma educação que, mesmo inserida na “escola como organização complexa” (TRAGTENBERG, 2004).

O desenvolvimento da inteligência e do pensamento crítico ao modo de organização social vigente, aumentando as chances de a escola vir a ser um espaço para a formação humana ou para a formação da personalidade em seu sentido pleno, como valor de uso do ser humano para o ser humano.

### 2.3 COMO AVALIAR OS ALUNOS COM DIFICULDADES NA LEITURA

Basicamente a leitura estar relacionada no cotidiano com a aplicação, compreensão, percepção, reação, verificação, contextos, comunicação, formam futuros leitores críticos e reflexivo.

A leitura, assim como a escrita, para se tornem práticas cotidianas, exige de quem as utiliza, habilidades muito complexas (e que muitas vezes passam despercebidas). “A complexidade desse fato é enorme, e muitas vezes a escola não se dá conta disso, porque os adultos já amadureceram para a leitura” (CAGLIARI, 1992, p.162).

O rendimento da turma depende muito da segurança do aluno, todos devem estar seguros de que não serão criticados por praticar erros, é importante construir situações para que se sintam tranquilos para escrever. Diante a isto, a criança deve saber o que pretende realizar, denota-se uma pequena possibilidade que o professor, posar fazer com que eles escrevam sem dificuldades, por não terem o hábito de escrever.

A avaliação psicopedagógica, não é tarefa fácil, avaliar os alunos com dificuldades de aprendizagem tanto na escrita como na leitura é uma das tarefas mais difíceis do processo de ensino aprendizagem, pois está em jogo todo o sistema

educacional. Segundo Weisz (2006) os alunos não são responsáveis pelo fracasso do ensino, mais sim, a metodologia escolar, tais como, atividades insignificantes, desrespeito ao ritmo individual do aluno, falta de preparo do professor.

O professor é o responsável pela avaliação dos alunos, porque é ele que observa os avanços e as necessidades de cada aluno, o educador deve estar seguro sobre quais são suas metas de ensino e como será sua avaliação.

Para Carraher:

Vários estudos sobre o desenvolvimento da criança mostram que termos quantitativos como mais, menos, maior, menor, etc. São adquiridos gradativamente e, de início, são utilizados apenas no sentido absoluto de o que tem mais, o que é o maior e não no sentido relativo de ter mais que ou ser maior que. A compreensão dessas expressões como indicando uma relação ou uma comparação entre duas coisas parece depender da aquisição da capacidade de usar da lógica que é adquirida no estágio das operações concretas. O problema passa então a ser algo sem sentido e a solução, ao invés de ser procurada através do uso da lógica, torna-se uma questão de adivinhação. (CARRAHER, 2002, p. 72).

A leitura deve ser compreendida, não estar sendo fornecida apenas para o educador analisar o quanto ele já sabe ler, mas altamente para compreender o texto, desse modo, o aluno saberá o que estar lendo.

Quando a criança inicia o processo na série do 1ª ano do ensino fundamental. Nesse caso é preciso que a escola promovesse o ensino significativo que propiciar a criança autonomia para aprender a ler e escrever conforme a norma culta e a exigência da sociedade. Para Weisz (2006), é fundamental analisar as atividades de leitura e escrita, observar o comportamento de acordo com as atividades dirigidas e deve haver sempre o olhar psicopedagógico na leitura e escrita de todos os casos.

De acordo com diagnostico do terapeuta, ou psicopedagogo, o paciente deve estar calmo para poder fala, se expressar, é preciso ter outro olhar profissional, para não haver conflitos nos resultados da avaliação e não poder ocorrer nervosismo, deve haver diálogo entre o paciente e o psicopedagogo.

Trabalhar o lúdico durante o diagnóstico psicopedagógico é essencial, porque as crianças amam brincar e incentivam a criança a se expressar naturalmente, através das brincadeiras é visível à percepção como a criança se esforça com o sucesso e as regras.

Nas sessões serão empregadas aos testes de leitura e escrita ao nível de reflexão, a avaliação neuropsicológica possui informações importantíssimas para o resultado final. Em algumas instituições já se utilizar um grupo de multidisciplinar, essa atuação favorecer para o aprendizado da imagem global, que são fornecidas pela equipe multidisciplinar como, terapeuta ocupacional, médico, psicopedagogo e fonoaudiólogo.

A psicopedagogia contribui para as funções no processo de dificuldades de aprendizagem, ou seja, explicam as causas para sociedade, o procedimento é a realização da construção do conhecimento do ser humano que envolve a escola, família e a sociedade.

A avaliação da leitura analisada pelo professor, colaborar para o objetivo de avaliar a importância na oralidade dos textos e assim será avaliado a compreensão e as habilidades dos alunos, para que o professor tenha um requisito de fazer os planejamentos e os ensinamentos da leitura na sua respectiva turma.

Em 4 de julho de 2012, pela portaria nº 867, o Governo Federal instituiu o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), bem como estabeleceu suas diretrizes gerais. Este, em uma série de encaminhamentos, empreende esforços com o intuito de “[...] assegurar que todas as crianças estejam alfabetizadas até os oito anos de idade, ao final do 3º ano do ensino fundamental” (BRASIL c, 2012, online). Em conformidade com a assertiva acima, o Movimento Todos pela Educação informa que na rede pública de ensino do país entre 45 e 50% dos alunos lêem com desempenho abaixo do mínimo esperado. E perto de 90% escrevem abaixo do mínimo de desempenho adequado para essa fase de escolaridade.

Muitas crianças brasileiras concluem o ciclo destinado à sua alfabetização sem estarem plenamente alfabetizadas. Um problema que pode comprometer gravemente o seu futuro e, assim, o futuro de nosso país. Ante a realidade

educacional brasileira, o MEC, mediante a instauração do Pacto, visa à melhoria da qualidade do ensino do ciclo da alfabetização, ação esta que se dará por meio de medidas que cooperem com discussões que versam sobre o direito de aprendizagem das crianças.

A adesão ao PNAIC é opcional, cabendo aos entes governamentais o compromisso em alfabetizar as crianças em Língua Portuguesa e Matemática e avaliar periodicamente o desempenho dos concluintes do 3º ano do primeiro ciclo do ensino

Duke e Pearson (2002, p. 61) fala sobre as principais estratégias de leitura, segundo as pesquisas realizadas todas como grande auxílio no processamento de leitura. Tais como:

Predição: trata-se de antecipar, prever fatos ou conteúdo do texto, utilizando o conhecimento existente para facilitar a compreensão; Pensar em voz alta: o leitor verbaliza seu pensamento enquanto lê; Estrutura do texto: analisar a estrutura do texto, auxiliando os alunos a aprenderem a usar as características dos textos, como cenário, problema, meta, ação, resultados, resolução e tema, como um procedimento auxiliar para compreensão e recordação do conteúdo lido; Representação visual do texto: auxilia leitores a entenderem, organizarem e lembrarem algumas das muitas palavras lidas quando formam uma imagem mental do conteúdo; Resumo: tal atividade facilita a compreensão global do texto, pois implica na seleção e destaque das informações mais relevantes contidas no texto; Questionamento: auxilia no entendimento do conteúdo da leitura, uma vez que permite ao leitor refletir sobre o mesmo. Pesquisas indicam também que a compreensão global da leitura é melhor quando alunos aprendem a elaborar questões sobre o texto (DUKE E PEARSON, 2002, p. 61).

Após pesquisas realizadas, analisamos cuidadosamente a escola profissional de Aveiro, no qual a escola relata sobre a grande importância da avaliação de crianças com dificuldades de aprendizagem na leitura e escrita.

O professor deve ser capacitado na área de pedagogia e deve fazer cursos que ajudam a entender as principais dificuldades de aprendizagem das crianças com deficiência. A escola profissional de Aveiro falar da questão da intervenção e o

tratamento a dar às necessidades do aluno com dislexia, disgrafia, discalculia, dislalia, disortografia e o TDAH (Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade).

É importante estar atento para os problemas, os métodos pedagógicos devem estar adaptados, evite fazer perguntas ou ler em público, contra a vontade do aluno, deverá envolver os alunos na tarefa, procurar saber se compreende conteúdo, ter paciência, construir a sua autoestima aos poucos, nunca se esqueça que o aluno com necessidades especiais aprende de uma maneira diferente, é muito delicado avaliar os alunos com dificuldades de aprendizagem.

Nesta seção, trazemos as particularidades que os cadernos da formação estudados sinalizam serem essenciais para que as crianças tenham acesso aos direitos de aprendizagem e sejam alfabetizadas.

Ao longo desta dissertação, veremos como esses atributos da prática pedagógica estão vinculados às concepções teóricas, de ensino, de desenvolvimento e de aprendizagem, que, por sua vez, representam uma concepção de mundo, de homem e de sociedade. Para que os direitos de aprendizagem sejam garantidos, segundo a produção textual da formação do PNAIC, é preciso planejar a progressão escolar, criar um ambiente alfabetizador e que favoreça a aprendizagem.

E, para as crianças estarem alfabetizadas aos oito anos de idade, é preciso que elas sejam participantes e discutam coletivamente sobre suas percepções e sejam ajudadas a refletir acerca da lógica do sistema da escrita.

Logo, o professor deve promover o ensino e as capacidades da criança pesquisadora e participante, que desenvolva estratégias de compreensões, deve delimitar o que será ensinado, organizar o tempo de planejamento, favorecer as aprendizagens não alcançadas e [...] dedicar a ajudar as crianças a ganhar mais fluência de leitura e desenvoltura na escrita, além de inseri-las em situações de leitura e de produção de textos mais complexas que as que elas se depararam nos anos anteriores (BRASIL, 2012c, p. 19-20).

Para planejar o processo de alfabetização, de acordo com os cadernos de Alfabetização em Língua Portuguesa da formação do PNAIC, o “ensino e aprendizagem”, é necessário ter um planejamento anual, que inclua uma visão

ampla de todo o processo e os projetos e as metas mais gerais da escola; e um planejamento delimitado marcado por intervalos de tempo (periódico, semanais, diário por meio de projetos didáticos, sequências didáticas, atividades permanentes e diversificadas).

Para fazer as escolhas sobre o que e como ensinar, o professor deve considerar os quatro eixos direcionadores do componente curricular do ensino da língua portuguesa (Leitura, Produção de Textos, Oralidade, Análise Linguística) e os componentes curriculares das demais áreas de conhecimento (Língua Portuguesa, História, Matemática, Ciências, Geografia e Arte).

Alfabetização em Língua Portuguesa, a criança aprende na interação e que a apropriação do conhecimento se dá em um movimento do Inter psíquico para o intrapsíquico. Mas, vejamos com maior aprofundamento esta questão para melhor compreender o que isso significa, o que implica ser professor e qual o papel da linguagem em relação ao ensino, aprendizagem e desenvolvimento infantil. Em nosso ponto de vista, o processo de humanização – o processo de formação do ser humano – ocorre com a intervenção intencional do adulto, e a criança é o sujeito em processo de apropriação da objetivação social.

A participação destacada pelo PNAIC é um fator fundamental que potencializa o processo da consciência e, particularmente, o processo de formação da criança; no entanto, por essa participação ocorrer em um espaço destinado socialmente para as novas gerações apropriarem-se da riqueza histórica e cultural humana, o ensino deve estar voltado a criar a necessidade humana de ler e escrever, de transmitir o conhecimento a ser constituído na realização da atividade de aprendizagem com caráter criativo.

Vale ressaltar que, em nossa compreensão e concebendo o materialismo histórico dialético, o comportamento humano desenvolve - se na complexidade da luta entre os processos internos do sujeito e os processos externos ao sujeito, na qual o homem é parte (movente e movida) da realidade externa, experimenta a influência do meio social e, em alguma medida, expressa em suas reações, desdobradas da luta entre o organismo e o meio, interferências sobre esse meio que também se constitui como conjunto de relações humanas, em um movimento de influências e, sobretudo, de plasticidade.

Vygotsky (2010, p. 73) conclui que é por isso que no processo de educação também cabe ao mestre um papel ativo: o de cortar, talhar e esculpir os elementos do meio, combiná-los pelos mais variados modos para que eles realizem a tarefa de que ele, o mestre, necessita. Deste modo, o processo educativo já se torna trilateralmente ativo: é ativo o aluno, é ativo o mestre, é ativo o meio criado entre eles. Por isso, o menos possível é interpretar esse processo como placidamente pacífico e regular.

Ao contrário, a sua natureza psicológica mostra que ele é uma luta sumamente complexa, na qual se lançaram inúmeras forças das mais complexas e diversas, que ele é um processo dinâmico, ativo e dialético, que não lembra um processo de crescimento lento e evolutivo, mas um processo movido a saltos, revolucionário de embates contínuos entre o homem e o mundo.

Portanto, o objeto carrega em si a possibilidade de reflexo, e o comportamento do homem tem forma puramente reflexa, ele age e reage de maneira diferente por constituir sua personalidade de modo único e diverso mediante um processo com leis assentadas em uma essência do desenvolvimento revolucionário.

Nesse âmbito, a criança e o professor são sujeitos ativos que se constituem dialeticamente a partir do meio social; logo, a centralidade do ensino, do desenvolvimento e da aprendizagem não deve ser considerada individual, algo isolado das condições materiais externas da realidade social.

Ao mesmo tempo em que enalteçemos o papel do professor na aprendizagem e no desenvolvimento da criança, compreendemos que o professor, por um lado, também se constitui e aprende em sua atividade, e, por outro lado, o professor por si mesmo, individualmente, não poderá garantir os direitos de aprendizagem das crianças no ciclo de alfabetização enaltecidos pelos cadernos da formação do PNAIC – sobretudo “o direito de saber ler e escrever, com domínio do sistema alfabético de escrita, textos para atender a diferentes propósitos” (BRASIL, s.d., p.17).

E, para isso, podemos indicar pelo menos duas justificativas: a atividade de ensino está atrelada ao meio externo, ou seja, ao campo das possibilidades e

alternativas que permitem ao professor realizar sua atividade, e além disso, ao meio social que lhe forma, como a formação continuada; e, para a atividade de ensino ser realizada, ela precisa ter cumprido com seu objetivo e intencionalidade inicial, ter promovido a aprendizagem e o desenvolvimento da criança, que, por seu turno, são determinados por conflitos entre a criança e o meio, na relação entre os processos externos e objetivos com os processos internos e subjetivos que se constituem na sua vida social e individual, que transcende o espaço escolar.

### 3 - METODOLOGIA

Neste capítulo são apresentados a metodologia e o percurso de como se realizou a pesquisa para alcançar os objetivos propostos. Para uma melhor organização o capítulo está dividido em duas partes que se complementam, a primeira é a Natureza da Pesquisa, para apresentar a definição do método de pesquisa adotado, o tipo da pesquisa e a abordagem.

Na segunda parte é apresentado o universo da pesquisa, descrevendo o campo onde a pesquisa foi realizada, seus participantes da pesquisa, os instrumentos de pesquisa escolhidos e utilizados, como foi realizado o procedimento de coleta dos dados, e como definição de realização da análise.

#### 3.1 UNIVERSO DA PESQUISA

A pesquisa de campo foi realizada na E.E.I.E.F (Escola de Educação Infantil e Ensino Fundamental) Coronel Raimundo de Oliveira, doada à prefeitura de Caucaia no ano de 1999, inaugurada na mesma data inicialmente com apenas 04 salas de aula.

A escola estabelecimento de ensino passou a funcionar como escola municipal de Caucaia, com o propósito de atender a uma comunidade de baixa renda desta localidade, procurando sempre manter sua meta de desenvolver um trabalho harmonioso, de qualidade preparando o aluno para os desafios da vida, exercício da cidadania e terem um futuro melhor.

Bem sabemos que a escola é o lugar de concepção, realização e avaliação de seu projeto educativo, uma vez que necessita organizar seu trabalho pedagógico com base em parcerias entre alunos, pais e comunidade. Nessa perspectiva é fundamental que ela assume suas responsabilidades, sem esperar que as esferas administrativas superiores adotem essa iniciativa, mas que lhe deem as condições necessárias para leva-las adiante. Para tanto, é importante que se fortaleçam as relações entre a escola e comunidade.

Ao construirmos um projeto na escola, planejamos o que temos a intenção de fazer, de realizar. Lançamo-nos para diante, com base no que temos buscando o possível. É antever um futuro diante do presente. Nessa perspectiva o Projeto Político Pedagógico vai além de um simples argumento de planos de ensino e de atividades diversas. O projeto não é algo construído e em seguida arquivado ou encaminhado às autoridades educacionais como prova do cumprimento de tarefas burocráticas, em seguida colocado em prática. Ele é flexível, construído e vivenciado em todos os momentos, por todos os envolvidos no processo educativo da escola.

A abordagem desse projeto, como organização do trabalho da escola como um todo, está fundada nos princípios que deverão nortear a escola democrática, pública e gratuita: igualdade de condições para acesso e permanência prazerosa na escola, qualidade para todos, gestão aberta diálogo, liberdade e autonomia e valorização do magistério.

Na tentativa de organizar o trabalho da escola e responder algumas questões: como a escola está preparando culturalmente seus alunos para uma melhor compreensão da sociedade em que vive? Como a escola procura atingir sua finalidade política e social ao formar o indivíduo para participação que implica nos direitos e deveres da cidadania? Como desenvolver o gosto pela leitura e escrita? Como trabalhar a participação dos pais e comunidade na escola? E como a escola analisa sua finalidade humanística, ao procurar promover o desenvolvimento integral da pessoa?

As questões levantadas geram resposta e novas indagações por parte da direção, professores, funcionários, pais e alunos. A participação e esforço de todos, possibilitará a identificação de quais finalidades precisam ser reforçadas, quais as que estão relegadas e como elas poderiam ser detalhadas em nível das áreas, das diferentes disciplinas curriculares do conteúdo programático. Ou seja, é necessário decidir coletivamente, o que se quer reforçar dentro da escola e como detalhar as finalidades para se atingir a almejar cidadania, daí a necessidade de desenvolver este.

O Projeto Político Pedagógico da E.E.I.E.F Coronel Raimundo de Oliveira será desenvolvido com a participação e compromisso de todos. Partindo da premissa que a escola é um lugar de transformação, o trabalho conjunto torna-se

requisito fundamental para a escola que queremos.

Diante dos problemas na E.E.I.E.F Coronel Raimundo de Oliveira se faz necessário a elaboração do nosso PPP o para o ano de 2021, o qual será executado como ação básica na busca de uma melhor qualidade no nosso processo de ensino-aprendizagem, embora saibamos que teremos que enfrentar diversas dificuldades ao logo do caminho, como a carência de recursos, tanto materiais como humanos e também na questão da segurança.

São inúmeros os obstáculos que se apresentam e que poderão ser superadas com força, determinação e muito trabalho em conjunto, contando sempre com o apoio da nossa comunidade. Sabemos que escola e comunidade andando juntos, valores como: solidariedade, respeito, compromisso, responsabilidade, serão resgatados e aplicados no futuro dos nossos alunos, para que possam ser grandes cidadãos terem uma vida digna.

### 3.2 TIPO DE PESQUISA

Para tanto, desenvolveu-se uma pesquisa descritiva, de abordagem quantitativa e qualitativa, sendo utilizado como instrumento de coleta de dados um questionário direcionado ao corpo docente da educação dos anos iniciais dessa referida instituição. Quanto a sua forma de abordagem considera-se que este trabalho adota protótipos de uma pesquisa com um olhar qualitativo engloba vertentes de uma pesquisa qualitativa, de acordo com Siena (2007), a pesquisa qualitativa é considerada descritiva acerca da organização das informações obtidas durante o estudo.

Para Richardson (2010, p. 90) “a pesquisa qualitativa pode ser caracterizada como a tentativa de uma compreensão detalhada dos significados e características situacionais apresentadas pelos entrevistados”.

O procedimento será realizado através de uma pesquisa bibliográfica e de campo, esse tipo de pesquisa caracteriza-se pela interação entre pesquisadores e pesquisada na construção coletiva do conhecimento, envolvendo o público-alvo ativo como protagonista no processo de transformação, e referenciar as bibliográficas. Já a pesquisa quantitativa de acordo com Fonseca (2002, p. 20):

Diferentemente da pesquisa qualitativa, os resultados da pesquisa quantitativa podem ser quantificados. [...] se centra na objetividade. [...] recorre à linguagem matemática para descrever as causas de um fenômeno, as relações entre variáveis, etc. A utilização conjunta da pesquisa qualitativa e quantitativa permite recolher mais informações do que se poderia conseguir isoladamente, (FONSECA 2002, p. 20).

Dessa forma, o presente estudo procurou analisar o raciocínio dedutivo e os aspectos ativos e individuais da experiência humana, constante na pesquisa para entender a situação daqueles que estão vivenciando o fenômeno no campo estudado.

Conforme apresenta Silva e Menezes (2000) existem quatro critérios de classificação de pesquisas científicas, são eles: quanto a sua natureza, quanto à forma de abordagem, quanto aos objetivos e quanto aos procedimentos técnicos.

Quanto a sua forma de abordagem considera-se que este trabalho adota protótipos de uma pesquisa com um olhar qualitativo engloba vertentes de uma pesquisa qualitativa, de acordo com Siena (2007), a pesquisa qualitativa é considerada descritiva acerca da organização das informações obtidas durante o estudo.

De acordo com Gil (2002), uma pesquisa de caráter descritivo tem como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis. Segundo (Oliveira, 1997, p. 117) esse tipo de pesquisa é o mais utilizado por pesquisadores sociais preocupados com a atuação prática e as mais solicitadas pelas organizações educacionais, pois o caráter descritivo da pesquisa "procura abranger aspectos gerais e amplos de um contexto social" [...], propiciando "ao pesquisador a obtenção de uma melhor compreensão do comportamento de diversos fatores e elementos que influenciam determinado fenômeno".

### 3.3 MÉTODO DE PESQUISA

O método da pesquisa utilizado foi um questionário, tendo em vista a necessidade de compreender o contexto social da escola pesquisada, bem como

opiniões e levantamentos de informações comportamentais entre outros. A coleta de dados foi realizada através de questionários que apresentam variáveis distintas, cujas análises foram apresentadas através de quadros. O campo desta pesquisa foi circunscrito ao município de Caucaia, considerando o público alvo de 04 professores que atuam na instituição de ensino. Nesse tipo de pesquisa, a representação dos dados ocorreram através de técnicas quânticas de análise, cujo tratamento objetivo dos resultados dinamiza o processo de relação entre variáveis.

Esta pesquisa teve como instrumento para a coleta de dados uma investigação que foi construída através de entrevistas e inquirição de um questionário com respostas abertas expressadas através de quadro para mediar à investigação, como também os registros de observação com apoio em literaturas que são propícias para o tema em estudo. O questionário estruturado, é considerado uma ferramenta muito importante na pesquisa científica, especialmente nas ciências sociais. De acordo com Marconi e Lakatos (2009, p. 201):

A utilização do questionário traz inúmeras vantagens na medida em que atinge grande número de pessoas simultaneamente; abrange uma extensa área geográfica; economiza tempo e dinheiro; não exige o treinamento de aplicadores; garante o anonimato dos entrevistados, com isso maior liberdade e segurança nas respostas; permite que as pessoas o respondam no momento em que entenderem mais convenientes.

A utilização do questionário baseia-se em uma técnica que garante o anonimato e pode conter questões para atender as finalidades específicas de uma pesquisa. Aplicada criteriosamente, esta técnica apresenta elevada confiabilidade. Podem ser desenvolvidos para medir atitudes, opiniões, comportamento, circunstâncias da vida do cidadão, e outras questões. Pode incluir questões abertas, fechadas, de múltipla escolha, de resposta numérica, ou do tipo sim ou não.

Selecionou-se apenas a bibliografia já tornada pública em relação ao assunto de estudo, com a finalidade de legitimar suas autorias e referenciá-las ao final do estudo. Dado a importância do conhecimento, principalmente aquele que é construído a partir da pesquisa, Severino (2014) contribui: Sendo o conhecimento construção do objeto que se conhece, a atividade de pesquisa torna 'se elemento fundamental e atividade imprescindível no processo ensino/aprendizagem.

O professor precisa da prática da pesquisa para ensinar eficazmente. O aluno precisa dela para aprender eficaz e significativamente; a comunidade precisa da pesquisa para dispor de produtos de conhecimentos; e a universidade precisa de pesquisa para ser mediadora da educação. (SEVERINO, 2014, p.5).

### 3.4 POPULAÇÃO E AMOSTRA

Os sujeitos da pesquisa realizada foram a 04 professores do 1º ao 5º ano pertencentes a E.E.I.E.F. Coronel Raimundo de Oliveira, esta localizada no município de Caucaia-CE, onde essa escola atende as turmas dos anos iniciais do ensino fundamental nos turnos manhã e tarde com os professores atuantes na respectiva instituição. Foram escolhidos professores da referida instituição pesquisada, foi realizado uma aplicação de um questionário, por estes serem atuantes nas turmas, onde os mesmos preenchem os requisitos necessários aos resultados dessa pesquisa.

Essa participação se deu em dois momentos distintos: o momento das reuniões gerais apenas com professores e nos encontros de planejamento semanal organizado pelas coordenadoras. A elaboração dos gráficos conceituais revela a compreensão e a capacidade de síntese da pesquisa sobre os conceitos básicos e da conexão presentes na análise da teoria e prática de ensino vivenciada pela instituição e a proposta educativa.

Neste sentido, o modelo de estudo de caso é justificado em casos em que o pesquisador não consegue ter controle sobre situações estudadas, e que são de difícil compreensão como também, contemporâneas e que são inerentes à vida real. Neste contexto, Yin (2010) conceitua:

[...] é uma metodologia validada em situações onde as questões a serem respondidas são do tipo “como?” “ou” “por quê?”, quando o pesquisador tem pouco controle sobre os eventos e em situações nas quais o foco se encontra em fenômenos complexos e contemporâneos, inseridos no contexto da vida real (...) [quando] as circunstâncias são complexas e podem mudar, quando as condições que dizem respeito não foram encontradas antes, quando as situações são altamente politizadas e onde existem muitos interessados (YIN, 2010, p. 54).

É importante ressaltar que os pesquisadores iniciantes sejam cautelosos em fazer uso do método estudo de caso, pois este é complexo e envolve no seu desenvolvimento situações controversas ou mesmo situações bem-sucedidas.

[o estudo de caso] é utilizado para compreender processos de grande complexidade social nas quais estes se manifestam: seja em situações problemáticas, para análise dos obstáculos, seja em situações bem sucedidas, para avaliação de modelos exemplares (YIN, 2010, p. 21).

Neste sentido a escolha pelo método de investigação que se almejou nesta pesquisa é compreender processos de grande relevância para a sociedade, no que diz respeito à problemática da indisciplina na escola. De acordo com Martins (2008), estudo de caso pode ser compreendido se fazendo uso de varias fontes de provas, dentre elas os dados de observação direta, entrevistas sistemáticas, assim como estudos em arquivos públicos e particulares.

#### 4 - RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esta investigação tem por objetivo fornecer reflexão para a prática do professor em sala de aula através da compreensão histórica das relações entre professores e alunos diante de algumas concepções que compuseram o ensino da leitura no Brasil. Para tanto foi realizado um estudo enfatizando a importância de uma atitude reflexiva do professor para a prática docente. Finalmente foi dada voz aos professores em exercício para que revelassem as suas opiniões, memórias, considerações, preocupações e sugestões sobre o tema, tendo como preceito discutir uma veracidade que se tem como privilégio em dialogar com 4 docentes ativos do 1º ao 5º ano pertencentes a E.E.I.E.F. Coronel Raimundo de Oliveira, esta que fica localizada no município de Caucaia-CE, onde se tem alunos com dificuldades na leitura e escrita. E isso tem permitido visualizar uma estruturação pedagógica da referida escola e através da entrevista realizadas com os professores, se obteve resultados precisos sobre as dificuldades de leituras dos alunos em modo geral.

##### 4.1. PERFIL DA AMOSTRA

Inicialmente, para traçar o perfil da amostra composta por 4 professores, colheu-se junto a estes dados relativos ao gênero, formação acadêmica (graduação e pós-graduação), bem como as disciplinas que estes lecionam. Tais dados encontram-se esboçados na Tabela 1.

**Tabela 1** - Distribuição da amostra quanto ao perfil profissional apresentado.

<b>Variáveis</b>	<b>Participantes</b>	<b>%</b>
<b>Gênero</b>		
Masculino	02	50%
Feminino	02	50%
<b>Total</b>	<b>04</b>	<b>100%</b>
<b>Graduação</b>		
Licenciatura em pedagogia	04	100%
<b>Total</b>	<b>04</b>	<b>100%</b>
<b>Pós-Graduação</b>		
<i>Latu Sensu</i>	100	100%
<i>Stricto Sensu</i>	00	00
Não possui	00	0%

<b>Total</b>	<b>04</b>	<b>100%</b>
<b>Disciplina que leciona</b>		
Pedagogia	04	100%
<b>Total</b>	<b>04</b>	<b>100%</b>

**Fonte:** Pesquisa de campo (2023).

Os dados apresentados na Tabela 1 demonstram que 50% dos professores que participaram da presente pesquisa eram do sexo masculino, enquanto que 50% pertenciam ao sexo feminino. Tais dados revelam que nos últimos anos vem se consolidando a igualdade de gêneros da profissão docente, de forma que na atualidade, ainda são iguais os professores do sexo diferenciados em exercício na sala de aula, principalmente, na educação básica.

Em relação à formação acadêmica apresentada pela amostra, 100% são graduados em Pedagogia, no que diz respeito à pós-graduação, somente parte dos entrevistados possuem (100%). E estas são em nível de especialização, ou seja, pós-graduação *Latu Sensu*. Os dados apresentados na Tabela 1 também demonstram que 100% dos professores entrevistados lecionam Pedagogia;

#### 4.1.2 Dados Relativos aos Objetivos da Pesquisa

O objetivo desta pesquisa, além de investigar as dificuldades de leitura e escrita na E.E.I.E.F. Coronel Raimundo de Oliveira, esta que fica localizada no município de Caucaia-CE, , bem como se processa a formação da identidade cultural e social da criança na escola, requer uma perspectiva de análise das práticas de leitura que pode contribuir para que a criança possa ser estimulada no desenvolvimento da linguagem, do pensamento, da concentração e da atenção.

#### 4.2 ENTREVISTAS COM OS PROFESSORES (4 PARTICIPANTES) DA E.E.I.E.F. CORONEL RAIMUNDO DE OLIVEIRA DO MUNICÍPIO DE CAUCAIA-CE

**Quadro 3** - Como é realizado o processo de leitura para os alunos dessa Escola?

Sujeitos da pesquisa	Opiniões dos Professores

PROFESSORES	<b>Professor (a):</b> Esse processo se dá através da metodologia adotada na escola, estimulando os alunos a participar das atividades de leitura, como leitura feita como professor em sala de aula e outras tarefas realizadas essenciais para desenvolver a leitura através dos livros didáticos
	<b>Professor (b):</b> O processo da leitura torna-se cada vez mais simples quando o professor passa a ler todos os dias com os alunos. E realizado com a leitura dos livros infantis e didáticos.
	<b>Professor (c):</b> o processo de acompanhamento de leitura é basicamente feito com o professor no livro didático, livro de literatura infantil e outros recursos que o professor pode usar.
	<b>Professor (d):</b> O uso de livros infantis como recurso pedagógico e recursos do lúdico e dos livros didáticos que serve para alfabetizar.

**Fonte:** Pesquisa de campo 2023.

Sabe-se que a leitura, durante o processo de alfabetização é capaz de oportunizar uma escrita melhor e uma ampliação de vocabulário, dentre diversas outras vantagens. Entretanto, em alguns momentos dentro da sala de aula, o professor obriga seus alunos a realizarem determinada leitura, tratando-a como obrigatória, o que pode fazer com que o aluno perca o gosto pela mesma e, tampouco, possa realizar as atividades propostas corretamente.

De acordo com as respostas dos professores o uso dos livros didáticos é um instrumento de suma importância para o desenvolvimento de seus alunos dentro de sala de aula, isto é, quando estes recursos podem ser utilizados de forma correta e necessária dentro da interdisciplinaridade.

O uso da leitura nas mais diversas condutas de aprendizagem torna-se suporte para uma continuação em outras series seguintes. O processo de inserção da criança no mundo da leitura e da escrita é muito importante. Ele marca a criança

por toda vida, afinal, saber se comunicar por meio da língua escrita é fundamental para viver em sociedade, seja ela qual for. Por isso, é muito comum ver os pais e os professores em dúvida sobre qual é a melhor forma de iniciar a criança no mundo da leitura e da escrita e, principalmente, sobre qual é a hora certa para dar início a esta jornada. Além disso, é bastante comum ver educadores e pais entendendo os conceitos de letramento e alfabetização como conceitos homogêneos, mas na verdade, eles têm diferenças significativas e importantes. Uma criança alfabetizada não é necessariamente uma criança letrada, e vice versa.

A aprendizagem da escrita deve ser iniciada antes que a criança frequente a escola. A criança precisa ser inserida no mundo letrado de uma forma sutil e orgânica. Não é a toa que o letramento se desenvolve de três formas simultâneas; Por meio da Psicogenética; Desenvolvendo a consciência fonológica; Promovendo o conhecimento das letras. Além disso, é necessário inserir a criança no meio letrado de diversas formas, antes que ela aprenda efetivamente a ler e a escrever. O intuito disso é tornar a leitura e a escrita uma conseqüência de atividades que são promovidas pelos pais e pela pré-escola. Assim, a criança terá um relacionamento e uma afinidade maior com o mundo da escrita e da leitura e, assim, reconhecerá as palavras por meio destas ações lúdicas do dia a dia.

A crise que é percebida na leitura não é um fenômeno atual, segundo Ezequiel Theodoro da Silva:

A crise da leitura em nosso país deve ser inserida, para efeito de compreensão, no quadro maior da crise sócio-econômica brasileira – quadro esse facilmente percebido, recorrentemente denunciado e sacrificadamente vivido pelo nosso povo, nestes últimos 25 anos. Por outro lado, a crise da leitura não deve ser tomada como um fenômeno desta década ou mesmo deste século, à medida que sempre houve, desde o período colonial, discriminação e marginalização no processo de formação de leitores. Assim, seria melhor falarmos de um movimento acelerado em direção a um abismo social, que agudiza uma crise que sempre existiu neste país e que, dentro de novas condições econômicas e sociais, permeadas por um clima mais saudável de liberdade de expressão, permite ser pública – e criticamente analisada (SILVA, 1995, p. 43).

Silva (1995) defende que as origens da crise “não estão vinculadas à presença e influência da televisão na sociedade brasileira, como parece explicar o senso comum (1995, p. 43)”. Contudo, vale frisar que, para Zilberman (1985, p. 11) “(...) a crise na leitura tem sido interpretada também como uma crise da escola”. E, “(...) para muita gente, ‘ir à escola’ ainda é sinônimo de ‘aprender a ler e escrever (...)’ (SILVA, 1998; p. 03).

**Quadro 4** - De acordo com as práticas de leitura aplicada, quais as dificuldades encontradas em sala de aula?

Sujeitos da pesquisa	Opiniões dos Professores
PROFESSORES	<p><b>Professor (a):</b> A falta de apoio da família que é de suma importância para ajudar estimular a participação do aluno nas atividades de leitura e também a falta de material didático que conta muito.</p>
	<p><b>Professor (b):</b> As dificuldades são muitas, pois as crianças não demonstram interesse pela leitura o que dificulta as atividades e sem dizer que a falta de apoio da família.</p>
	<p><b>Professor (c):</b> Sem dúvida o apoio da família, que seria a parceria ideal no sucesso dessa criança no mundo da leitura.</p>
	<p><b>Professor (d):</b> Sem dúvida a falta de apoio da família.</p>

**Fonte:** Pesquisa de campo (2023).

Com base nas respostas dos professores, o apoio da família tem sido um dos fatores de suma importância para que não haja alto índice de dificuldades de seus filhos em sala de aula, pois a família estando presente na vida de seus filhos e na escola o processo de ensino e aprendizagem acontece de forma literal, evitando assim todo e qualquer constrangimento escolar.

A alfabetização é o processo onde a criança aprende a decodificar os elementos que compõem a escrita. Esta decodificação passa pela memorização do alfabeto, reconhecimento das letras e ligação entre sílabas. Mas o que muitas pessoas não sabem é que esta alfabetização por si só, não prepara o indivíduo para o mundo letrado.

É função primordial da escola, ensinar a ler. É função essencial da escola, ampliar o domínio dos níveis de leitura e escrita e orientar a escolha dos materiais de leitura. Cabe formalmente à escola desenvolver as relações entre leitura e indivíduo, em todas as suas interfaces. A escola pode e deve trabalhar, desde as séries iniciais, com textos de diversas naturezas; com textos que surjam do cruzamento de linguagens variadas e, evidentemente, com os textos da literatura que criam a possibilidade de o indivíduo explorar dimensões não usuais do imaginário coletivo e pessoal.

Por isso, não adianta alfabetizar e fazer com que a criança aprenda sem que este hábito faça parte de seu cotidiano não só na escola, mas com o apoio da família também. Decorar algumas palavras não é saber ler e escrever, assim como, não adianta que a criança conheça a letra apenas como um desenho. Ela precisa conhecê-la como um som que, conseqüentemente, forma uma palavra, uma frase e um texto.

Embora que a falta de interesse na leitura não é causada pelos avanços tecnológicos e sua acessibilidade, é necessário considerar a opinião de Allende e Condemarín, quando mencionam que:

Sem dúvida, a irrupção dos meios de comunicação de massa baseados na imagem e na linguagem oral (rádio, cinema, televisão, histórias em quadrinhos) e o surgimento dos meios informáticos de busca e registro da informação significam uma claríssima mudança

na situação e na função da leitura no mundo contemporâneo. (ALLIENDE; CONDEMARÍN, 2005, p. 11).

Pois, sabe-se que esses fatores, embora não sejam causadores dessa crise, contribuem para seu agravamento. Então, como surgiu essa crise? Silva defende que ela vem “(1º) da participação desigual das classes sociais no que tange ao acesso e à fruição dos conhecimentos veiculados pela escrita e (2.º) das formas arbitrárias de se conceber e de se produzir a leitura (SILVA, 1995, p. 44)”, ainda considera que:

O agravamento das contradições do capitalismo dependente, a erosão paulatina do sistema cultural burguês e, principalmente, o avanço da consciência política e dos movimentos democráticos em nosso país – todo esse conjunto de condições nos tem permitido verificar que a leitura assim como outras práticas de cunho social e comunicacional sempre estiveram submetidas à política de reprodução do sistema de privilégios, onipresente e enraizada na estrutura social brasileira ao longo dos tempos (SILVA, 1995, p. 44).

Segundo Ezequiel Theodoro da Silva, um dos fatores que levou à crise na leitura é o interesse que o sistema dominante tem de manipular a consciência dos fatos sociais por parte do povo (1983, p. 36).

Sendo assim, explorando a lógica de que o governo, visando benefício próprio, está contra a leitura, pergunta-se a quem cabe o papel de ensinar e desenvolver essa prática. Para Cattani e Aguiar “[...] cabe à escola a formação e o desenvolvimento do hábito de leitura, e seu papel é tão mais amplo quanto mais restrito for o da família, condicionada a problemas sócio-econômicos” (1985, p. 24). Dessa forma fica claro que quando colocam o ensino à prática da leitura como papel da escola, mas, além disso, papel da família, pois é essa entidade que deve formar as bases culturais principais desde os primeiros momentos da criança.

É importante ressaltar que a leitura é a base do processo de alfabetização e da formação da cidadania. Nesta perspectiva, cada professor deve ter clareza de

que educa e ensina para o desenvolvimento das potencialidades do ser, tanto individual como social.

O abismo que separa a criança brasileira do livro fica ainda melhor delineado quando enfocamos o fator 'escola'. (...) a escola é um organismo de máxima importância para a formação do leitor, principalmente porque trabalha com o registro verbal escrito da cultura. Entretanto, devido às circunstâncias concretas para a efetivação do ensino, a educação escolarizada fracassa em sua responsabilidade de formar leitores. Além do próprio desprestígio social do saber, patenteado mais visivelmente pelos constantes cortes de verbas para a educação e pelo desrespeito ao trabalho dos educadores, a leitura escolar na maioria das vezes é encaminhada de forma acrítica e ilegítima. A começar pela inexistência de bibliotecas e bibliotecários escolares, ainda enfrentamos problemas relacionados com o preparo profissional dos professores para o ensino e orientação da leitura. Nesses termos, o planejamento da leitura, quando é pensado pelos educadores, segue a linha do casuísmo, da não-sequenciação, da não-integração – resulta que no ambiente da escola o valor do estímulo sócio-cultural do 'livro' perde em qualidade, transformando-se em algo aversivo, 'chato', ou 'que não leva a nada'. (SILVA, 1997, p. 95)

Para isto, é necessário que o professor junto com a família, apresentem uma nova postura, buscando o aperfeiçoamento e atualização dos conhecimentos aplicados à leitura e, principalmente, fazendo reflexões sobre o significado do ato de ler.

**Quadro 5** - Os professores buscam outras dinâmicas para realizar a prática da leitura?

Sujeitos da pesquisa	Opiniões dos Professores
PROFESSORES	<b>Professor (a):</b> Sem dúvida. Uso de jornais.
	<b>Professor (b):</b> Uso do livro didático com ilustrações.
	<b>Professor (c):</b> Uso de livros didáticos.
	<b>Professor (d):</b> Uso de jornais.

**Fonte:** Pesquisa de campo (2023).

A literatura, por si só, é uma ótima ferramenta para estimular o entusiasmo do aluno pela leitura e escrita. No entanto, o professor precisa ser capaz de tornar

a aula mais atraente e criativa, isto é, fugir um pouco do tradicional para demonstrar que esses momentos também podem ser divertidos. Uma sugestão é a dramatização do texto após a interpretação. Essa proposta tem tudo para conferir instantes de descontração enquanto os alunos desenvolvem habilidades como a própria leitura e sua compreensão, a desinibição, a oralidade e a expressão corporal.

Começar com o monólogo dramatizado em sala não é difícil, é preciso escolher uma cena do texto, de preferência uma passagem curta e descomplicada, e pedir para que os alunos se envolvam na história durante a representação da atividade de leitura.

Neste caso os professores utilizam recursos pedagógicos diferentes, mantendo assim a sua importância dentro de uma visão literária fluente, pois existem diversas formas de instruir e aplicar a leitura. Ou só de jornais e do próprio livro didático e necessário e importante para o desenvolvimento de decodificação desses alunos. Por essas razões, que os professores devem manter-se preparados para instruir seus alunos e utilizar diversos recursos que podem influenciar cada vez mais o interesse pela leitura.

Outra maneira de incentivar a leitura, aguçar o interesse e estimular a imaginação dos alunos, é pedir para que retratem o que foi lido. Por meio dessa descrição em forma de desenho, a criança percebe a necessidade de atentar aos detalhes, aumentando, assim, a concentração nesses momentos da aula. O professor encoraje o educando a pensar sobre um personagem específico após a leitura de cada capítulo, levando-o a refletir sobre alguns pontos da narrativa, para que, assim, possa dar início ao desenho. Por exemplo: qual a aparência do personagem? O que será que ele estava pensando ou sentindo? Por que agiu de tal forma? Esses e outros questionamentos podem ser levantados conforme a turma for avançando nos capítulos e o desenho pode ser atualizado cada vez que se aprende algo novo.

Cada professor, a partir das dificuldades encontradas no interior da escola, deve escolher um objeto de estudo sobre o qual elabora seu plano de trabalho e desenvolve todo o programa, buscando a melhoria educacional a que se propõe a

partir da observação das questões de leitura que precisam ser melhoradas na escola. As crianças têm muito tempo para serem alfabetizadas. O importante é que elas estejam com o cérebro preparado para aprender a decodificar. Por isso, dê oportunidades para que a criança desenvolva cada uma dessas etapas.

Essa é uma dinâmica muito bacana de se aplicar nos primeiros anos da escola, quando o aluno está aprendendo a ler e a compreender as palavras. Ela consiste, basicamente, em uma brincadeira de pesquisa e assimilação que colabora para a evolução das habilidades de leitura do estudante. Há necessidade de novos posicionamentos em relação às práticas de ensino da leitura, através da discussão crítica dessas práticas e da participação e envolvimento efetivo dos professores na busca de soluções para a superação dos problemas que se apresentam. Sendo assim, com este estudo busca-se subsidiar ou pelo menos possibilitar a discussão de professores sobre diretrizes que possibilitem a superação do problema da leitura no processo ensino-aprendizagem.

Cada uma delas é importante e colabora no desenvolvimento eficaz da alfabetização. Quando pulamos as etapas e iniciamos a criança de uma forma brusca no processo de alfabetização, ela se torna um indivíduo capaz de ler e escrever, mas não se torna alguém preparado para desenvolver-se socialmente por meio desses conhecimentos.

**Quadro 6** - De que forma os professores podem identificar as dificuldades de leitura em seus alunos?

Sujeitos da pesquisa	Opiniões dos Professores
PROFESSORES	<p><b>Professor (a):</b> Através das observações feitas pelos professores dentro de sala de aula. O deve estar sempre atento as dificuldades dos alunos e assim possibilita sua ajuda a essas crianças.</p> <p><b>Professor (b):</b> Quando o aluno não demonstra o interesse na leitura e nos exercícios na sala de aula.</p>

	<b>Professor (c):</b> A falta de interesse nas atividades aplicadas na sala de aula.
	<b>Professor (d):</b> Sem dúvida a falta de interesse em sala de aula.

**Fonte:** Pesquisa de campo (2023).

Através do questionário aplicado, pode-se observar que os alunos da referida escola têm uma grande falta de interesse para as atividades aplicadas em sala de aula e isso tem causado grande insatisfação em não desenvolver outras práticas para o seu próprio desenvolvimento em sala de aula. Um dos principais desafios a ser enfrentado pela escola é o de fazer com que os alunos aprendam a ler corretamente, pois a aquisição da leitura é essencial para agir com autonomia nas sociedades letradas.

Apesar de complexo, identificar as diferenças entre letramento e alfabetização é muito importante para um educador. Estas diferenças são bastante claras e evidentes e, elas afetam diretamente o dia a dia dos alunos e também no desenvolvimento de cada um deles. Primeiramente, serão feitas reflexões acerca das concepções de leitura, e depois analisadas práticas de leitura que os professores têm usado em sala de aula, o que permite a construção de diretrizes de práticas pedagógicas que estimulam a leitura e contribuem para a formação de efetivos leitores.

Considerando a importância da escola na formação e manutenção de leitores frente essa crise, as atitudes e iniciativas dos docentes são essenciais. Mas, quando o professor adota o método de recomendar uma leitura e estipular pontuação para ela, por exemplo, obrigando seu aluno a realizar a atividade, ele pode se decepcionar, pois o que era para ser incentivo, torna-se uma prática frustrante ao aprendiz, que recusa o “estímulo”, negando-se a ler.

Para Gentile e McMillan (1977: s/p. Apud ALLIENDE; CONDEMARÍN, 2005, p. 173), os adolescentes rejeitam a leitura por que:

Associam a leitura a fracasso e nunca têm experiências agradáveis em relação a ela. As ideias apresentadas nos livros não os estimulam. São incapazes de “permanecer sentados” todo o tempo

que uma leitura contínua exige. Estão muito preocupados com eles mesmos, e a leitura os descentra. A pressão para que leiam, proveniente da escola ou da família, provoca resistência. A televisão constitui uns competidos poderoso pelo tempo livre dos adolescentes (MCMILLAN, 2005, p. 173).

O professor possui autonomia para aplicar sua aula, podendo assim fazer sua escolha pelo método a ser utilizado, entretanto,

Ter autonomia não significa desvincular-se do conjunto de normas educacionais básicas, mas criar os melhores meios de aplicá-las. A escola que a sociedade democrática requer é aquela capaz de implementar o seu próprio projeto pedagógico, elaborado coletivamente, devidamente atualizado, divulgado e avaliado por todos os interessados. Isso pressupõe competência, seriedade, comprometimento e rigor. (VILLAS BOAS 2002, apud CERQUEIRA, 2006: s/p).

A partir dessa liberdade do professor, pode-se escolher a melhor maneira de se trabalhar com a leitura. Cabe completamente ao professor, utilizar de metodologias e práticas que instiguem, ainda mais a leitura para seus alunos, principalmente na etapa de alfabetização, onde a leitura de imagens é fortemente aplicada no contexto escolar da criança.

Assim, se buscamos o enfrentamento do problema da leitura visando a sua superação, estamos melhorando o trabalho dentro da disciplina de Língua Portuguesa e, conseqüentemente, em outras áreas também. O desafio da leitura é um desafio de democracia e de cidadania, da formação do aluno cidadão leitor, e isso vai além das paredes da escola. Porém, a escola é uma etapa muito importante nesse processo. A leitura é também instrumento para a participação do aluno, nas discussões da comunidade política.

**Quadro 7** - As metodologias usadas para realizar a prática da leitura em sala são suficientes? Sim ou Não? Justifique.

Sujeitos da pesquisa	Opiniões dos Professores
----------------------	--------------------------

PROFESSORES	<b>Professor (a):</b> Não, dependem muitos dos recursos que o professor tem para utilizar como as crianças. Por exemplo explicar para as crianças como é importante o ato de ler na nossa sociedade.
	<b>Professor (b):</b> Não. Uso de livros didáticos com textos de qualidade.
	<b>Professor (c):</b> Sim. Uso de jornais, revistas.
	<b>Professor (d):</b> Sim. Uso de revistas, jornais, livros didáticos.

**Fonte:** Pesquisa de campo (2023).

Quando o assunto é leitura, pensamos primeiramente em nossa “leitura de mundo”, pois é esta que nos leva até os mais difíceis livros científicos. Nossa curiosidade quando aprendemos as primeiras letras e formamos as primeiras palavras, a dificuldade de se entender certas coisas, por exemplo, quando somos crianças, saímos pela rua perguntando o “porque disso” e o “porque daquilo” nos leva a querer conhecer mais o mundo, aonde a leitura é a principal ferramenta.

É através da leitura que temos oportunidade não só de conhecer outras realidades, mas também de aumentar nossa capacidade intelectual, desde que a leitura não seja apenas “um ato de ler” e sim, que a mesma tenha caráter crítico capaz de nos fazer pensar e interpretar e não apenas decodificar códigos. Com um bom incentivo podemos descobrir da melhor forma possível, o mundo das letras, e só com a total compreensão do texto que podemos sair do real e transpassar ao ilusório, chegando ao prazer de uma leitura. Pois a mesma não é apenas narrações da realidade, ela também é ficção, magia, arte, cultura, entre outros gêneros relacionados à literatura universal.

Os professores da referida escola utilizam recursos diferenciados e isso tem deixado os alunos com capacidade de conhecer outras técnicas para as práticas da leitura. Sendo que alguns professores acham que os recursos fornecidos pela escola são suficientes e outros não. Diante a esta condição se tem um nível de preocupação que deve ser analisada e a escola no contexto de sua gestão rever as metodologias e recursos utilizados na referida escola. Recomendação dos especialistas é que, embora sejam duas ações distintas, alfabetizar e letrar com materiais que a escola oferece, devem acontecer de maneira paralela.

Mesmo com o avanço da tecnologia, com as novidades que nos trazem praticidade, o livro continua sendo, tanto para uma pesquisa, quanto para distração, uma fonte “segura” de garantias. Tendo perdido um pouco de seu prestígio para a internet e para os diversos meios tecnológicos existentes, os livros ainda fazem parte das diversas prateleiras das bibliotecas de escolas públicas e lá estão esperando apenas que o antigo hábito de ler volte às escolas, não apenas como didática, mas também como incentivo aos futuros leitores, e não mais como meros “letores”.

Diante disso, entende-se que o livro, mesmo sendo um pouco esquecido nos dias atuais, ainda mantém sua real importância, pois, por mais tecnologia que exista e facilidades oferecidas pelos meios midiáticos, o livro ainda é considerado um dos meios mais seguros de pesquisa e esse “respeito” pelos livros devem ser inseridos dentro da sala de aula desde os primeiros anos de ensino. Desta feita, fica ainda mais claro o fato de que a leitura deva fazer parte do cotidiano escolar do aluno desde as séries iniciais e, para tanto, inserir a leitura no processo de alfabetização é extremamente necessário:

(...) uma vez que a leitura é abordada como uma forma de situar o indivíduo no corpo social, despertando neste a consciência de seu papel na sociedade enquanto ser participativo e crítico diante da realidade que o cerca. Nesse contexto, a leitura poderá facilitar o processo de alfabetização, utilizando para isso, variados espaços e recursos, facilitando a expansão de atividades e promovendo o engajamento dos educandos nesse processo (ANJOS, 2012, p. 01).

Desse modo, a leitura passa a ser importante não só na vida escolar do aluno, como também em sua futura vida adulta, pois, através dela, ele poderá aprimorar seu vocabulário e poder realizar visões mais críticas relacionadas a diversos temas da sociedade em que ele vive, pois. O aprendizado da leitura e da escrita é um processo precursor do desenvolvimento da capacidade crítica e autônoma de um indivíduo. Desenvolvida nos anos escolares iniciais, o conceito de alfabetização é, muitas vezes, considerado homogêneo ao conceito de letramento. Porém, mesmo sendo percebidos como integrantes de um mesmo processo de aprendizagem, onde se desenvolve a habilidade de ler e escrever, esses conceitos possuem características específicas.

Nesse sentido, apontar métodos de ensino de língua portuguesa e a forma como esses métodos exercem impacto nos alunos é fundamental para que o contato com a língua não seja baseado em premissas equivocadas. Moreira (2009) explica que os docentes precisam compreender como é possível promover o diálogo através de textos escritos, como criar relações entre a escrita e o seu público-alvo, entre a função social e o objetivo do texto que está sendo produzido, para que possa auxiliar o aluno no exercício do processo de reescrever seus textos. Os professores também precisam aprender a avaliar os problemas recorrentes nos textos e na linguagem como presença de indícios da presença de brechas de conhecimento de linguagem que precisam ser trabalhadas.

Ao passo que se identificam e avaliam os problemas com os textos do aluno, se proporciona atividades práticas corretas para a promoção de reflexões e a assimilação de novos conhecimentos, as atividades envolvidas em cada uma dessas concepções são distintas. Uma se refere ao processo de codificar e decodificar a escrita e os números; outra diz respeito a organizar discursos, a capacidade de reflexão, interpretação e compreensão de textos.

**Quadro 8** - Qual o posicionamento da escola em relação aos processos da dificuldade de leitura?

Sujeitos da pesquisa	Opiniões dos Professores
	<b>Professor (a):</b> A escola deve incentivar

PROFESSORES	os professores a buscar uma capacitação.
	<b>Professor (b):</b> Que os professores busque uma capacitação e formação continuada.
	<b>Professor (c):</b> Que os supervisores ofertem aos professores capacitações interessantes fundamentadas a essa temática.
	<b>Professor (d):</b> A escola incentivam que os professores realizem capacitações.

**Fonte:** Pesquisa de campo (2023).

Segundo a gestão da escola os professores devem buscar junto ao supervisor de forma prolongada uma formação continuada para que se tenha um processo de ensino aprendizagem condizente e que os alunos sejam reconhecidos pelo seu potencial na leitura e escrita e desenvolvam as suas atividades de forma individual e conjunta, servindo assim de avaliação pedagógica.

A escola se inclina a valorizar alguns conhecimentos mais do que outros e a exigir que todos deem conta dos diversos conteúdos abordados pelo professor. Desde cedo, aprendemos que temos que saber tudo o que nos é ensinado em sala de aula. E assim seguimos durante os muitos anos de formação, seja na educação básica ou no ensino superior. Mesmo assim, muitos de nós apagamos da memória conteúdos estudados com perseverança para provas escolares.

É importante salientar que, como dito anteriormente, a leitura acarretará em diversas vantagens ao longo da vida do aluno, não apenas no período em que estiver frequentando uma sala de aula. Entretanto, é nesse momento, quando o aluno está inserido no contexto escolar, que o incentivo pela leitura deve ser trabalhado com maior ênfase e atenção, principalmente, durante o processo de alfabetização.

Ademais, como já foi citado, o professor é colocado como o principal responsável por esses primeiros incentivos à prática da leitura, embora essa "carga" não venha a competir diretamente a ele. Contudo, cabe ao mestre fazer com que seus alunos possam vir a gostar de ler desde os primeiros momentos que estiverem frequentando uma escola: "O professor deve se posicionar em seu papel de intelectual transformador e elaborar meios de despertar o interesse dos educandos pela leitura, só assim poderá contribuir para a construção de uma sociedade leitora" (ANJOS, 2012, p. 02).

Entretanto, com tantos projetos e propostas relacionadas à leitura, é possível destacar que nos dias atuais, ela não é mais vista como algo considerado desagradável, nem tampouco deixada de lado pelos educadores. Atualmente, a leitura já passou a ser vista de maneiras diferentes, o que faz com que sua importância esteja sendo cada vez mais notada e realizada dentro das salas de aula:

A leitura feita pelo professor alcançou o "horário nobre" em muitas salas de aula e hoje não é mais vista como uma atividade sem grande importância, que é realizada se sobrar um tempinho no final do dia, ou ainda para que seja feita outra atividade com base nela. A leitura está se tornando uma atividade central da aula, ocorre diariamente e, com isso, os professores tem mostrado aos alunos sua importância. As crianças podem conhecer diversos gêneros textuais, escritores e suas obras, valorizar diferentes estilos e apreciar textos de qualidade, previamente selecionados pelo professor, que compartilha com elas os critérios de sua escolha (PEREIRA, 2014, p. 01).

E, especialmente, ao que concerne no processo de alfabetização, a relevância da leitura não é classificada de maneira diferente; ela continua sendo primordial para a aprendizagem e formação de palavras e de aprimoramentos na escrita, pois é a partir dela que o aluno pode ocupar seu espaço na sociedade em que vive de forma autônoma e não alienadamente: "a leitura engloba não só metodologias no âmbito escolar, mas faz parte do universo social na vida da criança de hoje e do cidadão de amanhã, que irá ocupar seu espaço na sociedade, de forma autônoma e crítica diante da realidade" (ANJOS, 2012, p. 02).

Muitos foram decorados apenas para estarem presentes em uma avaliação como condição para a aprovação anual. Mas todos têm algo que gostam de fazer. E se a escola valorizasse mais os eixos de interesse onde comumente se encontram os potenciais de aprendizado dos estudantes, e por meio dos eixos de interesse todas as áreas do conhecimento pudessem ser trabalhadas de modo que a aprendizagem se tornasse algo muito mais prazeroso. Uma vez que os domínios dos mais diversos saberes estão totalmente interconectados, os eixos de interesse identificados podem ser a ponte para o aprendizado e desenvolvimento de todos e de toda a turma.

É ao longo do Ensino Fundamental que ocorrerá a consolidação das aprendizagens anteriores e a ampliação das práticas de linguagem. O esperado é que as crianças ao entrarem no 1º ano do Ensino Fundamental já estejam no estágio silábico com valor sonoro. Ao final dos dois primeiros anos iniciais, a expectativa é que os alunos já tenham dominado o sistema de escrita. Dessa maneira, nessa etapa escolar, os educadores devem realizar atividades que envolvam tanto a aprendizagem das letras e palavras quanto da função social da escrita.

**Quadro 9** - Os professores possuem capacitação para essas dificuldades com o uso da leitura? Sim ou Não? Justifique.

Sujeitos da pesquisa	Opiniões dos Professores
PROFESSORES	<b>Professor (a):</b> Sim. Os professores buscam sempre uma reciclagem de qualidade.
	<b>Professor (b):</b> Sim. Buscam realizar uma reciclagem para estar apto em sala de aula.
	<b>Professor (c):</b> Sim. Realizam uma reciclagem para estar apto em sala de aula.
	<b>Professor (d):</b> Sim. Os professores buscam sempre uma reciclagem de qualidade.

**Fonte:** Pesquisa de campo (2023).

Segundo os relatos dos professores sempre estão buscando realizar atividade de capacitação para que se possa identificar as dificuldades de leitura em sala de

aula nos mais diferentes contextos e processos pedagógicos. Sem dúvidas esse processo alcança outras metas e interesses por quando relacionados por um conhecimento que é considerado necessário para o profissional da educação.

A partir de habilidades presentes no eixo de interesse muitos aprendizes serão capazes de direcionar melhor suas vidas. Eles se relacionam melhor com as pessoas que se interessam pelo que fazem e, dessa maneira, acabam até por encontrarem a melhor forma para seu sustento. A descoberta dos eixos de interesse eleva os estudantes a outros patamares!

Portas se abrem para crianças historicamente fadadas ao fracasso escolar por não corresponderem às expectativas baseadas em um “aluno padrão” quando seus professores desvendam o que elas gostam de fazer. Por meio desse interesse central, elas vivem momentos de satisfação e prazer e, assim, descobrem canais de comunicação que lhes possibilitam aprender e se expressar com o universo exterior.

Segundo Scoz (1994, p. 151) isto se evidencia a necessidade de capacitar esses profissionais para que compreendam com mais clareza o processo de aprendizagem dos alunos e possam caracterizar o que de fato se configura como problema de aprendizagem.

Não se trata de restringir ou privar, mas, ao contrário, de expandir possibilidades ao garantir o direito à diferença. Enquanto a busca pela homogeneização limita, a diferença surpreende, amplia e enriquece. A partir dos eixos de interesse, todos os domínios de conhecimento são trabalhados, mas de modo muito mais espontâneo, prazeroso e significativo. É muito provável que essa criança tenha maior êxito em seu processo de aprendizagem, de modo a descobrir maneiras de tirar proveito daquilo que gosta de fazer e a partir disso também aprender a melhor se relacionar com as demais pessoas e a constituir-se na sociedade da qual faz parte.

Portanto faz-se necessário que professores e educadores proponham às suas discentes atividades que provoquem reflexão sobre os textos lidos; que se discutam temáticas transversais, que se explorem os diferentes níveis linguagens e tipos de textos. A escola é sem dúvida uma das maiores responsáveis hoje pela inserção da linguagem denominada científica na sociedade, através de seus métodos e meios de ensino. Mas o que ocorre muitas das vezes é que uma grande parcela dos

professores ainda está alienada a uma linguagem materna, vivenciado por eles em seu processo de formação, e isto por certo implicará na formação linguística de seus futuros alunos.

**Quadro 10** - Quais os recursos usados em sala de aula no processo da leitura?

Sujeitos da pesquisa	Opiniões dos Professores
PROFESSORES	<b>Professor (a):</b> Livros didáticos.
	<b>Professor (b):</b> Livros didáticos.
	<b>Professor (c):</b> Livros infantis e histórias em quadrinhos.
	<b>Professor (d):</b> É indiscutível a importância do material didático como recurso incentivador da aprendizagem na leitura, uma vez que as mensagens que o estudante recebe por meio dele não são somente verbais; abarcam sons, cores, formas, sensações...

**Fonte:** Pesquisa de campo (2023).

Neste caso os professores da escola pesquisada utilizam os livros didáticos por ser em incumbidos em seu processo pedagógico, outros levam os livros e histórias em quadrinhos como uma das formas de chamar a atenção de seus alunos, assim como, trabalha-se com sons, cores, formas, sensações. Sendo assim segundo os professores os alunos apresentam um desenvolvimento significativo dentro de sala de aula.

Também conhecidos como “recursos” ou “tecnologias educacionais”, os materiais e equipamentos didáticos são todo e qualquer recurso utilizado em um procedimento de ensino, visando à estimulação do aluno e à sua aproximação do conteúdo. Nesse contexto, os mapas e os globos são materiais didáticos utilizados para a facilitar a aprendizagem. Da mesma forma, quando a professora usa palitos

de picolé e canudinhos de refrigerante para ensinar matemática ou quando projeta um filme sobre a colonização do Brasil ou, ainda, quando planta sementes de girassol e feijão no ambiente escolar para ensinar o processo de germinação.

São inúmeros e variados os materiais e equipamentos didáticos existentes nas escolas brasileiras, sem contar que podemos criar ou aproveitar recursos empregados para outros fins. Geralmente, esses materiais são classificados como recursos visuais, auditivos ou audiovisuais, ou seja, recursos que podem estimular o estudante por meio da percepção visual, auditiva ou ambas, simultaneamente. Muitos deles foram criados exclusivamente para fins pedagógicos, isto é, foram pensados para serem didáticos, para mediar a construção.

Nessa conjuntura, é de fundamental importância ressaltar que o ensino deve se dar de forma lúdica e prazerosa, que permitam às crianças refletirem e criarem hipóteses sobre os princípios básicos do sistema de escrita alfabética, sobre o seu funcionamento e o desenvolvimento da consciência fonológica. É exatamente nesse contexto, que a seleção e o uso adequado de materiais e os recursos didáticos apresentam-se como importantes ferramentas de mediação no processo de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita na sala de aula, através dos quais, por meio do uso estrategicamente pensado e de forma planejada, o professor poderá ampliar e enriquecer as suas ações na sala de aula promovendo a melhoria no ensino e da aprendizagem do seu grupo de alunos.

As divergências entre teóricos quanto ao ensino da língua escrita na Educação Infantil e anos iniciais é um assunto em pauta nas rodas de discussões e debates acadêmicos já há muitos anos, o qual tem sido tomado com certo temor e cautela.

Assim como defendem alguns estudiosos (aqui já mencionados) concordamos que o processo de alfabetização deve ter início já desde a Educação básica infantil e anos iniciais, porém numa perspectiva mais ampla. Nessa mesma direção, Ferreiro & Teberosky (1993) mostraram em seus estudos que a criança já chega à escola com diversas hipóteses sobre o que é a escrita, o que ela representa e qual sua função social; as crianças antes mesmo de ingressarem na educação formal, “percebem” que a escrita serve para escrever coisas inteligentes, divertidas ou importantes.

De acordo com essa autora, alfabetizar e letrar, embora se constituam como processos distintos, os mesmos devem acontecer de forma simultânea, a fim de que a criança tenha uma visão completa sobre a escrita visto que, ao mesmo tempo em que está aprendendo a tecnologia da escrita, ela vê e faz uso da mesma em situações reais que ocorrem no seu dia a dia. Nessa perspectiva, a criança mesmo não sendo ainda alfabetizada, ela incorpora, em certa medida, a leitura e a escrita em suas práticas sociais do cotidiano através de simples gestos e atos.

[...] a criança que ainda não é alfabetizada, mas já folheia livros, finge lê-los, brinca de escrever, ouve histórias que lhe são lidas, está rodeada de material escrito e percebe seu uso e função, essa criança é ainda “analfabeta”, porque não aprendeu a ler e a escrever, mas já penetrou no mundo do letramento (SOARES, 1999; p.24).

Com base nesses preceitos e diferentemente da ideia de antecipar etapas do ensino fundamental ou da perspectiva de uma alfabetização precoce, é possível e recomendável que o ensino e a aprendizagem da leitura e da escrita aconteçam de forma lúdica, pautada na interação e na brincadeira.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo centrou minha atenção na investigação do conhecimento que o professor possui envolvendo as dificuldades apresentadas pelos alunos na realização leitura e escrita e seus desafios buscando contextualizar e discutir os aspectos que abarcam a prática da análise do processo de ensino e aprendizagem.

A discussão proposta sobre as temáticas da leitura e da escrita refletem sobre as práticas educacionais, que são primordiais para a construção de um processo educacional que vise à plenitude de um conhecimento crítico.

Ter o real conceito da leitura e da escrita é importante para se compreenda a sua essência como um todo e sua utilidade na vida das pessoas. Sabe-se que a leitura e a escrita proporcionam momentos que são fundamentais para o processo de desenvolvimento cognitivo e motor, que por sua vez irão influenciar na formação da personalidade individual e coletiva da criança, a leitura foi e sempre será instrumento na construção de sujeitos críticos. No entanto, havia cada vez menos crianças e jovens que possuíam o hábito de ler.

Através da pesquisa, observa-se que os professores da escola observada introduzem nas atividades pedagógicas por meio da diversificação literária para facilitar a transmissão de conhecimentos, ou seja, para que os alunos compreendam melhor os assuntos abordados e absorvam com maior intensidade o que foi exposto, dentro das perspectivas teóricas e práticas do cotidiano da escola de acordo com o seu tempo de aprendizagem.

Considerando os resultados obtidos, pode-se notar que as dificuldades de aprendizagem não devem ser atribuídas somente a fatores externos, como também a fatores internos como os métodos de ensino, a falta de materiais didáticos apropriados, condições psicológicas do aluno entre outros fatores.

Observou-se através dos resultados, que o número de alunos que não sentem nenhuma dificuldade de aprendizagem foi inferior aos alunos que sentem dificuldades. Problemas como leitura de forma decodificada, repetência foram evidenciados, levando-se em conta que os alunos que detém os conhecimentos de

leitura e escrita e raciocínio e apresentam um bom rendimento escolar é uma minoria, em relação aos demais.

Por meio da pesquisa, foi confirmado que mais da metade dos alunos não encontram em casa um ambiente propício para ler, e por isso cabe à escola promover projetos que estimulem o hábito pela leitura, como também estabeleça uma relação mútua de parceria com a família das crianças discentes, propondo-se a concretização destes ou demais propósitos.

Enquanto se desenrolou a construção do trabalho, notou-se que o processo da construção do hábito da leitura, deve ser orientado através de propósitos claros e objetivos por parte do profissional docente, e para isso o professor necessita de sustentação e aprofundamento no conhecimento teórico.

Para basear sua prática como docente, deve fazer valer suas ações, de modo que seja um exemplo a ser seguido, ser um leitor inato, ter prazer em ler e motivar os sujeitos a lerem. Também se notou que é muito importante que o docente conheça e reconheça a bagagem cultural e social que seus alunos trazem consigo, ou seja, seus conhecimentos adquiridos ao longo da vida, buscando ampliá-los.

Ressalta-se que alguns professores da escola não trabalham com a leitura com muita frequência, visto que eles sentem dificuldades de introduzi-las em suas atividades, pois ainda é difícil separar a prática de leitura como prática pedagógica. Dessa forma, terminam por adotar maneiras tradicionais de ensinar, que muitas vezes acabam tolhendo essa criança com tarefas prontas e acabadas. Ao adotar a postura tradicionalista o professor deixa de vivenciar junto aos seus alunos experiências prazerosas que proporcionariam crescimento intelectual, cognitivo, afetivo e social de maneira satisfatória.

Para a formação de um leitor consciente é necessário que o mesmo tenha uma boa relação com os livros. Esse processo de apresentação do livro ao aluno geralmente acontece no ambiente escolar, pelo professor de língua portuguesa e, muitas vezes algumas delas sem perceber o professor obriga seu aluno a ler determinado conteúdo que não irá agradá-lo em um primeiro momento.

A leitura obrigatória é um método arriscado de introduzir essa prática na vida discente, não se deve desconsiderar que ela pode ser útil na apresentação de um material ao aprendiz, que posteriormente pode adquirir o gosto pelo que lhe foi

mandado ler. Porém, essa forma de lição, em que o aluno deve ler algo para depois ser cobrado de algum modo também pode traumatizá-lo, fazendo com que o próprio leitor se prive de outras leituras.

Dessa forma, vimos que a leitura é parte integral do ser humano. Por meio dele a criança não apenas se diverte, mas também se desenvolve enquanto pessoa, enquanto ser social, uma vez que ler não é simplesmente um ato comum, mas como um ato extremamente complexo, carregado de valores, de finalidades, de princípios éticos, os quais vão, não apenas contribuir, mas também determina o desenvolvimento da personalidade da criança.

Além de proporcionar prazer, conflito, frustração, realização e diversão, a leitura pode representar um desafio e provocar um pensamento reflexivo na criança o sucesso de seu relacionamento social, de sua convivência com as conquistas, com as realizações, bem como as frustrações, desilusões e como lidar com a diversidade de sentimentos, com os quais nos deparamos a todo instante no nosso dia a dia, durante toda nossa existência.

Através desse estudo é possível perceber o grande número de alunos que apresentam dificuldades no processo de ensino e aprendizagem, tais como: dificuldades na escrita, na leitura, na interpretação, no raciocínio, problemas comportamentais, problemas estruturais como a falta de acompanhamento da família na vida escolar dos filhos, a falta de incentivo cultural, alunos não veem a importância da escola para o seu futuro, problemas como o desinteresse em aprender os conteúdos ensinados pelo professor, realidade socioeconômica, entre outros problemas.

O professor tem certa autonomia para enfrentar a crise na leitura, a forma como irá solicitá-la de seu educando é particular, mas deve ser bem pensada, pois em muitos casos o leitor se identifica no livro, no que lhe foi mandado ler. Esse hábito deve estar ligado e ser coerente com a realidade social e cultural de cada pessoa, pois como dito durante o presente artigo, a leitura deve fazer parte da vida do indivíduo desde os seus primeiros momentos nas séries iniciais até o restante de sua vida.

Nesse sentido, faz-se uma reflexão de que o professor que não tem experiência para aproveitar um recurso que leva a criança a expressar suas

emoções e sua criatividade e se desenvolver integralmente, precisa rever sua prática, pois a criança ao brincar constrói, indagar, questionar, transformar e desvendar a própria realidade, ao relacionar-se com os outros, aprende a ouvir, falar, respeitar, preparando-se para a complexidade das relações humanas através da leitura. Dessa forma, fica ainda mais clara a relevância que a leitura possui desde os primeiros momentos do processo de alfabetização até o restante da vida cotidiana e social de seus leitores.

A escola necessita rever estratégias transformar suas aulas e suas atividades pensando em todos os alunos, garantindo que todos eles possam se desenvolver na aprendizagem e na aquisição de conhecimentos. É necessário, uma aproximação entre família e escola, um maior incentivo ao aluno por parte da família, professores bem preparados para lidar com essas dificuldades, buscando melhorias tanto nos métodos de ensino quanto na parte psicológica de seus alunos.

E também seria de fundamental importância, a contribuição significativa dos órgãos governamentais, para uma maior e melhor estruturação da educação brasileira, buscando minimizar as desigualdades e promovendo o acesso à educação de forma democrática, e igualitária para todos os setores da sociedade.

Os educadores devem dominar as estratégias necessárias para criar a prática da leitura como hábito e com resultados relevantes para o aluno no âmbito escolar, e ofertando qualidade no seu desenvolvimento em sociedade, buscando apoio no grupo escolar, de modo que contribuam para o aperfeiçoamento dos trabalhos que envolvam a leitura. O trabalho abordou meios para a transformação de estudos que englobam a leitura, por meio do enriquecimento da prática diária de ler e interpretar o mundo em que se vive. Foi possível crer, que esta pesquisa viabilizou a revisão e uma possível reflexão á respeito das práticas pedagógicas na construção do prazer pela leitura, no desenvolvimento do sujeito leitor e a possibilidade de novas “vias” oferecidas pela leitura em sociedade. Concluiu-se que a pesquisa teve como fundamentação autores de grande contribuição em âmbito nacional nos estudos que permeiam questões educacionais. Tais autores tiveram um papel fundamental no desenvolvimento deste trabalho.

Aprender a ler é não só um dos objetivos mais importantes da vida escolar. É uma vivência única para cada pessoa. Ao dominar a leitura abrimos a possibilidade de adquirir conhecimentos, desenvolver raciocínios, alargar a visão de mundo, do outro e de si mesmo

A prática de ler e o ato da escrita são indispensáveis para a promoção do homem que sai da ingenuidade para alcançar o esclarecimento, que lhe proporciona um espírito observador daquilo que está a sua volta a fim de interagir com sua realidade e de construir um ambiente melhor. Por isso é importante promover práticas estimulantes quanto ao hábito de ler e a prática da escrita, sendo compromisso de todos, a família que é o primeiro lugar em que se pratica a leitura “do mundo”; à escola.

Esse trabalho proporcionou diversas formas de ponderar sobre a leitura na escola, promovendo uma reflexão sobre o uso da Literatura e suas diferentes abordagens. Enfim vive-se em uma sociedade em que a escrita e a leitura estão por toda a parte. Na qual a língua é um fenômeno social, cultural e dinâmico que muda de acordo com o contexto, em que a Literatura só tem a acrescentar como instrumento de transformação da própria realidade.

Partindo-se do pressuposto de que o trabalho com literatura estimula a produção de um conhecimento, reconhece-se que este transforme a criança em um ser atuante capaz de executar e compartilhar o conhecimento adquirido. Trabalhar a temática foi fascinante e enriquecedor, pois permitiu refletir sobre as diferentes contribuições que o trabalho com esse gênero possibilita e sua influência na valorização da cultura literária das crianças.

As reflexões aqui apresentadas não são finitas, pois ampliam as possibilidades de aprofundamento deste estudo de forma a especificar com mais detalhes o processo de desenvolvimento da utilização da Literatura na rotina escolar.

## 5.1 RECOMENDAÇÕES

Essa pesquisa foi realizada com o propósito de analisar a leitura e a escrita e suas dificuldades na perspectiva da construção de aprendizagens na E.E.I.E.F. Coronel Raimundo de Oliveira e sugere que:

a) Em relação a formação continuada:

Realizar semestralmente a semana pedagógica a fim de promover reflexões sobre: metodologias docentes; Avaliação da Aprendizagem; ações realizadas na escola permitindo assim um debate sobre o que deu certo e o que não certo;

Possibilitar aos docentes, formação continuada em serviço sobre metodologias para o ensino aprendizagem na Educação dos anos iniciais e finais de forma contínua.

Vê o aluno enquanto individualidade para a partir daí construir o coletivo;

Construir o perfil do educando na dimensão socioeconômica e no que concernem suas habilidades e competências de leitura e escrita para que assim a escola possa planejar suas ações;

Despertar na sala de aula, a criatividade e o interesse dos educandos recriando possibilidades de aprendizagem que estejam relacionadas ao dia a dia dos alunos como: o cine debate, a música, o teatro, etc.

Em relação aos projetos:

Criar e implementar em sala de aula o Projeto Contar e Recriar. Este projeto tem como foco alfabetização e o letramento de forma prazerosa. A partir desta ação as histórias contadas estariam livres e do contexto do mundo dos alunos. Estas serviriam de ponto de partida para trabalhar com sequências didáticas adaptadas a partir das competências leitoras a serem alcançadas;

Garantir aos alunos o brincar como forma de construir saberes e relacionar estes as experiências com os conhecimentos dos conteúdos que estão sendo desenvolvidos em sala de aula. As atividades lúdicas permitem que os alunos se tornem mais participantes na sala de aula, as aulas mais prazerosas e o ensino aprendizagem mais significativo;

Sugerimos a utilização de projetos que utilizem: jogos de memória, a utilização do quizz, jogo dos sete erros, jogos de tabuleiro que exercitem o raciocínio dos alunos como banco imobiliário, detetive, etc., bingo dos números, das letras, das palavras, boliche da matemática e outras atividades que desenvolvam os aspectos

inerentes ao desenvolvimento cognitivo dos alunos;

A escola precisa fomentar projetos que promovam: a resiliência e a autoestima dos educandos da educação dos anos iniciais;

Criação de projetos que estejam relacionados aos conteúdos indispensáveis a fase de alfabetização e letramento a partir de temas geradores que estejam relacionados que estejam associados ao perfil que a escola possui em suas salas de aula;

Desenvolver projetos que possam envolver as famílias dos educandos, a fim de sensibilizá-los sobre o processo de escolarização;

Que a escolha dos projetos seja realizada por todos os pares que compõe a escola fortalecendo assim a relação família, escola e comunidade.

b) No tocante aos materiais e os recursos didáticos pedagógicos utilizados:

Realizar a oficina de jogos e brinquedos pedagógicos para os docentes da escola a partir da logística reversa que traz a importância de utilizarmos materiais reciclados diminuindo inclusive a produção de lixo e garantindo a sustentabilidade do meio ambiente;

A partir da oficina de jogos e brinquedos pedagógicos criar a brinquedoteca da escola implementando assim as aulas de reforço aos alunos com dificuldade de aprendizagem a partir de aulas em um ambiente diferenciado, inovador e com uma prática docente mais prazerosa aos educandos;

Implementar ações que utilizem as tecnologias como ferramenta de ensino aprendizagem a partir da utilização de aplicativos que fomentem o processo de alfabetização como: silabando, o ABC do Bitá, Ler e Contar, entre outros aplicativos disponíveis no mercado da indústria de jogos pedagógicos online.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Doralice Veiga. **Psicopedagogia: Avaliação e Diagnóstico**. 1 Ed. Vila Velha- ES, ESAB – Escola Superior Aberta do Brasil, 2007.

ABRAMOVICH, F. Literatura infantil – gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1997.

BRANDÃO, Z.; BAETA, A. M. B.; ROCHA, A. D. C. Evasão e repetência no Brasil: a escola em questão. 2. ed. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1986.

BARONE, Leda Maria Codeço. **De ler o desejo, ao desejo de ler**. 5.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1993.

BASTOS, Sílvia Aparecida. **A leitura e a escrita em pleno Brasil Colonial**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

BARBOSA, José Eugênio. **Alfabetização e leitura**. São Paulo: Cortez, 1994.

BRASIL. Constituição dos Estados Unidos do Brasil de 10 de Novembro de 1937.

\_\_\_\_\_ DECRETO 6141 de 28 de Dezembro de 1943

\_\_\_\_\_ DECRETO 4244 de 09 de Abril de 1942

\_\_\_\_\_ DECRETO 4073 de 30 de janeiro de 1942

\_\_\_\_\_ DECRETO 4 048 de 22 de Janeiro de 1942

\_\_\_\_\_ DECRETO 21241 de 04 de abril de 1932

\_\_\_\_\_ Secretaria de Educação Fundamental, Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa / Secretaria de Educação Fundamental, Brasília: 1997.

\_\_\_\_\_ **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Fundamental: Língua portuguesa** / Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC/SEF, 1998 pp 69-70.

\_\_\_\_\_. Elementos Conceituais e Metodológicos Para Definição dos Direitos de Aprendizagem e Desenvolvimento do Ciclo de Alfabetização (1º, 2º e 3º nos) do Ensino Fundamental. Ministério da Educação **Secretaria de Educação Básica Diretoria de Currículos e Educação Integral - DICEI** Coordenação Geral do Ensino Fundamental COEF. Brasília, 2006.

CAGLIARI, L. C. **Alfabetização e linguística**. São Paulo: Scipione, 2009.

COTRIM, Gilberto; PARISI, Mario. **Fundamentos da educação**. São Paulo: Saraiva, 1985.

COLL, C. **O construtivismo na sala de aula**. São Paulo: Ática, 1997.

CÓCCO, Maria F. e HAILER, Marco Antônio. **Didática da alfabetização**: decifrar o mundo. Alfabetização e Socio construtivismo. São Paulo: Ed. FTD, 1996.

CORREIA & MARTINS; Luís de Miranda e Ana Paula. **Dificuldades de aprendizagem: Que são? Como entendê-las?** Porto Editora, 2000.

CONDEMARÍN. Transtorno do déficit de atenção: Estratégias para o diagnóstico e a intervenção psicoeducativa. São Paulo: Planeta do Brasil, 2006.

CUNHA, G. D; FILHO, M. C. de; **Breve história da leitura e da escrita**: Disponível em: <[www.artigos.netsaber.com.br/resumo\\_artigo\\_29993/artigo\\_sobre\\_breve\\_hist%C3%93ria\\_da\\_leitura\\_e\\_da\\_escrita](http://www.artigos.netsaber.com.br/resumo_artigo_29993/artigo_sobre_breve_hist%C3%93ria_da_leitura_e_da_escrita)>

CRUZ NETO, O. **O trabalho de campo como descoberta e criação**. In: MINAYO, M. S. de S. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 51 – 64.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

DARNTON, Robert. **A questão dos livros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FERREIRA, A. B. de H. **Miniaurélio século XXI escolar: o minidicionário da Língua Portuguesa**. 4 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. 29 ed. São Paulo, Cortez: 1994.

\_\_\_\_\_. **Alfabetização: leitura da palavra, leitura do mundo**; Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1987.

FERRARI, Márcio. **Emília Ferreiro, a estudiosa que revolucionou a alfabetização**. Artigo publicado em 2011. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/alfabetizacao-inicial/estudiosa-revolucionou-alfabetizacao-423543.shtml?page=0>>. Acesso em: 08/10/2021.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

\_\_\_\_\_, Emília. **Alfabetização em processo**. São Paulo: Cortez, 1986.

\_\_\_\_\_. Emília. **Reflexões sobre alfabetização**. São Paulo: Cortez, 1985.

FONSECA, Vitor. **Dificuldades de Aprendizagem**: Na Busca de Alguns Axiomas. Rev. Psicopedagogia, 2007. p. 135-148. 2007.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. Psicogênese da língua escrita. Tradução: Diana Myriam Lichtenstein, Liana Di Marco e Mário Corso. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1991.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e linguística**. São Paulo: Scipione, 1999.

\_\_\_\_\_. **Alfabetizando sem o bá-bé-bi-bó-bu**. São Paulo, Scipione: 2004.

CAGLIARI, Luís Carlos. **Alfabetização e linguística: pensamento e ação no magistério**. 10 ed. São Paulo: Scipione, 1997.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GRANDO, Jane et al. Leitura: processo de aprendizagem. **Revista Voz das Letras**. Santa Catarina, Universidade do Contestado, número 2, I Semestre de 2005.

GRIGORENKO, Elena L. STERNBERG, Robert J. CRIANÇAS ROTULADAS - **O que é Necessário Saber sobre as Dificuldades de Aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

GROSSI, M.G.R.; LOPES, A.M.; COUTO, P. A. **A neurociência na formação de professores: um estudo da realidade brasileira**. Revista da FAEEBA, v. 23, n. 41, 2014.

GOODMAN, Yetta M. (org.) **Conhecimento das crianças sobre a alfabetização: posfácio**, In: \_\_\_\_\_. **Como as crianças constroem a leitura e escrita: perspectivas piagetianas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

GOSZTONYI, R. T. A importância de incentivo à leitura. 2012

GROSSI, Esther Pillar. **Didática da alfabetização: Didática do nível silábico**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. Vol. 2.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação mito e desafio: uma perspectiva construtivista**. Porto Alegre: Mediação, 1991.

LOFIEGO, Jaqueline Lanza. **Disgrafia: avaliação fonoaudiologia**. Rio de Janeiro: Reivinter, 1995.

LAJOLO, M. Do mundo da leitura para a leitura do mundo. 5.ed. São Paulo: Ática, 2002.

LOUREIRO, Alice Maria Almeida. **O ensino da música na escola fundamental**. São Paulo: Papyrus, 2003.

KATO, Mary Aizawa. **O aprendizado da leitura**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

MARQUES, Cláudio de A.; RIBEIRO, Ana Paula de M.; CIASCA, Maria I. F. L.; Paic: o pioneirismo da avaliação municipal com autonomia. **Estudos em avaliação Educacional**, v.19, n. 41, set/dez 2008.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 19. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 3 ed. São Paulo: Hucitec/ Abrasco, 1994.

MARTINS, Maria Helena (org.). **Questões de linguagem**. 4 ed. São Paulo: Contexto, 1994. (Coleção Repensando o Ensino).

MOLL, J. **Alfabetização possível: reinventando o ensinar e o aprender**. Porto Alegre: Mediação, 1996.

MORTATTI, Maria. R.L. Os sentidos da alfabetização (São Paulo: 1876-1994). São Paulo: Ed. UNESP; CONPED, 2000.

ROMANELLI, Otaíza. **História da educação no Brasil 1930/1973**. Rio de Janeiro/ Petrópolis: Vozes, 1978.

SILVA, Ezequiel Theodoro. **O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia de leitura**. 7. ed. São Paulo. Cortez, 1996.

SILVA, E. T. da. O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura. São Paulo: Cortez, 2002.

SOARES, Magda. **Linguagem e escola: uma perspectiva social**. 10. ed. São Paulo: Ática, 1993.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes. (2005).

## APÊNDICE

**APÊNDECE A: QUESTIONÁRIO DIRECIONADO AOS PROFESSORES****DADOS DE IDENTIFICAÇÃO**

Ano de atuação: \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_

Sexo: Masculino ( ) Feminino ( ) Formação Acadêmica: \_\_\_\_\_

Tempo de atuação no magistério: \_\_\_\_\_

Tempo de atuação na escola: \_\_\_\_\_

Quando fez a última capacitação? \_\_\_\_\_

Quanto tempo atua como alfabetizador? \_\_\_\_\_

1. Como é realizado o processo de leitura para os alunos da escola?
2. De acordo com as práticas de leitura aplicada quais as dificuldades encontrada?
3. Os professores buscam outras dinâmicas para realizar a prática da leitura?
4. De que forma os professores podem identificar as dificuldades de leitura em seus alunos?
5. As metodologias usadas para realizar a prática da leitura em sala são suficientes? Sim ou Não? Justifique.
6. Qual o posicionamento da escola em relação aos processos da dificuldade de leitura?
7. Os professores possuem capacitação para essas dificuldades como uso da leitura?
8. Quais os recursos usadas em sala de aula no processo da leitura?

**ANEXOS**

**ANEXO A – CARTA DE APRESENTAÇÃO DA PESQUISA**

Prezado(a) \_\_\_\_\_ gestor(a) escolar da Escola E.E.I.E.F. Coronel Raimundo de Oliveira. Esta pesquisa, “LEITURA E ESCRITA E SUAS DIFICULDADES NA PERSPECTIVA DA CONSTRUÇÃO DE UMA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA NA E.E.I.E.F. CORONEL RAIMUNDO DE OLIVEIRA NO MUNICÍPIO DE CAUCAIA-CE”, será desenvolvida por meio da aplicação de questionários aos professores que lecionam do 1º (primeiro) ao 5º (quinto) ano localizadas na cidade Caucaia-CE.

Estas informações estão sendo fornecidas para subsidiar a participação voluntária neste estudo que visa o papel da leitura e escrita em nossa escola.

Em qualquer etapa do estudo, você terá acesso ao investigador para esclarecimento de eventuais dúvidas. Contato: Raimunda Cleomar Pereira Rocha telefone XXXXXXXXXXX, endereço eletrônico: XXXXXXXXXXXXX

É garantida aos sujeitos de pesquisa a liberdade de retirada de consentimento e o abandono do estudo a qualquer momento. As informações obtidas serão analisadas em conjunto com outros sujeitos da pesquisa, não sendo divulgada a identificação de nenhum participante. Fica assegurado, também, o direito de ser mantido atualizado sobre os resultados parciais da pesquisa, assim que esses resultados chegarem ao conhecimento do pesquisador.

Não há despesas pessoais para o participante em qualquer fase do estudo. Também não há compensação financeira relacionada à sua participação. Se existir qualquer despesa adicional, ela será absorvida pelo orçamento da pesquisa.

Comprometo-me, como pesquisadora principal, a utilizar os dados e o material coletados somente para esta pesquisa.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_

Assinatura do pesquisado

**ANEXO B – AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL PARA REALIZAÇÃO DA PESQUISA**

Eu \_\_\_\_\_, abaixo assinado, responsável pela E.E.I.E.F. CORONEL RAIMUNDO DE OLIVEIRA NO MUNICÍPIO DE CAUCAIA-CE, autorizo a realização do estudo sobre as LEITURA E ESCRITA E SUAS DIFICULDADES NA PERSPECTIVA DA CONSTRUÇÃO DE UMA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA NA E.E.I.E.F. CORONEL RAIMUNDO DE OLIVEIRA NO MUNICÍPIO DE CAUCAIA-CE, a ser conduzido pelo pesquisador abaixo relacionado. Fui informada pelo responsável do estudo sobre as características e objetivos da pesquisa, bem como das atividades que serão realizadas na instituição a qual represento.

Esta instituição está ciente de suas corresponsabilidades como instituição coparticipante da presente pesquisa e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos sujeitos da pesquisa nela recrutados, dispondo de infraestrutura necessária para a garantia de tal segurança e bem-estar.

Caucaia 07 de março de 2023.

---

Assinatura e carimbo do responsável institucional

---

Nome e Assinatura do pesquisador

**ANEXO C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Eu, \_\_\_\_\_

Concordo em participar da pesquisa intitulada “LEITURA E ESCRITA E SUAS DIFICULDADES NA PERSPECTIVA DA CONSTRUÇÃO DE UMA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA NA E.E.I.E.F. CORONEL RAIMUNDO DE OLIVEIRA NO MUNICÍPIO DE CAUCAIA-CE”, de autoria RAIMUNDA CLEOMAR PEREIRA ROCHA, (pesquisadora), mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação pelo World University Ecumenical, orientado pela professora Dra. Josefa Gomes Neta, PhD.

A referida pesquisa é do tipo descritiva, que envolve pesquisa de campo, segundo as abordagens qualitativas. Tem por objetivo principal detectar as dificuldades em relação às dificuldades de aprendizagem na leitura e escrita na escola, articular uma forma de a escola poder contribuir para que não haja essa carência na aprendizagem, analisar possibilidades de novas posturas para melhorar o comportamento e/ou rendimento dos alunos em sala de aula, considerar boas atitudes estudantis fundamental para o bom andamento educacional

Declaro ter sido devidamente informado pelo pesquisador dos objetivos, das metodologias e dinâmicas que seriam empregadas durante a pesquisa e dos possíveis desdobramentos da mesma. Especialmente, estou ciente de que em nenhum momento serei identificado por meio de meu nome verdadeiro, garantindo o sigilo e o anonimato das informações e opiniões que estarei fornecendo.

(    ) Autorizo o pesquisador a utilizar as informações que forneci (em encontros coletivos, entrevistas individuais e/ou em grupo), na elaboração de sua dissertação de mestrado e de outras possíveis publicações decorrentes.

DATA: \_\_\_\_\_

E-mail: \_\_\_\_\_

Telefone: \_\_\_\_\_

---

**Assinatura do participante**